

N.Cham. 655.3.027(81)(043) K74L

Autor: Knychala, Catarina Helena

Título: O livro de arte brasileiro .



8101292  
21907

V. I UnB BCE AGE

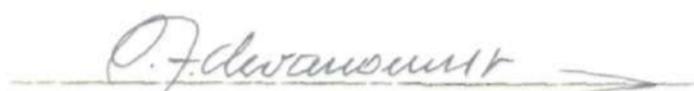
3)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE  
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,  
COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO  
DO GRAU DE MESTRE .

Brasília, 26 de novembro de 1980.

Aprovada por :

  
Prof. Edson Nery da Fonseca

  
Prof. José V. Vasconcelos

  
Profa. Cordelia R. O. Cavalcanti

#### AGRADECIMENTOS

ao professor Osvaldino Marques, que me emprestou seus livros de artee,

ao professor Edson Nery da Fonseca, meu orientador, que tão gentilmente me recebeu em sua casa para consulta á sua coleção,

ao professor Newton Diniz de Andrade, chefe de Editoração da BINAGRI que mandou tirar as cópias do trabalho.

## SUMÁRIO

### VOLUME 1

#### INTRODUÇÃO, 1

1

O LIVRO, 6

Notas, 15

2

CONCEITO DE LIVRO DE ARTE, 16

Notas. 22

3

O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO DO LIVRO DE ARTE E DE SEU CONJUNTO RECEPTOR

A mensagem múltipla do livro, 24

Mensagens na produção do livro de arte, 24

Notas, 30

Quadro 1 – Mensagens na produção do livro de arte, 35

Quadro 2 – Mensagens na disseminação do livro do arte, 36

Notas, 37

4

OS LIVROS DE ARTE E OUTROS LIVROS QUE SE DESTACARAM NA PRODUÇÃO EDITORIAL BRASILEIRA, 40

BRASIL-COLONIA E BRASIL-REINO, 40

Período anterior a 1808, 40

A vinda da Família Real e da tipografia oficial para o Brasil, 42

IMPÉRIO, 49

Iniciativas particulares, 49

A litografia, 49

A gravura em metal, 54

A xilogravura, 55

Tipografias e editoras particulares do Rio de Janeiro, 57

Tipografias e editoras nos Estados, 63

A Imprensa Nacional, 66

FIM DO SÉCULO – PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

A Imprensa Nacional, 67

Tipografias e editoras particulares, 68

O NOVO SÉCULO - PRIMEIROS ANOS, 71

Alguns livros publicados na cidade do Rio de Janeiro, 71

A Imprensa Nacional, 73

Alguns livros publicados nos Estados, 74

OS ANOS VINTE - PÓS-GUERRA, 76

Boas produções na cidade do Rio de Janeiro, 77

São Paulo - Os livros dos Modernistas, 81

Recife: O "Livro do Nordeste", 84

OS ANOS TRINTA

Produções do Rio de Janeiro, 84

Recife: Os "Guias práticos" de Gilberto Freyre, 89

São Paulo - Juiz de Fora - Petrópolis

OS ANOS QUARENTA - A GUERRA E O PÓS-GUERRA

Panorama europeu - Portugal - Brasil, 94

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 97

A Confraria dos Bibliófilos Brasileiros - As Edições Condé, 101

Edições particulares no Rio de Janeiro, 106

Outras produções no Rio de Janeiro, 108

Algumas boas produções de São Paulo, 115

Algumas produções de outras cidades, 118

Livros publicados por brasileiros no estrangeiro, 118

OS ANOS CINQUENTA - LIVROS DE ARTE

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 119

A Philobiblion, Rio de Janeiro, 125

Edições Hipocampo, Niterói, 129

O Gráfico Amador, Recife, 130

No Recife, 132

Livros publicados por brasileiros no estrangeiro, 133

OS ANOS SESSENTA -- LIVROS DE ARTE

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 134

As Edições Alumbramentos, Rio de Janeiro, 137

Edições comemorativas do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio  
de Janeiro, 139

Edição Dinamene, Salvador, Bahia, 141

Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 142

OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980 - AMPLA E BOA PRODUÇÃO DE LIVROS  
DE ARTE

Edições Alumbramento, 143

Um livro original de Gastão de Holanda e Cecília Jucá, Rio de Janeiro, 160

Editora Fontana, Rio de Janeiro - Livros de arte com texto literário, 164

Três livros de arte com poesia brasileira, 167  
Fac-símile de uma edição dos Cem Bibliófilos do Brasil, 170  
Outros livros de arte com texto literário no Rio de Janeiro, 170  
A Confraria dos Amigos do Livro, Rio de Janeiro, 172  
Livros de arte com texto informativo e documentário, Rio de Janeiro, 173  
Livros sobre arte, Rio de Janeiro, 176  
Livros sobre a infância, no Ano Internacional da Criança, 177  
Uma co-edição - Rio de Janeiro - São Paulo, 179  
Edições Invenção: livros originais, São Paulo, 180  
Massao Ohno, editor de poesia em São Paulo, 181  
Práxis Gráfica Propaganda e Editora, São Paulo, 183  
Xingu: Território Tribal, 183  
Dois belos álbuns publicados por Cândido Guinle de Paula Machado em  
São Paulo, 184  
Outros livros informativos e documentários publicados em São Paulo, 187  
Livros sobre arte publicados em São Paulo, 190  
Recife: Ranulpho Editora de Arte, 191  
Recife: Guariba Editora de Arte, Pool Editorial e Editora Raiz, 193  
Salvador, 195  
Editora Noa Noa: Rio de Janeiro - Florianópolis, 196  
MPM Propaganda - Porto Alegre, 196  
Notas, 198

CONCLUSÃO, 210

BIBLIOGRAFIA, 214

VOLUME 2

BIBLIOGRAFIA DESCRITIVA DE 44 LIVROS DE ARTE, 1

## INTRODUÇÃO

Há, no Brasil, uma tradição do livro de arte? Qual foi a produção brasileira nesse setor cultural? Quando ela se iniciou e quais foram os primeiros livros de arte aqui publicados? Essas foram algumas das perguntas feitas como ponto de partida para a pesquisa que deu origem ao presente trabalho.

Não existe um trabalho maior que trate do livro de arte brasileiro e nem uma bibliografia de tal classe de livro que possam responder tais perguntas e servir de guia aos colecionadores e outras pessoas interessadas. Não existe nem mesmo uma verdadeira história do livro brasileiro.

Temos boas fontes de pesquisas para o início - da tipografia e editoração no Brasil, no século XIX, nos Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1808 a 1822, de Alfredo do Valle Cabral (1881), na Memória histórica da Imprensa Nacional, de Francisco Gonçalves Miranda (1922), em O Livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1550 - 1822, de Carlos Rizzini (1945); nos artigos de Francisco Marques dos Santos, publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e na revista Estudos Brasileiros, entre 1937 e 1956; nos artigos e prefácios escritos por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, como, por exemplo, o prefácio para o álbum de Ludwig & Briggs, Lembranças do Brasil; no recente livro de Rubens Borba de Moraes, Livros e bibliotecas no Brasil Colonial (1979); e em outros trabalhos relacionados na bibliografia.

A História da tipografia no Brasil, publicado pelo Museu de Arte de São Paulo, ela própria uma bela edição de arte, não contém, porém, o que promete o título. O texto introdutório, de Cláudia Marino Semeraro, ocupando 17 páginas, traz informações apenas sobre o início da tipografia no Rio de Janeiro e nos Estados, referindo-se, muitas

## INTRODUÇÃO

vezes, apenas a tipografia de jornal. Importantes são os fac-símiles apresentados que, infelizmente, são acompanhados de uma breve legenda sobre o autor, nada se informando sobre a tipografia, a arte gráfica do livro.

Também O Bibliófilo aprendiz, de Rubens Borba de Moraes, agradável livro, escrito em tom ameno de conversa, sobre o que deve saber o bibliófilo iniciante, traz boas informações sobre o livro brasileiro e sobre o livro de arte.

Referências de livro brasileiros mais antigos podem ser encontradas nas revistas acima mencionadas, em anúncios e artigos de jornais e revistas de cultura, em catálogos de bibliotecas, livrarias e leilões e em bibliografias. Entre as revistas de cultura brasileiras mais antigas temos, por exemplo, Anhembi, Cultura, Ilustração Brasileira, Kosmos, Leitura, Planalto, Revista Brasiliense, Revista da Semana, Revista do Brasil, Roteiro, Tentativa, etc. Referências de livros de arte brasileiros publicados a partir de 1937 podem ser encontrados no Handbook of latin american studies, na seção "Brazilian Art", assinada por Robert C. Smith Jr. e outros e, os mais recentes, são anunciados em catálogos de bibliotecas, livrarias e editoras, em alguns periódicos que anunciam lançamentos de livros de arte, como a revista Arte hoje, e nos artigos e suplementos de arte e de literatura dos principais jornais brasileiros da atualidade.

Com respeito a ilustração do livro brasileiro, o Dicionário de artes plásticas no Brasil, de Roberto Pontual, e o Dicionário Brasileiro de artistas plásticos, em 4 volumes, do INL, são importantes para consulta sobre os artistas ilustradores. A Gravura brasileira contemporânea, de José Roberto Teixeira Leite, primeira publicação avulsa sobre a gravura brasileira, traz boas informações e críticas sobre os gravadores. Imagem e letra, de Orlando da Costa Ferreira, embora mais restrito as ilustrações de jornais e revistas no século XIX, contem boas informações sobre as diversas técnicas empregadas na ilustração e sobre os primeiros gravadores e primeiros livros ilustrados brasileiros.

## INTRODUÇÃO

Para conhecimento do livro de arte estrangeiro, podemos começar analisando as obras Le Livre d'art du XIXe siècle à nous jours, de Raymond Hesse (1927), The Art of the book: some records of work parried out in Europe and U.S.A.: 1939-1950, editado por Charles Ede em 1950, os livros de Pierre Mornand, entre os quais Vingt artistas du livre, publicado em 1950, e outras publicações indicadas na bibliografia.

Além das fontes informativas publicadas, foram utilizados, nas pesquisas para o presente trabalho, entrevistas e análise direta dos livros de arte brasileiros existentes na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e da Biblioteca do Senado Federal, e nas coleções particulares de Edson Nery da Fonseca, de Oswaldino Marques e da autora. As pesquisas programadas em outras bibliotecas – como a Biblioteca da câmara dos Deputados, a Biblioteca do Itamaraty, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo – e em coleções particulares – como a coleção de José Mindlin, de Rubens Borba de Moraes, de Abílio Machado Filho e outros, – não puderam ser realizadas devido a falta de tempo antes do prazo marcado para a entrega da Dissertação de Mestrado. Serão, porém, posteriormente realizadas para completar o trabalho, com vistas a sua publicação. Serão também, na medida do possível, entrevistados bibliógrafos, bibliófilos, editores, artistas ilustradores e artistas gráficos e escritores que não puderam até agora ser contactados.

Como capítulo introdutório deste trabalho, será apresentado um breve histórico do livro de arte na Europa; no segundo capítulo serão apresentadas as suas diferentes conceituações e, no terceiro capítulo, um estudo do processo de comunicação na produção e na disseminação do livro de arte, observando-se os aspectos técnicos e sociológicos.

Embora, como veremos, o conceito de livro de arte possa variar, serão estabelecidas para este trabalho, uma definição e uma tipologia do livro de arte, a fim de facilitar o levantamento e a classificação da produção brasileira. Será considerado livro de arte aquele

## INTRODUÇÃO

que se apresenta como um objeto com valores estéticos tais como boa qualidade e beleza do papel, dos caracteres tipográficos e da encadernação, arquitetura e diagramação harmoniosas e não necessariamente ilustrado; mas, se contiver ilustrações, serão consideradas não só as ilustrações feitas com processos manuais, como a xilogravura, a gravura em metal, a litografia e a serigrafia, como também fotografias artísticas e reproduções por processos fotomecânicos.

Considerar-se-ao, no levantamento dos livros de arte, tanto o livro produzido propositalmente como livro de arte, com técnicas e materiais que o distinguem dos demais livros publicados em sua época, com tiragem limitada, e destinado a um pequeno número de pessoas, como também o livro produzido natural e espontaneamente como uma obra de arte, com técnicas e materiais próprios de seu tempo.

Considerando o conceito e a tipologia acima estabelecidos, no 4º capítulo serão destacados, no contexto da produção editorial brasileira, os livros de arte aqui publicados.

Embora situada em primeiro lugar para atender a uma organização do trabalho, a primeira parte – constituída de 4 capítulos acompanhados de notas e de bibliografia – depende do levantamento apresentado na segunda parte, que consistirá especificamente de uma bibliografia descritiva de livros de arte publicados no Brasil, com entrada pelo título. A entrada pelo título se justifica pelo fato de que o livro-objeto de arte é um trabalho coletivo, do qual participam vários artistas, reunidos e coordenados pelo editor ou pelo artista que projeta a arquitetura do livro.

Com a apresentação dos livros de arte brasileiros procurou-se, além de contribuir para o levantamento da bibliografia especializada e a preservação de dados técnicos, demonstrar três maneiras diferentes de descrever um livro. Na 1ª parte, será dada ênfase aos aspectos históricos, juntamente com uma descrição sumária do livro, em linguagem corrente. Na 2ª parte – a bibliografia descritiva – além da ficha catalográfica, com dados essenciais do livro, será feita, em primeiro lugar, uma descrição pormenorizada, em linguagem técnica, com

## INTRODUÇÃO

abreviaturas, suficiente para se obter um determinado nível de informações técnicas. Em segundo lugar, para informações técnicas mais aprofundadas e mais precisas, de interesse principalmente para artistas gráficos e editores, será apresentada uma transcrição parcial do livro, com as medidas dos tipos, dos brancos, das manchas, das margens e das paginas, feitas sempre em milímetros, de modo que a diagramação do livro possa ser aproximadamente reconstituída não so em medidas tipográficas, mas numa medida mais universal e popular. A medida anotada para os tipos corresponde a altura das maiúsculas.

A bibliografia descritiva será precedida de uma legenda com as abreviaturas utilizadas e os critérios adotados para a cotação.

## O LIVRO

Além de um símbolo cultural com valores semânticos, o livro foi sempre considerado também um objeto cultural, com valores plásticos que agradam à vista, ao tato e ao espírito. Compondo harmoniosamente as partes brancas e as partes escritas de uma página, decorando-a e encadernando o volume, os artesãos do livro sempre se preocuparam com a estética do veículo das ideias, mesmo em se tratando de simples instrumento de trabalho.

Na Idade Média, com o apogeu artístico do livro manuscrito, somente um grupo de privilegiados podia possuí-lo, devido a sua raridade e seu alto preço. O alto preço decorria da soma de trabalho que ele exigia na sua feitura, considerando-se os fatores tempo e dotes artísticos, e, a raridade, do fato de que só existia um único exemplar, já que, das cópias que se tiravam, nenhuma era igual a outra, cada uma se constituindo em trabalho original.

A invenção da imprensa, porém, veio tornar o livro mais acessível, veio "vulgarizá-lo". Mas os primeiros tipógrafos, procurando atender as necessidades dos espíritos mais sensíveis à arte, principalmente a arte da decoração, e conhecendo também o desejo de posse do objeto único que dominava a classe de elite, que ansiava possuir objetos inacessíveis à "massa", procuraram fazer do livro impresso, além de um objeto de arte<sup>1</sup>, um objeto único, tirando em pergaminho especial alguns exemplares para as grandes personalidades e mandando ilustrá-los à mão pelos mesmos calígrafos que iluminavam os manuscritos.

O livro impresso continuou, assim, por muito tempo, guardando as características do manuscrito: texto em duas ou mais colunas, largas margens para serem decoradas à mão e grandes vazios nos lugares das letras capitulares, para que estas pudessem ser fartamente

ornamentadas. Além disso, por mais de sessenta anos coexistiram lado a lado os livros manuscritos e os livros impressos.

Diga-se de passagem, essa persistência de materiais e técnicas ultrapassadas aconteceu sempre na história do livro. Depois de iniciado o uso do pergaminho, o papiro continuou a ser empregado por muito tempo, e da mesma maneira o pergaminho continuou a ser usado como material nobre depois da invenção e fabricação do papel. O papel manual tornou-se um luxo e continuou a ser utilizado depois da invenção da máquina de papel. Depois da invenção da imprensa, como vimos, o livro continuou por muito tempo a ser caligrafado e iluminado para uma elite e, depois da invenção dos processos fotomecânicos de reprodução, considerou-se livro de arte aquele livro composto e impresso manualmente e ilustrado por processos manuais de gravura, como veremos mais adiante. Esperamos, como Escolar Sobrino, que, nos séculos futuros, mesmo dispondo de computadores e outras inovações tecnológicas, o homem "continuará sentindo amor pelo livro e prazer em lê-lo e possuí-lo".

Com o passar do tempo, o livro impresso pôde também satisfazer no homem a sua sensibilidade e a sua necessidade de "status" social. Também ele veio a se constituir um objeto artístico, distinguindo o seu feliz possuidor da grande maioria, que possuía o livro funcional feito exclusivamente com a única preocupação de divulgar conhecimentos. Ao lado dos livros impressos imitando manuscritos apareceram livros inteiramente impressos com verdadeira arte tipográfica.

Por algum tempo os tipógrafos, impacientes por divulgar os textos, preocuparam-se mais com a legibilidade e a beleza dos tipos, delegando a decoração o papel de acessório, ao contrário da atitude dos artesãos do livro manuscrito, que consideravam importante o papel da decoração.

Na França a introdução da gravura nos livros impressos foi mais retardada devido a forte tradição da iluminura, feita com perfeição por uma poderosa organização de miniaturistas.

Em 1461, poucos anos depois da impressão das primeiras Bíblias, a ilustração do livro começou a se liberar da técnica de ornamentação do livro manuscrito quando, em Bamberg, apareceu um livro ilustrado com gravura em madeira, o Der Edel Sein, de Ulrich Boner, e, logo em seguida, outros, embora ainda se tratassem de xilogravuras arcaicas, do tipo das gravuras religiosas do fim da Idade Media, e muitas continuassem a ser coloridas a mão, principalmente em alguns exemplares especiais, destinados a grandes personagens. Em 1477, em Florença, foi lançado um belo livro ilustrado com gravuras a talho-doce, cujas pranchas foram desenhadas por Botticelli, e os impressores aderiram ao novo processo. Ainda no século XV, porém, surgiram belas xilogravuras alemãs, italianas e francesas e, no século XVI, as admiráveis xilogravuras lionesas.

Durante os séculos XV e XVI, influenciada pela arte do Renascimento, a arte do livro impresso europeu resplandeceu e se libertou completamente do livro manuscrito, adquirindo um estilo particular, no qual predominava a arquitetura, traduzida em proporções harmoniosas e letras de fina elegância, resultando um produto que, independentemente do valor de seu conteúdo, iria sobreviver como modelo artístico.

Com o uso da gravura a talho doce, tirada a parte, a ilustração não se misturando com o texto, criou-se uma nova disposição do livro, onde a tipografia e a imagem se alternavam ritmicamente. Antes do século XVIII, porém, essa regularidade clássica foi transtornada com a fantasia exuberante dos decoradores.

Buscando a harmonia entre os caracteres, o papel e as gravuras, por mais de três séculos a ilustração do livro foi um prolongamento da tipografia, confiada que estava a ornamentistas especializados e não a pintores. Como exemplo dessa concepção, Vaucaire cita o livro La Cathedrale, ilustrado pelo rígido e frio Jouas, e imagina a beleza que não seria esse livro ilustrado por Claude Monet, ou um Rabelais ilustrado por Breughel. Seria mais sentimento do que simples decoração. No século XVIII, porém, um Molière já foi ilustrado por

Boucher, resultando, podemos dizer, o primeiro "livro de pintor". Em 1780 os Contes, de La Fontaine, foram ilustrados com desenhos de Fragonard. Mas, para que o livro de pintor se tornasse perfeito seria necessário, como observou Vaucaire, que o artista não fosse traído pela interpretação do gravador, mas que fosse ele mesmo o executor da gravura. E somente no início do século XIX, com a invenção da litografia, é que os artistas se viram livres do obstáculo técnico da xilogravura e do talho-doce que os separava da ilustração do livro, pois eles então puderam desenhar direta e livremente sobre a pedra, com seus movimentos naturais, como se fosse numa folha de papel. Dentro dessa nova técnica, o primeiro livro de pintor que surgiu foi o Fausto, ilustrado por Delacroix em 1828.

Com a invenção da litografia, mudou-se também o papel empregado para a tiragem das gravuras. Enquanto no século XVIII, para as gravuras em cobre, se utilizava, um papel grosso e forte, papel Holanda, geralmente, no início do século XIX, para a litografia, passou-se a usar o Vélin ou papel China, um papel muito fino, acinzentado, com minúsculos filamentos azuis ou róseos. Um papel bem fino passou a ser empregado também para gravura em madeira que, em 1825, tomou novo impulso, com a invenção da xilogravura de topo, que resultou em gravados tão finos que, depois de impressos, se assemelhavam as gravuras em cobre.

No segundo terço do século XIX as vinhetas românticas se espalharam livremente pelo texto, pelo título e pela capa, tão intimamente incorporadas ao texto que o livro apresentou uma unidade somente encontrada nas melhores fases de sua história. Nesse período de apogeu do Romantismo os formatos se tornaram variados e apareceram cada vez com mais freqüência os pequenos formatos in-12 e in-16. A litografia foi representada na Europa por Daumier e Gavarni e a gravura em madeira por Gustave Dore e sua equipe de gravadores.

Esse século, após a invenção da máquina de papel, em 1798, viu o surgimento da prensa mecânica, em 1812, da prensa rotativa, em 1850, e, a partir de 1850, a invenção dos processos fotomecânicos e

do linotipo, o que fez aumentar a velocidade da composição e da impressão. A necessidade de baixar o custo de fabricação trouxe a criação do livro telado, depois do cartonado e, finalmente, da brochura. Começaram-se também a publicar obras em fascículos, o que facilitava a aquisição dos livros, que surgiam da encadernação dos fascículos.

A técnica do livro, atingindo um grande desenvolvimento e colocando a boa qualidade gráfica ao alcance de uma grande maioria, fêz surgir novamente a necessidade de diferenciação que havia se manifestado no início da tipografia, e surgiram, nos últimos anos do século XIX, movimentos em favor do retorno ao artesanato, criando-se, assim, o livro de luxo e o livro de arte e estabelecendo-se uma diferença entre o livro comum e o livro de bibliófilo. Começaram a surgir livros artesanais compostos manualmente, com gravuras originais, impressos em velhas prensas manuais e em pequenas tiragens sobre papel manual, destinados aos bibliófilos. Mesmo em edições comuns, em tiragens maiores, tornou-se costume tirarem-se exemplares raros, em número de 12 a 20, sobre papel de qualidade, destinados ao autor, ao artista e ao editor.

Mas também o mau gosto de certos livros industrializados levou à criação de livros de arte. William Morris, na Inglaterra, querendo renovar o artesanato, por hostilidade a máquina, que ele responsabilizava pelo mau gosto dos objetos industrializados, produziu livros caros, de tiragens restritas, entrando assim, através de sua produção, em contradição com suas convicções socialistas, segundo as quais "pouco nos importa uma arte que não é acessível a todos".<sup>4</sup> Sua arte era consumida por uma minoria privilegiada que podia comprar produtos artesanais. Em 1890 ele criou a Kelmscott Press, que publicou mais de cinquenta livros de arte.

Antes dele, também William Blake, na Inglaterra, havia produzido belos livros de arte, de tiragens reduzidíssimas, mas por um motivo diferente. Utilizou uma técnica especial para imprimir, ele mesmo, seus poemas, pois, apesar de ilustrador famoso, não conseguiu editor para seus versos. Passou a gravá-los sobre chapa de cobre,

juntamente com os desenhos que, depois de impressos, eram coloridos a mão. Com essa técnica, que ele chamou de illuminated printing (impressão iluminada), ele imprimiu vários de seus livros, entre os quais Songs of innocence (1789) e Songs of experience (1794).

No final de século XIX surgiu também uma reação contra as "edições de luxo" de mau gosto, reação encabeçada pelo editor Edouard Pelletan e pelo pintor Maurice Denis que, pensando nos antigos missais de paginação rítmica e faustosas capitulares, sonhava com uma ilustração que não mais fosse escrava do texto, que não tivesse exata correspondência com ele, mas resultasse "uma espécie de bordado de arabescos sobre as páginas, um acompanhamento de linhas expressivas".<sup>5</sup> Isso ele tentou realizar, primeiramente pela litografia, e depois através dos irmãos Bertrand, os interpretes capazes de materializar seus projetos.

A partir de então o desenho deixou de ser o comentário da palavra, para se evidenciar por si mesmo, e esse paralelismo entre linguagem plástica e linguagem do texto tornou-se o verdadeiro sentido da ilustração moderna. De grande importância nessa renovação da concepção global do livro foi o movimento Art Nouveau, que deu ao livro um estilo autêntico e fez ressurgir a ornamentação com cores raras e decoração floral e curvilínea, que invade até mesmo as letras impressas.

Em 1900 surgiu novamente uma moda do começo da tipografia: os bibliófilos procuravam exemplares em papel de qualidade, com largas margens, as quais mandavam ornamentar com aquarelas, dando-lhes assim uma marca de originalidade, de exemplar único.

Os livros de pintores, que já haviam começado a surgir no início do século XIX, com a invenção da litografia, situam-se, em sua melhor forma, na primeira metade do século XX, utilizando em grande escala uma linguagem plástica independente. Editores como Ambroise Vollard, H. Kessler, Skira, Teriade e Maeght encomendaram ilustrações a pintores, e H. Kahnweiler, marchand de quadros, propõe textos de autores de vanguarda (Apollinaire, Max Jacob, Satie) aos

pintores fauves e cubistas (Derain, Picasso, Braque). Bonnard ilustrou com litografias as margens de Parallelement, de Verlaine (1900); Max Ernst, Dean Miro e Yves Tanguy ilustraram L'Antitête, de Tristan Tzara (1949); R. Ubac ilustrou Lisières du devenir, de L. Scheller (1963).

A linguagem plástica, no entanto, muito independente, desvinculou-se da arte global do livro, pois os pintores tinham suas vistas voltadas inteiramente para as pranchas onde trabalhavam.

Dando mais atenção ao espaço em branco e lançando o "livro-simultâneo", surgiram os livros de poetas.

Mallarmé, em Un Coup de dés jamais n'abolira le hasard (1847), redistribuiu os brancos, que substituíram a pontuação. O espaço, aí, como observou Valéry, "fala, pensa, cria formas temporais" e pode-se ver a "figura de um pensamento". Blaise Cendrars, em 1913, lançou o primeiro "livro simultâneo", La Prose du Transibérien, folha desdobrável de dois metros de comprimento, onde a composição tipográfica contínua é cercada com formas coloridas de Sônia Delaunay. Tristan Tzara foi mais longe desintegrando a tipografia em seu poema simultâneo, L'Admiral cherche une maison à louer (1916), que dá ao leitor a liberdade de fazer as associações que lhe convém, mantendo-o, ao mesmo tempo, na diretriz do autor. Essa ausência de direções perceptivas na página impressa leva o leitor ao mesmo tempo a uma decifração descontínua, a uma percepção simultânea e ao movimento.

Num desafio as linguagens dos media modernos, procuram-se cada vez mais aplicar aos livros novos e múltiplos recursos.

Distanciando-se do "homem tipográfico", isto é, o homem de hábitos visuais lineares, MácLuhan, como outros, procura produzir livros que levam a um registro global dos dados. Libertando-se da tipografia linear e baseando-se na descontinuidade e na simultaneidade, seu livro The Medium is the message (1967), por exemplo, é concebido como um mosaico.

A edição de Cantatrice chauve (1964), de Ionesco, mostra uma nova maneira de ler o teatro, conferindo a fotografias de atores um valor de ideograma e, pelo jogo das imagens e do texto, traduzindo a duração e o espaço cênico.

No Brasil, Gastão de Holanda e Cecília Jucá conceberam a estrutura de um livro - Escritura (1973) - como um objeto múltiplo e lúdico, cujo texto, "hieroglífico", é uma espécie de charada. Compõe-se, além das páginas iniciais e finais, de oito cadernos soltos, diferentes e independentes, em folhas desdobráveis, e que apresentam, cada um, uma espécie de pictograma em que gravura e letra interagem num conjunto, não havendo ilustração stricto senso, mas sim concepções paralelas de texto e imagem. Cada caderno admite diversas formas de leitura, levando o leitor ao raciocínio ou ao simples devaneio e causando-lhe surpresas diversas.

A Bauhaus, apresentando uma tipografia mais persuasiva, pela clareza das letras, pela sua ordem, pela sua arquitetura, exerceu maior influência no livro industrial.

A produção, cada vez mais mecanizada, soube, no entanto, em alguns casos, conciliar as possibilidades oferecidas pelas máquinas e o trabalho individual do artista e levou à criação de novas regras estéticas que prevêm, desde a primeira concepção do trabalho, o produto final e definitivo. Hoje, há belos livros ilustrados por grandes gravadores, desenhistas e pintores, não se deixando de lado, porém, os processos de fotocomposição e as fotografias artísticas.

Considerando que o bibliófilo gosta de exemplares raros, os industriais forçam, às vezes, a produção de livros raros com tiragens intencionalmente reduzidas, mas o produto resultante é de uma raridade artificial, muito diferente da raridade espontânea e natural dos livros artesanais.

Há casos, porém, de necessidade absoluta de redução da tiragem de uma edição, como no caso de textos de rico repertório e pequena audiência. Uma pequena tiragem, por sua vez, eleva consideravelmente o custo por exemplar. Por outro lado, o altopreço do livro (de pe-

quena tiragem) deve ser justificado com uma boa apresentação gráfica, que eleva mais ainda o seu preço e que, as vezes, até, resulta em uma edição de luxo ou de arte. O livro de arte, dessa maneira, satisfaz esteticamente a um pequeno grupo, uma elite cultural, sob dois aspectos: da informação e da materialidade da informação.

Essa elite cultural as vezes, se reúne em sociedades de bibliófilos, que começaram a surgir no século XIX. A primeira delas, o Roxbury Club, surgiu na Inglaterra em 1813. No século XX multiplicaram-se e se espalharam pelo mundo numerosos clubes e sociedades de bibliófilos. Seus livros foram impressos em papel de boa qualidade, como o China, o Japão, o Whatman ou o Holanda, com tiragem reduzida, com exemplares numerados e até mesmo nominativos. No ante-guerra havia, por exemplo, na França, Les 100 Bibliophiles, a Société des Amis des Livres, Le Livre Contemporain, etc. O último livro lançado pelos clubes de bibliófilos desse período foi o Livre de la Jungle, de Kipling, com xilogravuras em cores de Schimied. Após 1919, as sociedades de bibliófilos, na França, eram outras: os Médecins Bibliophiles, os Bibliophiles du Palais, os Cent-une, etc., e as tiragens, de grande luxo, não passavam de cem exemplares. Durante uns vinte anos os livros de luxo e os livros de arte tiveram êxito extraordinário. Apareceram autores e ilustradores novos. É a época de Gus Bofa, Daraguès, Chas Laborde, Charles Martin, Dignimont, Falké, Decaris, Carlegle, Hermine David, etc. Em poucos dias, os preços dos livros, duplicavam e triplicavam e surgiu a Bolsa de Livros. Com o advento da Segunda Guerra, além da destruição de livros, a falta de papel reduziu ao máximo a atividade dos editores. Estes, porém, reiniciaram com nova força suas atividades, produzindo novos livros que permanecerão, pelos séculos, como modelos de arte gráfica.

## NOTAS

<sup>1</sup>Como observou Vaucaire, os primeiros impressores trabalharam ainda como calígrafos, produzindo livros admiráveis em equilíbrio e beleza, assim como os primeiros fotógrafos viriam a trabalhar como pintores, fazendo fotografias que são verdadeiras obras de arte. Michel Vaucaire, La Bibliophilie (Paris: Presses Universitaires de France, 1970), p.40.

<sup>2</sup>Hipólito Escolar Sobrino, Historia do livro em cinco mil palavras (São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1977), p.42.

<sup>3</sup>Vaucaire, La Bibliophilie, pp. 61-62.

<sup>4</sup>Encyclopaedia Universalis, "Livre".

<sup>5</sup>Maurice Denis, "Definición del neo-tradicionalismo", em Maurice Denis, Teorias: 1890-1910 (Buenos Aires: El Ateneo, 1944), p.32. O artigo original foi publicado pela primeira vez em Art et critique, de 23 e 30 de agosto de 1890, quando Maurice Denis ainda era aluno da Escola de Belas Artes. Foi depois reunido a outros escritos em um volume publicado em 1912, com o título Theories (1890-1910).

6

Paul Valéry, "Le coup de dec", em Paul Valery, Ecrits divers sur Stéphane Mallarmé (Paris: Editions de la N.R.F., 1950), p.15. Trata-se de uma carta publicada na revista Les Marges de fevereiro de 1920.

## CONCEITO DE LIVRO DE ARTE

Os estudiosos do assunto têm estabelecido conceitos de livro de arte que mudam um pouco conforme a época e as técnicas empregadas, mas que, em sua essência, concordam em que o livro de arte é aquele visto como objeto cultural com valores estéticos, além de símbolo cultural com valores semânticos.

O editor francês Edouard Pelletan, em 1896, exigia como condições indispensáveis para a beleza de um livro: "um texto notável - ilustrado com gravuras sobre madeira de desenhos feitos por um ilustrador especial - e impresso com um cuidado perfeito", rejeitando, assim, todos os processos de ilustração que não fossem a xilogravura, "cujo sentido tipográfico está em harmonia com a letra". Segundo ele, o livro de arte não deveria se destinar apenas aos afortunados, mas a todos os que "amam e compreendem o belo".<sup>2</sup>

Concordando em parte com Pelletan, Raymond Hesse, em 1927, estabelecia que a edição de arte deveria apresentar um texto de interesse literário, ilustrado por processo original que não fosse nem fotográfico e nem mecânico, e ser impressa com cuidado sobre papel de boa qualidade, em tiragem limitada. Aceitava, porém, para a ilustração, as técnicas da água-forte, da ponta-seca e da litografia, em preto e branco ou em cores, que seriam, a seu ver, além da xilogravura, os únicos processos de ilustração que deveriam ser empregados no livro de arte. A heliogravura e a fotogravura, apesar da perfeição do processo, não deveriam, na sua opinião, ser consideradas processos artísticos. Além disso, o artista ilustrador deveria acompanhar o texto de "comentários saborosos", tornar vivos os personagens e reconstituir com exatidão o cenário e a ação. Ele não concebia a ilustração, portanto, como ornamento do livro, não lhe dava independência, mas

concedia-lhe também valores semânticos. Também não tinha a mesma concepção de gravura que temos hoje, quando o próprio artista criador é o gravador, isto é, trabalha diretamente na prancha de madeira ou na placa de metal. Além do editor, que concebe o livro, e do artista, que o ilustra, deveriam participar do trabalho de produção do livro o gravador, que cortava a madeira ou riscava a água-forte, o tipógrafo, que o imprimia, e o trabalhador que tirava as estampas.

O aspecto da importância, para o livro de arte, do trabalho anônimo das "escolas" e do esforço coletivo em busca da perfeição, foi ressaltado pelo bibliófilo espanhol D. Jesús Domingues Bordona, no prefácio que escreveu para o catálogo da Exposição do Livro de Arte na Espanha, realizada em 1933:

És de notar que en estas obras extraordinárias, y aún en otras menos significativas, se nos ofrecen junto con los altos valores espirituales de inspiración personal, otras apreciables cualidades, como la del primor de las técnicas. que tanto o mas que a privilegiadas disposiciones individuales, parecen atribuibles ao esfuerzo colectivo y permanente en busca de la perfección, a la labor anónima de la "escuela" que entre nosotros tiene una existencia tan relativa.

Em artigo onde cita a Sociedade de Bibliófilos Argentinos, fundada em 1928, Atilio Chiappori, crítico de arte argentino falecido em 1967,<sup>5</sup> mostra que o livro de arte, considerando-se os progressos dos procedimentos gráficos, não deve ser aquele completamente artesanal, tirado em edições restritas, patrimônio de uma minoria seleta. Distingue-o do livro de luxo, aquele que exhibe a riqueza de um papel especialmente fabricado, de tipos especialmente fundidos para sua impressão, de ilustrações primorosas, mas às vezes destoantes ou insossas, e de encadernações suntuosas, carregadas de ferro e de policromias.<sup>6</sup>

Na opinião de Guy Le Menach, em sua Initiation à la technique

du livre, publicado em 1957, um livro de luxo (que pode também ser um livro de arte) pode conter ou não ilustrações. Não as contendo, suas características, segundo ele, são as seguintes: texto de qualidade, já publicado, formato geralmente maior do que o livro comum, papel de qualidade, composição em caracteres de corpo grande e nítidos, amplas margens, títulos e primeiras letras dos capítulos impressos em vermelho, para aumentar ainda mais a beleza da impressão, e tiragem reduzida e numerada. Terá mais valor, obviamente, se não houver reimpressão.

O livro de luxo ilustrado, na opinião de Le Menach, deve conter os mesmos elementos de qualidade e ainda ilustrações de artistas famosos por suas próprias obras ou pelo talento em reproduzir obras-primas através de reproduções mecânicas, sem alterar o caráter do original. As ilustrações podem ser reproduções de aquarelas ou outras pinturas por processos mecânicos, podem também ser coloridas a mão ou, ainda, os livros de luxo podem apresentar desenhos ou aquarelas originais, assinados pelo artista. Os livros ilustrados com gravuras, segundo ele, terão mais valor se apresentarem gravuras avant-la-lettre, isto é, gravuras tiradas e incluídas no livro antes de feita sua legenda. Algumas vezes elas são acompanhadas de um pequeno sinal ou desenho suplementar, colocado na parte inferior pelo artista, e que se chama remarque. Alguns, mais valiosos ainda, apresentam uma mesma gravura em três ou quatro provas-de-estado diferentes. No caso de gravuras a cores, pode-se apresentar uma prova-de-estado de cada cor empregada, além da gravura final, resultante da superposição das cores.

No Diccionario de bibliotecología publicado na Argentina, em 1963, Domingo Buonocore define o livro de arte, que ele inscreve no verbete "Edición artística", como aquele que tem valor estético e que deve reunir os seguintes elementos: "tamaño adecuado, papel de calidad, tipos hermosos, intensidad uniforme de la tinta, armónica distribucion y espaciado de la escritura y concordância perfecta en-

tre el texto y las ilustraciones y entre la formula literária o el genio del autor y la formula tipográfica o estilo de los caracteres."

No verbete "Edicion de lujo", Buonocore distingue o livro de arte do livro de luxo, que se caracteriza somente pela qualidade da matéria-prima empregada, independentemente das condições estéticas da tipografia e da ilustração. Um livro de luxo, no entanto, pode ser um livro de arte, e um livro de arte, por sua vez, pode ter uma edição de luxo. O livro de bibliófilo reúne, na sua opinião, as qualidades do livro artístico e do livro de luxo, mas nem todo livro de luxo é, necessariamente, livro de arte e de bibliófilo. Buonocore esclarece também o que é um livro raro – o livro escasso ou pouco comum, ou por ter tido uma tiragem voluntariamente reduzida, ou pelo desaparecimento natural dos exemplares de uma edição antiga., ou pela destruição de exemplares devido a incêndios ou outras catástrofes, à vontade do autor ou a censura.<sup>8</sup>

Definindo edição de luxo como aquela que se distingue das demais pela sua feitura especial, pela qualidade do papel e pelo mérito das gravuras, Beatriz Massa de Gil, em seu dicionário publicado no México em 1964, considera uma edição artística como a edição de luxo confeccionada artisticamente e com elementos de qualidade. Também inclui, no dicionário, definições de outros tipos de edição cujas características podemos aplicar ao livro de arte: "Edición de suscriptor", "Edicion de gran papel", "Edicion especial", "Edicion limitada", "Edición para bibliófilo" e "Libro de hojas sustituibles".

Antônio Houaiss, em seus Elementos de bibliologia, não trata do livro de arte, mas define "Livro de bibliófilo" como aquele "feito com material e cuidados gráficos custosos, o que traduz uma atitude judicatoria de valor, quanto ao conteúdo do livro, nem sempre confirmada pelos contemporâneos ou pelos pósteros". Ao tratar da tradição do livro, observa que os livros de luxo "socialmente odiosos por um lado, são, entretanto, o arsenal em que se ensaiam os livros populares de amanhã", fazendo referência a Pierre Gusman e a William M. Ivins Jr., que escreveram sobre o assunto.

Para Fernando Correia Dias, professor de sociologia da Universidade de Brasília, e que tem publicado trabalhos no campo da sociologia da arte, a característica da raridade, no livro de arte, - conforme declarou em entrevista a autora - advém do fato de que sua edição exige um certo refinamento, o que eleva seu custo, elevando o preço de venda dos exemplares, dificultando, assim, sua aquisição por um público mais amplo, de poder aquisitivo menor. O que determina a tiragem do livro de arte, portanto, na sua opinião, "é o próprio poder aquisitivo do público potencialmente interessado em livro de arte". Colocou ele, também, uma questão importante: pode ser que uma publicação modesta seja, pelo espírito renovador, uma obra de arte? Pergunta se, por exemplo, a Revista de Antropofagia e a Klaxon, na época em que foram publicadas, não tinham uma dimensão estética, não apresentavam um bom gosto, um gosto apurado e inovador? Não apresentavam, juntamente com a vanguarda representada pelos escritos, uma vanguarda gráfica também?

A historiadora americana Mary Karasch, em entrevista a autora,  
12  
definiu o livro de arte com poucas palavras - para ela, o livro de arte deve ser um objeto que gostamos de ver "simplesmente porque é uma coisa muito bonita". Ela vê no livro de arte principalmente a qualidade das reproduções e, como historiadora interessada em História do Brasil, prefere as reproduções de estampas antigas de usos e costumes brasileiros. Para ela, a quantidade de texto não importa tanto no livro de arte, que pode também conter fotografias e outras ilustrações reproduzidas mecanicamente. Quanto à tiragem reduzida, que, para ela, só tem interesse do ponto de vista do investimento, não deve ser uma característica importante do livro de arte, pois o que a limita é apenas o alto custo da produção.

Suas ideias estão de acordo com o pensamento do bibliógrafo e bibliófilo brasileiro Rubens Borba de Moraes que, em O Bibliófilo aprendiz (ed. em 1965 e em 1975), manifesta-se contra o preconceito que muitos bibliófilos têm contra a máquina, já que esta, invenção do homem, é uma ferramenta que ele maneja como quer. Na sua opinião,

"o livro, como toda arte, reflete o gosto e o estilo de seu tempo" e "voltar ao passado é copiar, imitar e plagiar, não é criar". Essas imitações de obras antigas são comparadas, por ele, a dinossauros empalhados. Quanto ao conceito de livro de arte, ele prefere não estabelecer uma definição, pois definições, conceitos e regras, no seu entender, só servem para abrirem-se exceções, conforme declarou em carta de 6 de novembro de 1978, onde, em vez de dar uma definição, escreveu:

Livros de arte, edições de luxo, tiragens limitadas, -etc,, são livros impressos para um pequeno numero de compradores que apreciam um livro bonito e bem feito. Nao são necessariamente ilustrados. O que os distingue é a qualidade da execução tais como papel, caracteres tipográficos, paginação, etc. O numero limitado de exemplares é quase sempre uma das características. O tipo da ilustração é ilimitado, tanto pode ser litografia, xilografia, fotografia quanto outros processos modernos.<sup>14</sup>

Concluindo, podemos considerar o livro de arte como sendo *além de símbolo cultural com valores semânticos,*

o livro que \/ se apresenta como um objeto com valores artísticos tais como boa qualidade e beleza do papel, dos caracteres tipográficos e da encadernação, arquitetura e diagramação harmoniosas e não necessariamente ilustrado; mas se contiver ilustrações, são consideradas nao so as ilustrações feitas com processos manuais, como a xilogravura, a gravura em metal, a litografia e a serigrafia, como também fotografias artísticas e reproduções por processos fotomecânicos.

## NOTAS

Pierre Mornand, Vingt deux artistes du livre (Paris: Le Courrier Graphic, 1948), p.5; Raymond Hesse, Le Livre d'art du XIX siècle a nous jours (Paris: La Renaissance du livre, 1927), p.85.

2

Hesse, Le Livre d'art, p.81.

<sup>3</sup> Ibid., pp.5-7.

4

Atilio Chiappori, "El libro de arte", em Domingo Buonocore, El Mundo de los libros (Santa Fe: Castelví, 1955), pp.130-131.

<sup>5</sup> Ibid., p.131.

<sup>6</sup> Ibid., p.130.

Guy Le Menach, Initiation à la technique du livre et à la bibliophilie (Paris: Nouvelles Editions Debresse, 1957), p.93.

Domingo Buonocore, Diccionario de bibliotecologia (Santa Fe: Castelví, 1963), pp.123-124,203.

9

Beatriz Massa de Gil et al., Diccionario tecnico de bibliotecnomía: espanol-inqlés... (Mexico, Editorial F. Trillas, 1964), pp.68-71,117.

Antônio Houaiss, Elementos de Bibliologia (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967), pp.32,77, com referência a Pierre Gusman, L'Ilustration du livre français des origines à nous jours (Paris: Jacques Harmout, 1945) e William M. Ivins Dr., Prints and visual communication (Cambridge: Harvard University Press, 1953).

Entrevista com Fernando Correia Dias, Brasília, 25 setembro 1978 (fita e transcrição na coleção particular da autora).

12

Entrevista com Mary Catherine Karasch, Brasília, 29 setembro 1978 (fita e transcrição na coleção particular da autora).

Rubens Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz (São Paulo: Ed. Nacional, 1975), pp.177-178.

Rubens Borba de Moraes, carta à autora, São Paulo, 6 novembro 1978.

OS LIVROS DE ARTE E OUTROS LIVROS QUE SE DESTACARAM  
NA PRODUÇÃO EDITORIAL BRASILEIRA

Gilberto Freyre, em artigo publicado no Diário de Pernambuco em 1925, queixava-se que a estética do livro quase não nos atingira, e que nós éramos, o Brasil e Portugal, os "países do livro feio", "do livro mal feito", "do livro incharacterístico". Outros se queixaram, aqui e em Portugal, observando, porém, a produção geral. Dentro dessa massa, entretanto, surgiram e surgem as exceções que, quanto mais belas, mais raras, e que sobrevivem, dada a sua qualidade material e artística.

Surgiram desde a introdução da tipografia no Brasil. Não vamos falar aqui em "primórdios", que lembram incunábulos, bíblias em letras góticas, etc. A tipografia que passou a funcionar aqui a partir de 1808, eivada já da rica influência francesa, foi a tipografia portuguesa, com o ex-diretor da Tipografia Oficial de Lisboa, acompanhado dos tipógrafos e dos melhores gravadores da Impressão Régia de Lisboa e dos melhores gravadores do Arco do Cego, e com maquinário novo, recém-chegado da Inglaterra e que, por sorte, se encontrava ainda no cais de Lisboa e foi embarcado juntamente com a Família Real e sua comitiva.

## BRASIL-COLÔNIA E BRASIL-REINO

Período anterior a 1808

Antes de 1808 os livros dos autores brasileiros eram publicados no estrangeiro, pois a Metrópole não interessava a existência de indústrias na Colônia. Justificando a proibição de "letras de imprensa" no Brasil, a Corte alegava motivos de ordem econômica, que,

por sua vez, advinham de motivos de ordem jurídica. As licenças necessárias para a publicação de qualquer livro em Portugal e em suas colônias partiam de Lisboa, e, portanto, para se publicar um livro no Brasil havia necessidade de se enviarem os originais para a devida aprovação em Lisboa, e, depois de impresso, o livro, juntamente com o original, deviam ser enviados novamente a Metrópole para o confronto entre os dois. Havia, porém, razões outras que não cabe aqui serem discutidas.

Apesar da proibição, porém, em 1747, no Rio de Janeiro, no governo de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, e com a sua autorização, Antônio Isidoro da Fonseca, tipógrafo português, instalou sua "segunda oficina", de onde saiu o primeiro impresso brasileiro, um folheto de 22pp. intitulado Relação da entrada que fez ... D. F. Antônio do Desterro Malheiro, Bispo do Rio de Janeiro ... composto pelo Doutor Antônio Rosado da Cunha ... . Antônio Isidoro fez mais dois trabalhos, um dos quais, Conclusiones metaphysicae de Ente-Realí, tese do Jesuíta Francisco de Faria, foi impresso (o exemplar encontrado) numa única página, um pedaço de seda – e não papel – em grande formato, revelando grande perícia de trabalho tipográfico. O outro trabalho, que se encontra encadernado com o exemplar da Relação, na coleção de Barbosa Machado, é um folheto de 14pp. intitulado Em aplauso do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Frei Antônio do Desterro Malheiro, Digníssimo Bispo desta cidade.<sup>4</sup>

A tipografia de Antônio Isidoro, porém, foi fechada logo que se teve notícia dela na Metrópole, que baixou uma provisão dispondo-se que se fechasse a tipografia, apreendesse o material e remetesse tudo para lá... inclusive o tipógrafo. A provisão dava o seguinte motivo para a proibição do prelo no Brasil: "Não é conveniente se imprimam papéis no tempo presente, nem pode ser de utilidade aos impressores trabalharem no seu ofxcio, aonde as despesas são maiores que no Reino."<sup>5</sup>

Em 1807, as vésperas da vinda da Corte para o Brasil, foi publicado, também ilegalmente, em Vila Rica, um Canto de vinte oita-

vas, de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, em louvor ao governador da Capitania de Minas Gerais, no dia do seu aniversário. O próprio governador, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, depois Visconde de Condeixa, desrespeitando a proibição de se imprimir na Colônia, facilitou todo o trabalho ao Padre José Joaquim Viegas de Menezes, pondo à sua disposição a prensa da Casa da Fundição e Moeda de Vila Rica. Viegas de Menezes, que adquirira alguma experiência como gravador quando estivera em Portugal, utilizou, em vez de tipos móveis, chapas de metal onde gravou a buril as letras imitadas de tipos Romano e, no frontispício, o retrato do casal Athayde de Mello e Senhora.

O Canto foi o primeiro livro ilustrado publicado no Brasil, roas nem ele e nem os três trabalhos de Antônio Isidoro da Fonseca podem ser considerados livros artístico. Dos quatro, apenas a tese do Jesuíta não é de caráter laudatório.

A vinda da Família Real e da tipografia oficial para o Brasil

Somente em 1808, quando a vinda da Família Real para o Brasil exigiu a instalação de uma tipografia para a publicação dos [documentos oficiais, é que se iniciou de fato a imprensa no Brasil com a fundação da Impressão Regia no Rio de Janeiro por um decreto datado 13 de maio do mesmo ano.<sup>7</sup> Juntamente com a oficina tipográfica de Manuel da Silva Serva, instalada na Bahia em 1811, foram as únicas tipografias que funcionaram no Brasil até a Independência, excetuando as duas tipografias clandestinas já mencionadas.

A Impressão Regia foi montada no Rio de Janeiro com maquinario todo novo, encomendado para a impressão, em Lisboa, dos papéis da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e Guerra. As caixas contendo o maquinario, recém-chegadas da Inglaterra, e que ainda se encontravam no cais, foram embarcadas para o Brasil juntamente com a Família Real. Na nau "Medusa" veio também a importante biblioteca do Ministro de Estado Antônio de Araújo e Azevedo, Conde da Barca.

Com a Corte vieram também, acompanhando Frei José Mariano da Conceição Veloso, brasileiro, que fora diretor da Tipografia Ofi-

cial de Lisboa, os tipógrafos e alguns dos melhores gravadores do Arco do Cego e da Impressão Regia de Lisboa, entre os quais os melhores Romão Eloy de Almeida<sup>9</sup> e Paulo dos Santos Ferreira Souto, o primeiro dos quais era diretor-técnico da oficina de abrição do Arco do Cego, perito em ilustração de botânica e zoologia e em documentos cartográficos. Entre os primeiros gravadores oficiais do Brasil podemos incluir também João Caetano Rivara, José Joaquim Marques, João José Ferreira de Souza e A. do Carmo e Monteiro. Orlando da Costa Ferreira, em seu livro Imagem e letra, fornece uma lista dos gravadores em ental do Rio de Janeiro no século XIX, por ordem cronológica com as datas limites do período de atividade de cada um.

Quanto a fundição de tipos, era praticada a mão, em moldes, letra por letra, muitas vezes na residência do operário, que ganhava por tarefa. Em 1821 trabalhava para a Impressão Regia Manoel Mendes Diniz, que possuía uma fundição em Matacavalos.

Dos dois mil e tantos títulos saídos da Impressão Regia, a grande maioria é de qualidade superior, na opinião do bibliógrafo Rubens Borba de Moraes, que aponta três deles, mesmo, como obras-primas da tipografia, "livros de uma beleza clássica, comparáveis as melhores composições saídas dos prelos famosos da França e da Inglaterra na mesma época". São eles: Ensaio sobre a Crítica, de Alexandre Pope, Ensaio morais, do mesmo autor, e Memória da vida pública de Lord Wellington, de José da Silva Lisboa.

Se levarmos em consideração o livro produzido espontaneamente com arte, sem a pretensão de se fazer um livro de arte, podemos considerar como tal o Ensaio sobre a Crítica, publicado em 1810, dois anos somente após a instalação da Impressão Regia no Rio de Janeiro. O livro, de quase 200pp., traduzido para o português pelo Conde de Aguiar, foi executado dentro de técnicas artesanais de seu próprio tempo. A folha de rosto e o frontispício foram gravados a buril por Romão Eloy de Almeida. O frontispício traz a única ilustração do livro, um retrato de Alexandre Pope, o melhor trabalho de Romão no Brasil, numa reinterpretação excelente tirada de uma gravura do buri-

lista inglês Thomas Hallowau. Pela beleza de sua composição e de sua ilustração, podemos considerá-lo o primeiro livro artístico brasileiro. Valle Cabral, nos Annaes da Imprensa Nacional, anotou na referência ao livro de Pope: "A edição é executada com o maior esmero e beleza".<sup>14</sup>

Rubens Borba de Moraes, em O Bibliófilo aprendiz, considera

15

o Ensaio sobre a Crítica, bem como os Ensaaios morais, publicado em 1811, com folha de rosto também gravada em cobre, em perfeita execução, por Romão Cloy de Almeida, "dois monumentos da tipografia brasileira", obras dignas de um Didot, "bem de acordo com os ensinamentos do grande tipógrafo francês". "Representam, diz o bibliófilo, a sobriedade e a harmonia da volta ao classicismo, tão em voga na França." Os títulos dos capítulos dos Ensaaios morais, de um gosto requintado, chamaram a atenção do escritor, que observou também a bela paginação e a boa impressão: "A paginação, difícil por causa das notas, tem um equilíbrio e uma clareza difíceis de obter. O papel grosso e forte recebeu bem a tinta, a impressão é nítida e clara."

Valle Cabral, na referência de Ensaaios morais, anotou "Impressão clara", e juntou, ao final do volume dos Annaes da Imprensa Nacional, cópias das folhas de rosto das duas obras e do retrato de Pope, tiradas diretamente das placas de cobre originais, que ainda se

17

encontravam na Imprensa Nacional.

Em carta recente, Rubens Borba de Moraes citou, como o livro de luxo mais antigo impresso no Brasil, o Ensaio sobre a Crítica, seguindo-se-lhe os Ensaaios morais e a Memória da vida pública de Lord Wellington, de José da Silva Lisboa, livro impresso em 1815, com

19

um retrato de Lord Wellington, no qual o compositor, ao compor a folha de rosto, embora se tratasse de título bem longo, conseguiu obter equilíbrio e harmonia, distribuindo racionalmente os tipos em diferentes corpos, fazendo sobressair o principal - e deixando na sombra o secundário, como bem observou o autor de O Bibliófilo aprendiz.

A partir de 1809 começaram a sair dos prelos da Imprensa Régia as primeiras obras técnicas, de geometria, com figuras abertas

a talho doce. Nesse ano saíram os Elementos de geometria de Legendre com 13 figuras gravadas por Romão Eloy de Almeida e Paulo dos Santos Ferreira Souto, as primeiras gravuras abertas oficialmente no Brasil, após a gravação clandestina do retrato de Athayde e Mello por Viegas de Menezes, em 1807.

Em 1812 saíram os Elementos de geometria descritiva com aplicação as artes, extraídos das obras de Monge e o Tratado elementar de aplicação de álgebra a geometria por Lacroix, com figuras gravadas por um gravador que se assinava Monteiro e que ainda não foi identificado.<sup>22</sup>

Os primeiros livros de literatura brasileira publicados na Impressão Régia foram Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga, e o Uruguai, de Basília da Gama, respectivamente em 1810 e 1811.<sup>23</sup> Em 1814 foi publicado um romance popular, Historia verdadeira da princesa Magalona, filha do rei de Nápolis, e do nobre e valeroso cavaleiro Pierres Pedro de Proença (...). Segundo Orlando da Costa Ferreira, que não viu o folheto, mas obteve informação de segunda mão, a folha de rosto do volume apresentava uma figura da princesa Magalona rudemente gravada em madeira, nada apresentando de parecido com as antigas xilogravuras européias. Isso porque, entre os gravadores que vieram para o Brasil, não havia praticamente quem trabalhasse com essa técnica que era tida, em Portugal, como uma arte do povo. Orlando da Costa Ferreira da noticia de outra publicação de literatura popular pela Impressão Regia nesse ano, a História da donzella Theodora, "na serie de novelas de igual ou quase igual teor popular que imprimiu antes e inprimiria depois, bastante anomalmente, perante o julgamento atual, num estabelecimento de sua categoria. Esse papel da Impressão Régia – continua Orlando da Costa Ferreira – talvez pouco lembrado pelos que até hoje têm escrito a respeito da gravura popular no Brasil, terá sem dúvida sido importante fator na instauração do cancionero nordestino impresso, não sendo descabido pensar também na sua influência sobre a história da xilogravura popular no país.

Os gravadores em metal continuaram vindo para o Brasil, incentivados por outros acontecimentos, após a vinda da Corte e o estabelecimento da Imprensa Régia. O Alvará de 11 de agosto de 1815, revogando a Carta Régia de 30 de julho de 1766, que proibira o exercício da profissão de ourives nas colônias de Portugal, resultou na vinda de gravadores para o Brasil, nas pessoas dos ourives que passaram a vir exercer aqui a sua profissão.<sup>25</sup>

Outro acontecimento importante foi a chegada, em 1816, da Missão Artística Francesa, contratada pelo Conde da Barca, com a finalidade de se criar uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, trazendo consigo o neoclassicismo, ainda florescente na Europa, e um sistema de ensino que iria marcar a arte brasileira durante grande parte do século XIX.

Mas para a gravura, como assinala Orlando da Costa Ferreira, a Missão Francesa praticamente não deixou marcas culturais. O gravador oficial da Missão, Charles Simon Pradier, voltou logo para a França, tendo realizado as gravuras de alguns retratos da Família Real e de diversos desenhos de Debret para a Voyage pittoresque et historique au Brésil. Debret fez duas águas-fortes de cenas da Família Real e Félix Emile Tauney gravou também uma água-forte, "Aclamação de D. Pedro II".<sup>26</sup>

No Rio de Janeiro, antes da chegada da Missão já havia se estabelecido um ambiente artístico, já se ensinava desenho na Academia Real dos Guardas-Marinha, na Real Academia Militar e na Aula Régia de Manuel Dias de Oliveira; e as oficinas de gravura já estavam em pleno funcionamento na Imprensa Régia, no Arquivo Militar e na Casa

27

da Moeda. Prova disso está no compêndio de desenho publicado em 1817 por Roberto Ferreira da Silva, professor de desenho da Real Academia Militar, Elementos de desenho e pintura e regras gerais de perspectiva, que trata também do "desenho pertencente aos gravadores" e é ilustrado com esboços de cabeça gravados a buril.

Joaquim Cândido Guillobel, artista português que viera para o Brasil em 1811, chamado por Francisco Marques dos Santos de "o Debret

da Corte do Rio de Janeiro antes da chegada da Missão Artística Francesa" e considerado por ele "mais palpitante do que Debret, mais original do que Rugendas",<sup>29</sup> desde 1814 distribuía as pequenas figuras que desenhava em aguada e depois aquarelava. São tipos e costumes do Rio de Janeiro - altas personagens, burgueses, vendedores ambulantes, escravos, pedintes, cenas de família e de rua - minuciosa e ricamente miniaturizados (não mais de 12cm de altura), dinâmicas, quentes e expressivas, sem nada do classicismo da época. Guillobel pode ser colocado entre os melhores artistas, do século XIX, que trabalharam no Brasil. Suas aquarelas foram aproveitadas como modelos para outros artistas, dentre os quais o inglês Henry Chamberlain, que fez cópias de Guillobel em seu álbum Vietws and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, publicado em Londres, em 1822.<sup>30</sup>

Caio de Melo Franco comprou, em 1941, em Bristol, um álbum com aquarelas de Guillobel que pertencera a Robert Southey. Guilherme Guinle também possuía em sua coleção (que passou para Cândido Guinle de Paula Machado) algumas dessas admiráveis figurinhas, que foram reproduzidas em A Muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, livro de arte publicado em 1961 por Raymundo de Castro Maya. Nas edições de O Velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender (1943) e de Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro, de Chamberlain (1956), Gilberto Ferrez faz um estudo de Guillobel e compara seus desenhos originais as cópias gravadas de Ender e de Chamberlain. Um artigo de Francisco Marques dos Santos, "O ambiente artístico fluminense a chegada da Missão Francesa em 1816", publicado na RSPHAN, em 1941 (5:213-240), traz reproduções em preto e branco de alguns dos 60 desenhos de Guillobel que constituem o álbum comprado por Caio de Melo Franco e que pertence atualmente a Paulo Geyer. Em 1978, finalmente, fazendo justiça ao trabalho original de Guillobel, Cândido Guinle de Paula Machado publicou, sob o título Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas

de Guillobel e com texto de Paulo Berger, publicou em belíssima edição, 64 aquarelas suas, 59 do álbum de sua coleção, 3 da coleção de Paulo Geyer e 2 pertencentes a Alice Marvin von Brisen.

Também começou a ser vendida, em 1816, em fascículos anunciados pela Gazeta, uma Coleção de retratos desenhados por A. do Carmo (Padre Antônio Pinto de Figueiredo Mendes Antas do Carmo), regente da cadeira de desenho da Academia Real dos Guardas-Marinha, gravados a buril por João José Ferreira de Souza, professor de desenho da Academia Militar. Cada fascículo continha três retratos acompanhados da biografia de cada retratado. A Biblioteca Nacional possui um exemplar incompleto, com 58 retratos. A relação dos nomes dos retratados se encontra nos Annaes da Imprensa Nacional.<sup>31</sup> Trata-se de uma edição par-

32

ticular, como outras produções da Imprensa Régia.

Os dois artistas da Coleção de retratos trabalharam juntos também nas ilustrações (três retratos a buril) da Alfonsiada, poema heróico de Antônio José Osório de Pina Leitão, oferecido a D. João VI, publicado na Bahia, em 1818, por Silva Serva. Os retratos são de D. Afonso Henriques, D. João VI e Antônio José Osório de Pina Leitão.

Mais de um ano e meio depois da Missão Francesa, chegou ao Brasil um artista bordelense, já conhecido e premiado na França, Arnauld Marie Julien Palière, que introduziu aqui o processo da litografia. Trabalhou na oficina do Arquivo Militar e, além de várias litografias de um album descoberto em Paris em 1826, litografou, em 1819, um belo São Sebastião para o frontispício de uma publicação da Imprensa Régia, o Die XX Januarii in festo S. Sebastiani Martyris (...), o primeiro livro brasileiro ilustrado com litografia.

Nos vinte e quatro anos iniciais de atividade gráfica oficial tivemos, portanto, depois das edições clandestinas anteriores a 1808 e além do trabalho de Silva Serva na Bahia, o excelente trabalho da Imprensa Regia, que publicou dois mil e tantos títulos, alguns dos quais podem ser considerados obras-primas de tipografia. Se representam os ensinamentos do tipógrafo Didot, foram realizados por tipógrafos e artistas portugueses, entre os quais o mestre Romão Eloy de

Almeida que, como vimos, gravou o Ensaio sobre a Critica e os Ensaaios morais, que podemos considerar os primeiros "livros de arte" naturais e espontâneos, produzidos, no Brasil, com técnicas próprias do tempo.

## IMPÉRIO

A brilhante atividade da Impressão Regia não durou muito. Logo veio a decadência, como observou Oliveira Bello, em 1908, citado por Francisco Gonçalves Miranda: "Parece que a fase de ardente polêmica em que se inflamou o pensamento nacional, cuja vocação histórica foi a de construir o regime constitucional liberal no Brasil independente, não lhe consentiu lazeres folgados para espairecer pelas artes gráficas, com que enfeitasse trabalhos de mais fôlego literário."<sup>35</sup>

### Iniciativas particulares

Depois de 1822, enquanto a Imprensa Nacional, que substituíra a Impressão Regia, caía em decadência, fundaram-se tipografias particulares e os impressores franceses trouxeram-nos o estilo romântico, renovando e impulsionando a nossa arte tipográfica. Nossos livros românticos são, na opinião de Rubens Borba de Moraes, "das melhores coisas saídas dos nossos prelos", com "seus títulos em neogóticos, as vinhetas pitorescas, os formatos menores".

Steinmann, Riviere, Laree, Palliere, Furcy, Chanot, Ludwig, Briggs e outros instalaram suas oficinas litográficas particulares. Vieram também os impressores franceses Villeneuve, Gueffier e Ogier, o último dos quais foi, na opinião de Rubens Borba de Moraes, "talvez o melhor tipógrafo que o Brasil já teve".

### A litografia

Johan Jacob Steinmann, artista suíço, foi contratado em 1825 como litógrafo oficial e professor de litografia no Arquivo Militar por um período de cinco anos. Com suas prensas e respectivos utensílios trazidos da França, instalou a Escola de Litografia, onde se formavam alunos que continuavam trabalhando lá mesmo.

Terminado o contrato de Steinmann com o Arquivo Militar, que mantinha a Escola de Litografia, começou ele, a partir de 1830, a trabalhar por conta própria, retornando em 1833 a Europa onde, dois anos depois, começou a divulgar seu álbum Souvenirs de Rio de Janeiro, assim como panoramas de outras cidades que havia desenhado no Brasil. Para a Tipografia de P. Plancher-Seignot, Steinmann executou varias litografias que ilustraram o Compêndio científico para a mocidade brasileira, publicado em 1827.

Enquanto Steinmann trabalhava como litografo oficial, Luiz Aleixo Boulanger, artista francês, associado a Carlos Risso, inaugurou, em 15 de agosto de 1829, a primeira oficina litográfica comercial no Rio de Janeiro, à Rua da Ajuda, nº 173. Boulanger, mestre de escrita, primeiras letras e geografia do Imperador Dom Pedro II e suas irmãs, realizou iluminuras heráldicas de nobreza e fidalguia do Império, além de centenas de retratos.

Pedro Plancher-Seignot instalou-se como editor-proprietário a Rua do Ouvidor, 95, 1º andar e, em 12 de outubro de 1829, no dia do aniversario do Imperador, apresentou aos subscritores o livro Esboço da vida e campanha de Eugênio de Leuchtemberg, que trazia no frontispício o retrato do príncipe, tirado, em tamanho reduzido, de uma bela litografia de Risso. Com alguns dias de antecedência (26 de setembro), o lançamento do livro havia sido anunciado no Jornal do Commercio.<sup>42</sup>

Continuaram a surgir varias obras importantes ilustradas ou compostas quase exclusivamente de litografias. Em 1831, Jean-Theodore Descoutilz preparou um álbum de litografias, Oiseaux-mouches, e a Lithografia Riviere & Briggs, entre 1832 e 1836, imprimiu uma série de litografias, trazendo algumas o cabeçalho Rio de Janeiro, primeiro álbum de costumes brasileiros tirado pela impressão litográfica no Brasil; os litografos foram os sócios, Eduardo Rivière e Frederico Guilherme Briggs, e Joaquim Lopes de Barros, ex-colega de Briggs na Academia Imperial de Belas Artes.

Consta que Briggs fez também os desenhos para a Folhinha nacional brasileira para o ano de 1837 e desenhou e litografou 4 folhas para o Panorama da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, ambas publicadas em Londres, em 1837, mas aqui mencionadas por terem sido criação de um artista nascido e vivido no Rio de Janeiro, que foi Frederico Guilherme Briggs.

Briggs retornou da Inglaterra no mesmo ano, 1837, mas não trouxe para o Brasil nenhum exemplar do Panorama, que estava sendo litografado em Londres. Só em março de 1839 e que publicou avisos informando que havia recebido de Londres alguns exemplares "ricamente iluminados", isto é, aquarelados. Instalou sua nova oficina na Rua do Ouvidor, nº 151, até 1839, e depois no nº 130, até 1841, imprimindo litografias em folhas soltas e uma série que formaria um álbum de costumes, anunciada no Jornal do Commercio de 15 de fevereiro de 1840: "Costumes do Brasil. Não tendo até aqui sido publicada uma coleção de Costumes do paiz, Frederico Briggs com litografia na rua do Ouvidor, n.130, se propõe a litografar uma coleção de 50 números, saindo cada semana dois números, terças e sábados; cada número será litografado em bom papel e colorido; formato em quarto de papel de Holanda e bem desenhado. Subscreve-se na lithografia de Briggs (...)". O litógrafo foi Joaquim Lopes Barros, ex-colega de Briggs na Academia.<sup>46</sup>

Em 1843 Briggs estava instalado na Rua das Laranjeiras, nº 6. No final desse mesmo ano formou nova sociedade – Ludwig & Briggs – que se instalou no ano seguinte na Rua do Carmo, 55; de 1846 a 1849 estava na Rua dos Pescadores, 88, e, de 1850 a 1870, na Rua do Ouvidor, 142. A essa oficina atribui-se 19 das 50 excelentes litografias que saíram na revista Ostensor brasileiro, da qual só saiu um volume, entre 1845 e 1846.<sup>47</sup>

O mais importante trabalho de Ludwig & Briggs, sob o aspecto documentário, embora sem grande valor artístico, foi o conjunto de 30 litografias aquareladas lançadas entre março de 1846 e abril de 1849, com o título The Brazilian souvenir.<sup>48</sup>

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, na Introdução a edição de Lembranças do Brasil lançada pela SEDEGRA e pela Biblioteca Nacional, em 1970, chegou à conclusão que a divulgação dessa coleção deve ter sido feita em sua grande parte fora do Brasil, pois ela não é citada nem mesmo no monumental Catálogo da exposição de História do Brasil, organizada por Ramiz Galvão em 1881. No entanto, suas litografias foram reproduzidas num livro sobre o Brasil, publicado em

49

Londres em 1857, e em traduções, do viajante Daniel Parish Kidder.

Segundo informação de Lygia da Fonseca Fernandes Cunha, na referida introdução, um exemplar do álbum foi adquirido pela Biblioteca Nacional, em 1949, existindo ainda outro exemplar completo na coleção J.F.Almeida Prado, a série incompleta na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, em São Paulo, 4 pranchas avulsas no Museu da cidade do Rio de Janeiro e várias outras na Fundação Castro Maya, além de 16 pranchas avulsas na Biblioteca Nacional. Do exemplar da Biblioteca Nacional várias pranchas foram reproduzidas, em tamanho reduzido, no livro A Muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, edição de arte lançada por iniciativa de Raymundo de Castro Maya em comemoração ao Quarto Centenário do Rio de Janeiro.

Outra sociedade de litógrafos surgida na época foi a de Heaton & Rensburg, formada em 1840 por George Mathis Heaton, litógrafo e pintor inglês, e pelo litógrafo e desenhista holandês Eduard Rensburg, que vieram de Amsterdã no final de 1839. Em 1845 publicaram o álbum Rio de Janeiro pittoresco, reunindo as 18 estampas que haviam começado a publicar em fascículos desde 1842. As figuras das estampas foram desenhadas pelo pintor francês Louis Auguste Moreau sobre paisagens desenhadas pelo pintor e fotógrafo suíço Abraham Louis Buvelot. O álbum teve uma reedição em off-set, com prefácio de Francisco Marques dos Santos (São Paulo: Martins, 1943).<sup>50</sup>

Heaton & Rensburg fizeram também litografias de paisagens e monumentos para o álbum Brasil pittoresco, histórico e monumental, publicado por E. B. H. Laemrner, anunciado por Martinet em 13 de abril de 1847.

Orlando da Costa Ferreira informa que Rensburg publicou, em 1856, mais um esplêndido álbum, O Brasil pitoresco e monumental, com 46 estampas, 45 das quais desenhadas e litografadas pelo artista holandês Pieter Godfred Bertichen e uma desenhada por Porto Alegre e litografada por A. de Pinho. No ano seguinte, Rensburg publicou Rio de Janeiro e seus arrabaldes, com 24 litografias, sendo todas, exceto uma, assinadas por P. Bertichem.

Em 1855 o Rio de Janeiro possuía 13 oficinas litográficas – informa Orlando da Costa Ferreira –, entre as quais 9 de grande importância, realizando trabalhos de alta qualidade: Larée (1832), Heaton & Rensburg (1840), Ludwig & B.riggs (1843), Brito & Braga (1848), Martinet (1851), Paula Brito (1851), Cardoso (1851), Leuzinger (1853) e Sisson (1855).<sup>52</sup>

Verdadeiro monumento gráfico-artístico nacional, surgiu, entre 1859 e 1861, a Galeria dos brasileiros ilustres (os contemporâneos), 90 retratos (de 25x32cm) dos homens mais ilustres do Brasil, desde a época da Independência até à época da publicação, copiados do natural e litografados por S. A. Sisson, acompanhados das respectivas biografias. O álbum foi publicado, sob a proteção do Imperador D. Pedro II, na Lithografia de S. A. Sisson, Editor, a Rua da Assembléia, nº 67. A maioria das litografias foram assinadas por S. A. Sisson; aquelas que não trazem a sua assinatura trazem o seu nome impresso em tipos bem pequenos logo abaixo da litografia, acompanhado do endereço, no Rio de Janeiro, que varia entre Rua da Assembléia, 67 (ou 60), Rua do Cano, 45 e Rua do Ouvidor, 53 (ou 81). Algumas litografias trazem a indicação de Lith. de Mello, Rio de Janeiro, uma a indicação de Barandier pinx. e, outra, Krumholtz pinx. As datas das litografias variam entre 1857 e 1861.

Na Introdução, Sisson declara haver empreendido tão difícil e trabalhosa tarefa empenhado que estava em demonstrar de algum modo o seu reconhecimento a hospitalidade que encontrou no Brasil, e deixa claro o quanto ficou honrado com o apoio do Imperador ao seu empreendimento.<sup>53</sup>

A Laemmert, em 1862, editou o liuro Viagem pitoresca a Petrópolis, para servir de roteiro aos viajantes, por Carlos Augusto Taunay, com 144pp. e 6 litografias de prédios de Petrópolis. Em 1866, lançou uma História natural popular, compilada por J. Ph. Anstett, com 551 figuras em 54 estampas litografadas em Stuttgart.

Também no Rio de Janeiro, J. J. da Costa Pereira Braga lançou, em 1872, Doze horas em diligência: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora, por Henry Klumb, com 87pp. e 31 litografias, algumas valiosas, do Palácio de Petrópolis.

Nessa época, porém, a litografia de estampa já se encontrava em declínio e a litografia de ilustração ganhava mais forças. Já Araújo de Porto Alegre, diretor da Academia de Belas Artes, propusera, na seção de 27 de setembro de 1855, o seguinte: "Convirá mais auxiliar a litografia, já plantada entre nos e com uma vida independente, ou pedir ao governo imperial uma escola de gravura em talho-doce? A litografia no seu estado atual so peca pelo desenho e a gravura ainda está na infância, mormente a gravura histórica."<sup>52</sup>

A gravura em metal

Além da Escola de Litografia do Arquivo Militar, já funcionava, desde 1826, a Imperial Academia e Escola de Belas Artes, criada com o decreto de 23 de novembro de 1820. O artigo 4º de seus estatutos dispunha que "os que se dedicarem a gravura em estampa irão gradualmente aplicando-se a gravar em cobre nos três estilos, isto é, buril, agua-forte e póntillie".<sup>54</sup>

O processo do talho-doce na impressão de translados caligráficos foi substituído pela litografia, mas o primeiro processo se manteve em nível de superioridade, conforme se observa pelo anúncio, a 25 de fevereiro de 1829, da primeira parte do Syllabario portuquez, do professor primário Antônio Maria Baker, publicado com data de 1827, "com três caracteres de letras, a saber: redondo, itálico e manuscrito". No anúncio, o autor lamentava porque o livro não havia saído com a perfeição desejada, pois tivera que recorrer a litografia,

tendo em vista que o abridor, João da Silva Pinto, não pudera entre-

55

gar as chapas das lições de manuscrito gravadas em talho-doce.

Além de João da Silva Pinto, havia, na década de 30, outros bons gravadores em metal, como Fidellis Ferreira Paradella, Quintino José de Faria e Carlos Custodio de Azevedo.

Um artista primitivo anônimo, da oficina de J. J. Barroso, gravou, a talho-doce, ilustrações, de teor ingênuo, para o Thesouro das meninas, de Mme. Leprince de Beaumont, e para o Thesouro dos meninos, de Pierre Blanchard, das primeiras edições particulares de livro tiradas no Rio com ilustrações a talho-doce, publicados em 1838 por

56

diferentes tipografias do Rio de Janeiro.

Charles Hygin Furcy Fils, em 1839, gravou a buril 6 ilustrações para as Fabulas escolhidas, de La Fontaine, traduzidas por Filinto Elysio e publicadas pela Typ., Chalcographia e Livraria de Educação, de C. H. Furcy, Rio de Janeiro.

A xilogravura

Enquanto existia uma escola de litografia e uma escola de Belas Artes que incentivava a gravura em metal, a xilogravura, por seu lado, continuou por muito tempo desprestigiada, conservando-se seus autores anônimos, anunciando seus trabalhos apenas como "gravura em madeira" ou "abridor em madeira", como observou Orlando da Costa Ferreira. Valle Cabral informa que "Braz Sinibaldi gravou em 1817 armas reais" e que Dòaquim Dose também as abriu em madeira, em 1818.<sup>57</sup>

Depois dessas armas, alguns mapas e a figura da princesa Magalona rudemente gravado, na folha de rosto da História verdadeira da Princesa Magalona, em 1815, a xilogravura apareceu novamente no Diário de 2 de agosto de 1822, na forma de ingênuo desenho de uma casa, ilustrando o anuncio do "Moinho a vapor de farinha e arroz".<sup>58</sup>

Ela so veio a aparecer em publicação mais importante em 1830, nos Idylles brésiliennes, poemas de Theodore Marie Taunay, com ilustrações de Felix Émile Taunay gravadas em madeira pelo gravador francês Dean Louis Duplat (Rio de Janeiro: Typ. de Gueffier & Cia),

cujo lançamento foi anunciado na revista O Beija-flor, nº 7.

Dez anos depois, Villeneuve publicou a História natural dos principais quadrúpedes, aves, peixes, serpentes, reptéis e insetos, de Mary Trumer, em 2 volumes, com 309 ilustrações em xilogravuras, e Ogier começou a lançar, compilada por Dose Saturnino da Costa Pereira, uma História geral dos animais, em A volumes, também com mais de 300 xilogravuras. O lançamento da História natural, traduzida da edição francesa por Julio Cesar Muzzi, foi anunciado no Jornal de 23 de outubro de 1840, em grande anúncio ilustrado com quatro figuras de animais, primeira notícia ilustrada de atualidade na imprensa brasileira, conforme observou Orlando da Costa Ferreira.

Em 1865, o Imperial Instituto Artístico publicou uma História natural popular dos animais, com texto e direção científica do professor Miguel Antônio da Silva, repetidor de Ciências Físicas e Naturais da Escola Central, e distribuída em fascículos mensais. Foi uma produção excelente, com mais de 100 pp. e mais AO pranchas de 22x32cm, com xilogravuras e litografias (133 figuras nas pranchas, além das intratextuais), algumas notáveis, embora copiadas ou interpretadas de estampas estrangeiras e não assinadas. "A execução da maior parte das estampas, gravadas em madeira, que é ao mesmo tempo uma novidade para o Brasil - diz o texto - fez demorar a publicação, que deveria ter saído a luz em janeiro passado; os artistas, moços brasileiros ainda não suficientemente habilitados, mostraram, porém, tanto amor pela nova arte que os progressos facilitaram a publicação." "Se o Imperial Instituto foi uma instituição de excepcional importância na história da xilogravura brasileira - observou Orlando da Costa Ferreira - parece que Fleiuss não gostava que se tivesse conhecimento dos nomes dos seus alunos e colaboradores, ou também aí usava estereótipos importados e procurava evitar sua identificação.<sup>61</sup>

Tipografias e editoras particulares na cidade do Rio de Janeiro

Depois da oficina da Impressão Regia, surgiram no Rio de Janeiro, em 1821, a Nova Typographia e a ". Typographia de Moreira e periódico Garcez. A segunda publicou, entre 1821 e 1822, o Reverbero Constitucional Fluminense, de Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa.

A partir de 1822 as tipografias se multiplicaram. Damos a seguir uma relação das principais, com alguns títulos que publicaram. Alguns livros foram examinados pela autora na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central de Universidade de Brasília e outros tiveram seus dados retirados de reproduções fac-similares da História da tipografia no Brasil (Museu de Arte de São Paulo, 1979).

Typographia de Silva Porto & Cia., de Felizardo Joaquim da Silva Moraes e Manuel Joaquim da Silva Porto.

1823 - Vocabulário marujo, de. Mauricio da Costa Campos.

Typographia de Santos e Souza, às vezes chamada de Officina dos Annaes Fluminenses, de José Vitorino dos Santos e Souza, fundada em 1822.

Typographia do Diário, responsável pelo Diário do Rio de Janeiro, de Zeferino Victor Meirelles, fundada em 1822.

Typographia Torres e Costa, de Inocêncio Torres e Vicente Justiniano da Costa, fundada em 1822.

Typographia de Pierre François René Plancher-Seignot, Rua do Ouvidor, nº 95, fundada em 1824 tendo recebido depois o nome de Typographia Imperial de P. Plancher-Seignot.

1827 - Monitoria secreta ou instruções secretas dos padres da Companhia de Jesus, compostas pelo Padre Cláudio Aquavivei.

1827 - Ode ao aniversario de S.A. O Príncipe Imperial, a 2 de dezembro de 1827, por hum brasileiro. Como algumas das edições particulares da época, traz impressas as armas imperiais..

1831 - História da Revolução do Brasil, por um membro da Camara dos Deputados.

Imprimerie de Gueffier et C., Rua da Quitanda, nº 79.

1830 - Idylles Brésiliennes, écrites en vers latins par Theodore Taunay et traduites en vers français par Félix Émile Taunay.

1831 - Coup-d'oeil philosophique et historique sur les affaires brésiliennes..., par Joseph de Saldanha da Gama.

Typographia de Lessa & Pereira

1831 - O Dia de jubilo para os amantes da liberdade ... drama liberal em três actos, por Camillo Dose do Rozario Guedes.

Typographia de Thomas B. Hunt & Ca., Rua d'Alfandega, nº 126.

1831 - Defesa do Desembargador Cândido Ladislau Japi-assú.

Typographia Brasileira, Rua dos Arcos, nº 51 A.

1832 - Regulamentos particulares baseados sobre as constituições gerais da .Ordem Maçónica, por A.J.S.F.P. Sertorio.

Typographia de Miranda & Carneiro

1833 - A Saudosa despedida dos escravos miguelistas..., anônimo.

Typographia Americana de I.P. da Costa, Rua detraz do Hospicio, nº 160.

1833 - Discursos... por membros da Maçonaria.

Typographia de Gueffier e Ca., Rua da Quitanda, nº 79.

1833 - Manifestação dos crimes, e attentados commettidos pelos Jesuítas..., publicado por F.E.A.V.

Typografia do Diário de N.L. Vianna

1833 - Demonstração anaiytica do incremento das dezordens..., de autor anônimo.

1835 - A Saudade pela sentidíssima morte do Senhor D. Pedro Primeiro..., por Z.O.A.

Typographia Fluminense de Brito & C, Praça da Constituição, nº 51.

1834 - Carta aos Illmos. Snrs. Juizes de Facto...

Laemmert, Empresa que recebeu diferentes nomes.

1835 - Relação histórica da restauração de Portugal..., por João Jacques Peres, Em casa d'Eduardo Laemmert, Rua da Quitanda, nº 139.

1841 - Os Lusíadas, de Luis de Camões. Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livro; Typographia de Laemmert, Rua dos

Ourives, nº 184 (no colofão, o endereço da tipografia e Rua do Lavradio, 53). Livro bonito, ilustrado com estampas coloridas, v. 1 da Biblioteca dos poetas clássicos de língua portuguesa.

1855 - Obras de Álvares de Azevedo. Typographia Universal de Laemmert, Rua dos Inválidos, nº 61 B.

1859 - Relatório apresentado no dia 2 de julho de 1859 aos accionistas da Estrada de Ferro de D. Pedro II. Typographia Universal de Laemmert. Folha de rosto muito bonita e equilibrada, toda composta em tipos Romano.

1861 - Constituição politica do Império do Brasil. Typographia Universal de E. & H. Laemmert.

Typographia Imp. e Const. de D. Villeneuve e Comp., Rua d'Ouvidor, nº 95.

1836 - Collecção de documentos relativos ao Tratado de Comercio, concluido entre o Brazil e Portugal, aos 19 de maio de 1836.

1839 - Noticia descriptiva da Província do Rio-Grande de S. Pedro do Sul..., por Nicolau Dreys. Pequena vinheta na folha de rosto.

1840 - O Trafico da escravatura, e o Bill de lord Palmerston, pelo Visconde de Sá da Bandeira. Pequena vinheta na folha de rosto.

1857 - A Nebulosa, por Joaquim Manoel de Macedo.

Typographia de R. Ogier, Rua do Ouvidor, nº 188.

1836 - O Banco de Inglaterra, e os da Escossia... por J.D. da C.L. Imprensa Americana

1836 - Arte de ganhar o coração dos maridos..., por Eugênio Pradel, Typographia Franceza, Rua de S. José, nº 64.

1841 -- Modulações poéticas, de Joaquim Norberto de Souza Silva. João Joaquim Barroso & Cia.

1841 - Piccionario castellano y português, de Bluteau.

1842 - Marilia de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga.

Typographia Brasileira de J. Cremiere, Rua d'Alfandega, nº 135.

1845 - Quatorze mezes na valla anthropophaga do Serrito de Monte-video..., por um estrangeiro.

Livraria de B.L. Garnier, Rua do Ouvidor, nº 69. Estabeleceu-se no Rio de Janeiro em 1846. A princípio casa modesta, seu proprietário não montou oficina própria, mandando imprimir seus livros principalmente em Paris. Foi editor de Machado de Assis.

1862 - Obras de Alvares de Azevedo. Rio de Janeiro, Livraria de B.L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos, Editores. Impresso em Paris. Livro bonito e bem editado.

1865 - Obras poéticas de Alvarenga Peixoto. Impresso em Paris, em co-edição com Augusto Durand, Livreiro, Rua des Grés, 7, Paris. Livro bonito, com os mesmos cuidados editoriais do anterior, publicado na coleção Biblioteca nacional dos melhores autores antigos e modernos, sob os auspícios do Imperador D. Pedro II. No final, traz um catálogo da editora, dividido por assuntos, incluindo os livros no prelo.

Typographia do Correio Mercantil de Rodrigues e C., Rua da Quitanda, nº 13.

1849 - Apreciação da revolta praieira em Pernambuco, por Urbano Sabino Pessoa de Mello.

1860 - Cinco minutos; A Viuvinha, de José de Alencar. Typographia do Correio Mercantil, Rua da Quitanda, 55.

Empresa Typographica Dous de Dezembro, de Francisco de Paula Brito, que foi o primeiro verdadeiro editor brasileiro. A Empresa foi inaugurada no dia 2 de dezembro de 1850, dia do aniversário do Imperador D. Pedro II, no nº 66 da Praça da Constituição (Tiradentes), onde funcionavam a tipografia, a livraria e a edição, incluindo encadernação. Dois anos depois, Paula Brito aí instalou também uma oficina litográfica e contratou o experiente litografo francês Louis Thérier que passou a fazer não só litografias em preto e branco, mas também cromolitografias das que costumavam vir da

França. Também as máquinas para estamperia e as máquinas para aparar e acetinar vieram de Paris. A Typographia Imparcial de Paula Brito, porém, já publicara livros anteriormente, com datas de 1836 e 1842 e, com o nome de Typographia de Paula Brito, publicara As Primaveras, de Casemiro de Abreu, em 1839. Em 1856 a Empresa fechou, mas Paula Brito continuou publicando sob várias firmas, no mesmo endereço;

1859 - D. Marcisa de Villar: legenda do tempo colonial, pela indygena do Ypiranga. Typog. de F. de Paula Brito.

1862 - Desencantos, de Machado de Assis. Paula Brito, Editor.

1862 - Mai; drama em 4 actos, de Dose de Alencar. Paula Brito, Editor.

1863 - Poesias, de Paula Brito. Paula Brito, Editor.

1865 - Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa..., por um fluminense. Typographia Imparcial de Brito & Irmão.

Typographia Americana, de 3.3. da Rocha, Rua da Alfândega, nº 210.

1853 - Poesias, de Alvares de Azevedo, 1ª edição. Folha de rosto com vinheta. Tipos variados de Romano, Bastão e Fantasia.

Typographia de M. Barreto, Rua da Quitanda, nº 55.

1853 - O Amazonas e as costas atlânticas da America Meridional, de F. Maury.

Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Rua do Sabão, nº 114.

1854 - Memorias de um Sargento de Milicias, por um brasileiro.

Imprensa do Typographo L. de S. Teixeira, Praça da Constituição, nº 21 e Rua do Espirito Santo, nº 1.

1854 - Defeza de I.H.L Nóbrega...

Empreza Nacional do Diário

1857 - O Guarany, romance brasileiro, de José de Alencar.

[Typographia de N. Lobo Vianna e Filhos, Rua d'Ajuda, nº 79.

1858 - Estatutos da Companhia mutua de seguro de vida dos escravos.

[Typographia e Livraria de B.X. Pinto de Sousa, Rua dos Ciganos, nºs 43 e 45.

1859 - O Casamento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princesa D. Isabel...

1861 - Dous amores: drama lyrico em tres actos, de Manoel Antonio de Almeida.

Livraria Moderna, Rua do Lavradio, nº 126.

1863 - Memorias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antonio de Almeida. 2a ed. il. (Coleção Brasileira) As ilustrações, fora de texto, não assinadas, têm um caráter caricatural.

Typographia Perseverança, Rua do Hospicio, nº 81.

1866 - Apontamentos biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay desde MDCCCXLIV. Contém 20 retratos litografados.

1866 - A Família: drama em 5 actos, por Q. Bocayuva.

Typographia do Imperial Instituto Artístico, Largo de S. Francisco de Paula, nº 16.

1866 - Os Deuses de casaca: comedia, por Machado de Assis.

1872 - Camões e Os Lusíadas, por Joaquim Nabuco. Novo endereço da tipografia: Rua Primeiro de Março, nº 21.

Livraria Imperial de E.G. Possolo, Editor, Rua do Ouvidor, nº 81.

1875 - Anchieta ou O Evangelho rias selvas, poema de L.N. Fagundes Varela. Impresso na Typ. de Brown & Evaristo, rua do Senado, nº 12. O poeta morreu durante a impressão do livro, que traz seu retrato no frontispício, uma nota do editor sobre sua morte e uma apresentação de Ferreira de Menezes. Cada um dos 10 cantos traz a inicial, em letra gótica vazada, decorada com arabescos.

Nova Typographia de Doao Paulo Hildebrandt

1879 - Fantasia, de Alfredo Bastos. Capa ilustrada, com dizeres em letras fantasia desenhadas.

Lombaerts & C.

1881 - TU SÓ, tu, puro amor. . . . comedia, de Machado de Assis.

Typographia da "Gazeta de Noticias", Rua Sete de Setembro, nº 72.

1888 - O Atheneu: chronica de saudades, de Raul Pompeia, typographia e Lithographia de Carlos Gaspar da Silva, Rua da Quitanda, nºs 111 e 113.

1889 - Verqastas, de Lucio de Mendonça; capa de Raul Pompeia (sob pseudônimo de Raff), com desenho a traços e letras fantasia desenhadas, gravado em madeira por A. Pinheiro e impresso em preto sobre fundo cor-de-rosa. Livro muito bem feito, quanto a composição, decoração e impressão.

#### Tipografias e editoras nos Estados

Relacionamos abaixo algumas tipografias e editoras de alguns Estados, com alguns títulos. Maiores informações e facsimiles de livros podem ser encontrados na Historia da Tipografia no Brasil (Museu de Arte de São Paulo, 1979).

#### Bahia

Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, em Salvador. Foi a segunda tipografia do país, a primeira de empreendimento particular, inaugurada a 13 de maio de 1811, dia do aniversário de D. João VI. Publicou o Idade d'Duro do Brasil, segundo jornal do país, de 1811 a 1823. Após a morte de Silva Serva, a Empresa continuou, dirigida pela viúva, associada a José Teixeira de Carvalho. Alguns livros da tipografia, ainda da época do Brasil-reino:

1812 - Elementos de osteologia pratica, por José de Castro.

1815 - Pratica criminal do foro militar..., por Carlos de Magalhaens Castelo Branco.

1815 - Manual do engenheiro..., de Mr. Briche.

1817 - Andrónaca, tragedia de João Racine, traduzida pelo Dr. Antonio Dose de Lima Leitão.

#### Typographia Imperial e Nacional.

1829 - Corographia, ou abreviada historia geografica do Imperio do Brasil..., por Domingos José Antonio Rebello.

1830 - Instrução pastoral do Excellantissimo e Reverendissimo Arcebispo da Bahia...

#### Typographia do Diario, Rua do Tijolo, nº 34.

1833 - Corographia paraense..., por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

Typographia do Correio Mercantil, de Précourt e C, Rua d'Alfandega, n° 24.

1835 - Memorias históricas e politicas da província da Bahia, por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. Traz as armas do Império na folha de rosto.

Typographia do Correio Mercantil, da viuva Précourt e C, Rua d'Alfandega, n° 24.

1837 - Ensaio sobre a utilidade da importação de chinas para colonização do Brazil, por João Antonio de Sampaio Vianna. Bonita vinheta na folha de rosto.

Typographia do Correio Mercantil, de Velloso & C, Rua d'Alfandega, n° 24.

1842 - Liberdade e Pátria..., autor anônimo.

Typographia Cuaycuru de Domingos Guedes Cabral, Rua das Portas do Carmo, n° 23.

1848 - Comunicação entre a cidade da Bahia e a Villa de Joazeiro, por André Przewodowski.

Typographia de Camillo de Lellis Masson &.C., -Largo de Santa Barbara, n° 2.

1855 - Inspirações do claustro, por Junqueira Freire.

1870 - Espumas fluctuantes, de Castro Alves. Folha de rosto com cercadura floral.

Imprensa Econômica, Rua dos Algibebes, n° 22.

1876 - A Cachoeira de Paulo Afonso, por Castro Alves. Folha de rosto bonita. Papel bom, claro, grosso, meio acetinado.

1877 - Vozes no ar, de João de Britto, 1877. Papel bom.

Pernambuco

Typographia do Diário

1828 - Tratado de educação phisico-moral dos meninos, de Doaquim Jeronymo Serpa. Folha de rosto com grande vinheta.

Typographia Universal, Rua do Collegio, n° 18.

1855 - O Socialismo, pelo General Abreu e Lima.

1859 - Enlevos, de Franklin Américo de Menezes Doria.

## Minas Gerais

Typographia do Astro de Minas, São João d'El-Rei.

- 1828 - Carta aos senhores eleitores da Provinda de Minas Gerais,  
por Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Typographia de Silva, Ouro Preto

- 1832 - Diccionario: Lingua Brasileira, por Luiz Maria da Silva Pinto.

Typographia do Correio de Minas, Ouro Preto.

- 1839 - Memoria sobre a plantação, cultura e fabrico do chá.

Typographia Imparcial de B.X. Pinto de Sousa, Ouro Preto.

- 1846 - Memoria sobre a planta do anil..., por João Morgan.

Typographia Episcopal, Mariana.

- 1856 - Colecção de leis da Assembléa Legislativa da Província de  
Minas Gerais em 1849.

Typographia de M. de Oliveira Andrade, Campanha

- 1882 - O Marido da adúltera, por Lucio de Mendonça.

## São Paulo

Typographia de Costa Silveira, Rua de São Gonçalo, nº 41.

- 1836 - Colecção das posturas da Câmara Municipal da Imperial Cida-  
de de Sao Paulo.

- 1841 - Diário da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida  
pelas Capitánias do Pará... Composição muito bonita.

Typographia de Silva Sobral

- 1845 - Tumulto do povo em Evora, 1635: drama em três actos, por  
um ex-Tenente de Milicias.

Typographia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, Rua da Imperatriz,  
nº49.

- 1864 - Vozes d'America, de Fagundes Varela.

Teixeira & Irmão Editores, Rua de S. Bento, 26-A.

- 1888 - Poesias, de Olavo Bilac.

- 1888 - A Carne, de Julio Ribeiro.

## Pará

Typographia de Santos & menor, Rua d'Alfamma, nº 15.

1839 - Ensaio corografico sobre a Província do Pará, por Antonio Ladislau Monteiro Baena.

Typographia Guttemberg

1878 - Primeiras paginas, de José Veríssimo.

A Inigrensa Nacional

A Imprensa Nacional, que veio substituir a Imprensa Regia, teve seu nome mudado, com o correr do tempo, para: Typographia Real, Typographia Regia, Typographia Nacional, Régia Tipografia e, finalmente, a atual, que é Departamento da Imprensa Nacional. Sua história até 1922 é bem relatada por Francisco Gonçalves Miranda em Memória histórica da Imprensa Nacional (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922). Dela damos a seguir apenas um breve resumo.

A fundição de tipos, na Imprensa Regia, era praticada a mão e, em 1821, existia uma fundição em Matacavalos, de Manoel Mendes Diniz, que trabalhava para a Imprensa Regia. Um pensionista, que foi enviado à Inglaterra para aprender o ofício, foi para Portugal depois de formado na profissão. Em 1837 e 1840 tentou-se a montagem de uma fundição, contratou-se um mestre hábil em Londres, mas faltavam aqui os instrumentos necessários. Em 1859, o Ministro da Fazenda, Torres Homem, criou efetivamente uma oficina de fundição que passou a funcionar regularmente na Imprensa Nacional. Mas em 1883 o seu administrador se queixava: "Essa oficina ressentia-se da falta de pessoal habilitado, além do mestre e contra-mestre e um oficial de 2ª classe, o mais não passam de aprendizes; por isso os seus produtos estão longe de atingir a perfeição dos similares, que nos vêm do estrangeiro." Em 1888 seu serviço foi melhorado com a montagem de duas máquinas recentemente inventadas, que soltavam tipos perfeitos.

A estereotipia começou a ser utilizada pela Imprensa Nacional desde a inauguração de um edifício novo, em 1878. As oficinas de litografia e heliogravura foram fechadas em 1879, com a rescisão do contrato com os irmãos Carlos e Frederico Smith, e somente em 1888 se instalou nova oficina litográfica. A oficina de encadernação foi mon-

tada em 1879 e, em 1881, possuía uma máquina de dourar, uma de aparar brochura e uma de numerar.

A partir da década de 30, seus livros começaram a sair com a folha de rosto cada vez mais decorada com desenhos diferentes de letras, -em vários tamanhos, em redondos, cursivos, estreitos, largos, filetados, sombreados, vasados, decorados, enfim, com a profusão e fantasia características do romantismo tipográfico da época. Por exemplo, no livro Systema de instrução para a infantaria ligeira, de Bernardo Antonio Zagalo, publicado em 1850, só o título foi composto em quatro corpos diferentes, sendo um deles de tipo ornamentado, o nome do autor em cursiva e sua classe - coronel de infantaria - em gótico. No Relatório acerca do Cholera Morbus, do Dr. Francisco de Paula Cândido, de 1855, o título e o nome do autor são compostos em 3 tipos decorados de maneira diferente, um tipo gótico, um manuscrito e mais dois tipos diferentes em corpos diferentes.

#### FIM DO SÉCULO - PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

##### A Imprensa Nacional

Em 1891 a Imprensa Nacional possuía 24 prelos mecânicos movidos a vapor, que imprimiam em vários formatos: 19 de um cilindro (dois dos quais imprimiam em duas cores) e 5 de dois cilindros. Em 1895, "dispunha de 192 coleções de matrizes, de tipos comuns, elzevirianos, normandos, egípcios, manuscritos, góticos, de fantasia, vinhetas e letras ornadas, de tipo alemão, grego, tupi".<sup>63</sup>

Sua oficina de encadernação, em 1896, possuía 8 cortadores, 3 máquinas de numerar, 3 de cozer a arame, 6 prensas para indorsauimento de livros, 3 para encaixar, 1 laminador, 1 máquina de cortar envelope, 2 de dourar, 4 de picotar, 1 balancim, prensas de mão, etc.

Em seu relatório de 1898, seu administrador se queixava da falta de condições para realizar bons trabalhos de estamperia: "Dispondo apenas de uma velha máquina litográfica e algumas impressas manuais, transportadas do extinto Arquivo Militar, e de pessoal muito

reduzido, está longe a oficina de estamperia de prestar todos os serviços dela reclamados, sendo necessário para muitos desenhos, que acompanham obras aqui editadas, contratar as gravuras xilograficas ou litográficas e a respectiva impressão com particulares." Mesmo assim, a oficina realizou, nesse ano, 237 gravuras, 323 transportes e impri-

64

miu 2.813.885 exemplares, consumindo 102.150 folhas de papel.

O Fac-simile da Constituição dos Estados Unidos do Brasil promulgada em 24 de fevereiro de 1891..., publicado pela Imprensa Nacional em 1891, traz a folha de rosto extremamente decorada com linhas sinuosas e curvas e diferentes tipos ornamentados, de tamanhos diferentes. 3a a Relação dos cidadãos que tomaram parte no Governo do Brasil..., por M.A.G., publicada em 1894, traz a folha de rosto mais despojada.

Tigografias e editoras particulares

Rio de Janeiro

Typographia de G. Leuzinger & Filhos

1893 - Carta ao autor das "Festas Nacionais", por Raul Pompeia. O livro tem uma composição mais moderna.

1899 - Dona Mystica, de Alphonsus de Guimaraens. Folha de rosto toda impressa com letras góticas e extremamente decorada.

Laemmert & Cia., Livreiros-Editores (Rio de Janeiro, S.Paulo, Recife).

1896 - Flor de sangue, de Valentim Magalhães. Capa ilustrada a cores.

1898 - Pelo sertão: historias e paisagens, de Affonso Arinos. Livro bonito. Cada conto traz uma folha de título com pequena decoração vegetal, inicial decorada e pequena vinheta no final, com desenhos variados, de animais. Todas as páginas do texto apresentam, no alto, o título do conto, separado do texto por dois filetes. Papel verge muito bom.

1899 - O Missionário, por H. Inglez de Souza, 2ª edição.

Garnier

1899 - Galeria de História brasileira: 1500-1900, de Ramiz Galvão.

reduzido, está longe a oficina de estamperia de prestar todos os serviços dela reclamados, sendo necessário para muitos desenhos, que acompanham obras aqui editadas, contratar as gravuras xilográficas ou litográficas e a respectiva impressão com particulares." Mesmo assim, a oficina realizou, nesse ano, 237 gravuras, 323 transportes e imprimiu 2.813.885 exemplares, consumindo 102.150 folhas de papel.

O Fac-simile da Constituição dos Estados Unidos do Brasil promulgada em 24 de fevereiro de 1891..., publicado pela Imprensa Nacional em 1891, traz a folha de rosto extremamente decorada com linhas sinuosas e curvas e diferentes tipos ornamentados, de tamanhos diferentes. Já a Relação dos cidadãos que tomaram parte no Governo do Brasil..., por M.A.G., publicada em 1894, traz a folha de rosto mais despojada.

Tigografias e editoras particulares

Rio de Janeiro

Typographia de G. Leuzinger & Filhos

1893 - Carta ao autor das "Festas Nacionais", por Raul Pompeia. O livro tem uma composição mais moderna.

1899 - Dona Mystica, de Alphonsus de Guimaraens. Folha de rosto toda impressa com letras góticas e extremamente decorada. Laemmert & Cia., Livreiros-Editores (Rio de Janeiro, S.Paulo, Recife).

1896 - Flor de sangue, de Valentim Magalhães. Capa ilustrada a cores.

1898 - Pelo sertão: histórias e paisagens, de Affonso Arinos. Livro bonito. Cada conto traz uma folha de título com pequena decoração vegetal, inicial decorada e pequena vinheta no final, com desenhos variados, de animais. Todas as páginas do texto apresentam, no alto, o título do conto, separado do texto por dois filetes. Papel verge muito bom.

1899 - O Missionário, por H. Inglez de Souza, 2ª edição.

Garnier

1899 - Galeria de História brasileira: 1500-1900, de Ramiz Galvão.

Companhia Editora Fluminense, Rua Nova do Ouvidor, nºs 29 e 29 A.

1891 - Alleluias; 1888-1890, de Raymundo Correia. Título inaugural da editora. O editor, em nota prévia, declara que, "tendo se esforçado no trabalho tipográfico, procurou corresponder ao valor literário do autor". Na verdade, é uma edição bem cuidada. A capa é ilustrada em cor azul e traz os dizeres em tipos fantasia e em manuscrito bem bonitos. Cada uma das duas partes do livro contém uma folha de título, seguida de uma folha com dedicatória. Cada poema apresenta, no branco superior, uma faixa decorativa com motivos florais e geométricos variados.

Magalhães & Cia. Editora, Livraria Moderna, Rua da Assembléia, nº 23.

1893 - Broqueis, de Cruz e Souza. Impresso na Typ. G. Leuzinger & Filhos. Livro bonito. Capa decorada com duas faixas com motivos geométricos, impressas em vermelho, que se prolongam pela lombada até quase a metade da 4ª capa. Folha de rosto harmoniosa. O branco superior inicial de cada poema contém uma faixa decorativa. Amplas margens. Papel bom, forte, liso.

1893 - Missal, de Cruz e Souza. Impresso na Typ. G. Leuzinger & Filhos. Também muito bonito.

Imprensa Americana Fábio Reis & C, Rua da Assembléia, nº 75.

1898 - Sertanejas, de Trajano Galvão; pref. de Raymundo Corrêa. Brochura bem pequena (9x14cm), de composição harmoniosa e decorada com delicadas faixas ornamentais nas páginas iniciais dos poemas, sempre em página ímpar. As páginas pares apresentam, no alto, o título do livro. As páginas finais dos poemas apresentam pequena vinheta com desenho extraído das faixas decorativas.

Bahia

Typografia e Encadernação do "Diário da Bahia", Praça Castro Alves, nº 101.

1896 - Vida e obras de Castro Alves, por Mucio Teixeira. Contém dois retratos de Castro Alves.

Pernambuco

Typographia de M. Figueirôa de F. & Filhos

1893 - Viagem do engenheiro Dombre ao interior da província de Pernambuco.

Typographia de Laemmert & C.

1898 - Olinda conquistada, narrativa do Padre João Baers, traduzida do holandês por Alfredo de Carvalho. Com um retrato.

S. Paulo

Typographia e Estereotypia King, Rua do Commercio, nº 25, São Paulo.

1890 - Não, de Estevam Leão Bourroul.

Typographia d'0 Commercio de S. Paulo, Rua General Carneiro, nº 7, São Paulo.

1898 - Os Jagunços, novela sertaneja, de Olivio Barros (pseud. de Afonso Arinos de Melo Franco). A novela foi escrita especialmente para O Commercio de S. Paulo. O editor, Antonio da Rocha Ribeiro, assim se expressa em nota previa incluída no livro: "Nele, os leitores, a par de admirável estilo, encontrarão tão perfeita correção revisional, quanto cheia de arte a composição e distribuição dos capítulos - principalmente atendendo à grande pressa com que foi executado. Empenhado em apresentar ao público um trabalho bem acabado, de nítida impressão, singelo e ao mesmo tempo artístico; para isso fui aliar os meus esforços aos de pessoas inteligentes e dedicadas." A capa traz o retrato de Antônio Conselheiro com o titulo impresso por cima, em vermelho transparente, em diagonal. Iniciais góticas decoradas, páginas iniciais dos capítulos com faixas decorativas e pequena vinheta no final de cada capítulo.

## O NOVO SÉCULO - PRIMEIROS ANOS

No começo do século o livro corrente já era fabricado por técnicas modernas de impressão e processos fotomecânicos e reprodução das ilustrações. A capa ilustrada e/ou decorada a cores estava no auge. O movimento internacional da Art Nouveau trouxera uma ressurreição na ornamentação dos livros; a decoração floral, as curvas, laços e filigranas, em cores claras, alegres, planas, sem sobra e sem perspectiva, invadiram as páginas, as letras e, as vezes, até, as entrelinhas. O novo movimento deu ao livro um estilo autêntico e o aproximou das artes vivas (cartazes, decoração de interiores, arquitetura).

Na Europa, Vollard deu um grande impulso ao livro de pintor fazendo ilustrar Parallelement, de Verlaine, por Bonnard, que colocou nas margens litografias em sanguínea pálido (1900).

A partir de 1900 começa uma maior preocupação artística com as ilustrações. Tiradas em poucos exemplares, algumas edições são numeradas e, até, nominativas. Surgem, na França, clubes tais como Les 100 Bibliophiles, Societé des Amis des Livres, Le Livre Contemporain etc.

A produção geral de livros no Brasil, no entanto, era fraca. Grande número de livros eram impressos em tipografias de jornais e revistas, observou Rubens Borba de Moraes, e "imprimir um jornal e fazer um livro exigem técnicas inteiramente diversas e demandam pessoal diferente". Muitos autores continuavam a ser impressos na Europa.

Houve, no entanto, honrosas exceções e dos prelos brasileiros saíram muitos livros bonitos. Houve, mesmo, propósitos de se publicarem livros com capricho.

Alguns livros publicados na cidade do Rio de Janeiro

A Leuzinger publicou, em 1908, um álbum - Brazil - com reproduções das litografias de Rugendas. A Francisco Alves publicou um livro de Julia Lopes de Almeida - Livro das donas e donzelas (1906) - com 64 desenhos de Jeanne Mahieu em aguada, no texto. A Briguiet, em 1911, lançou Malazarte, de Graça Aranha, com 6 ilustrações e 19

pranchas (17 das quais coloridas) de F. Montagny, em edição limitada a 550 exemplares, tirada em Paris.

A Editora da Revista Nacional, em 1919, lançou uma bem cuidada edição da Bailada do enforcado, de Oscar Wilde, traduzida por Elysio de Carvalho, com prefácio de Celso Vieira e 13 ilustrações de Di Cavalcanti. É um volume cartonado com sobrecapa com dizeres impressos em preto e decoração vegetal impressa em azul e preto. As ilustrações, incluindo uma folha de rosto suplementar ilustrada, são impressas sobre papel pardo, fora do texto. O prefácio e cada um dos capítulos contêm folha de título composta em tipos fantasia Art Nouveau. O branco superior da página inicial do prefácio e de cada capítulo contém uma faixa decorativa estilo Art Nouveau. As ilustrações, em traços e chapados pretos, são fortemente influenciadas por Beardsley, o ilustrador de Oscar Wilde. A tiragem foi de apenas 210 exemplares, sendo 10 em papel Vergé e 200 em papel Imperial Hollanda. O papel do exemplar examinado (da coleção de A. Grieco, comprado pela Biblioteca Central da UnB) ainda hoje se conserva alvo e sem manchas.

Alguns autores fizeram suas edições particulares. Gilka da Costa Machado mandou imprimir Crystaes partidos (1915) nas oficinas gráficas da Revista dos Tribunaes e saiu um bonito trabalho; a capa, em papel branco, traz a impressão, em relevo seco, de fibras e nós de madeira; cada uma das duas partes em que se divide o livro é precedida de uma folha de título; cada poema é seguido de um pequeno florão.

Ronald de Carvalho, em 1913, mandou imprimir Luz gloriosa nas oficinas gráficas da Casa Crês et Cie., em Paris; a capa, em papel bom - Normandy Vellum-France - que encapa uma das folhas do 1º e do último cadernos da brochura, e impressa em preto e vermelho; a folha de rosto, decorada, e também impressa em preto e vermelho; cada uma das partes do livro contém uma folha de título; a maioria das páginas pares estão em branco e, as impressas, apresentam amplas margens; não contém sumário e nem justificação da tiragem.

Da Costa e Silva publicou Zodiaco (1917), com desenhos de Correia Dias, impresso na Officina Typographica Apollo, na Rua da

Alfândega, 182. A folha de rosto, composta em tipos Egípcio, traz decoração geométrica e um desenho a traços, de Correia Dias, que desenhou também o perfil do poeta para o livro.

#### A Imprensa Nacional

A Imprensa Nacional, em 1902, adquiriu uma grande máquina rotativa Marinoni. Em 1906 a oficina possuía 38 máquinas de diversos modelos e para diversos fins. Em 1907 foram adquiridas mais 3 máquinas: uma, sistema Minerva, para a impressão de cromos e gravuras, uma de dois cilindros Marinoni, para trabalhos de luxo e uma para cortar papel. No mesmo ano foram encomendadas mais 9 máquinas para impressão a branco, ilustração e envelopes. As linotipos, em numero de 26, foram adquiridas em 1911 e, as monotipos aperfeiçoadas, em 1921.

O serviço de encadernação funcionava em duas turmas, sendo uma composta quase na totalidade por mulheres; em 1913 contava com 43 máquinas, 21 prensas e diversos aparelhos; em 1919, as maquinas atin-tiram o número de 57.

A estamperia, contando com bons artistas, maquinas adequadas, incluindo 5 aparelhos fotográficos, e técnicas modernas, fazia, em 1907, bons trabalhos com gravura a talho-doce sobre cobre e latão, litografias, xilogravura, fotogravura química e galvanoplastia. Depois de 1907, culminando em 1910, sobreveio uma fase de decadência, conforme observou Francisco Gonçalves Miranda em relatórios da época. Em 15 de setembro de 1911, ainda mais, violento incêndio destruiu quase por completo a Imprensa Nacional.<sup>68</sup>

Podemos observar, na capa do livro Apontamentos históricos, de Oliveira Bello, publicado em 1908, a aplicação da técnica do relevo seco (impressão em branco) empregando-se as máquinas adquiridas em 1907: no centro, acima da imprenta, ha o desenho de um perfil de mulher, impresso em relevo seco, sobre fundo amarelo. A capa, em estilo Art Nouveau, é decorada com cantoneiras de folhagem verde e flores vermelhas.

Vers la paix. . . , de Alberto Torres, (1909) traz uma folha de

rosto bem despojada, bem diagramada, clara, sem mistura de tipos. Mas apareceram outros livros com a folha decorada no novo estilo, com vegetação estilizada e flores (lírios, com freqüência), como, por exemplo: A Memória do Barco do Rio Branco (1912), Fastos pernambucanos, por Pedro Souto Maior (1913), A Ilusão brasileira..., por Dunshee de Abranches (1917), Páginas escolhidas, por Max Fleiuss (1919), etc.

Alguns livros publicados nos Estados

Na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, a Editora Livro Verde, instalada a Rua Barão de Cotegipe, nº 42, procurou, na edição do livro Profissão de fé, de Azevedo Cruz (1901), uma inovação no formato (alto e estreito), na numeração das páginas, todas em algarismos Romano, e na composição da folha de rosto (variada, com a lâ palavra em diagonal descendente), também deixando amplos brancos nas páginas do texto.

Comemorando o 4º Centenário da Descoberta do Brasil, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia encomendou aos Editores Reis & Reis, de Salvador, uma luxuosa e bela edição – Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel escrita da ilha de Vera Cruz em 1º de maio de 1500, com fac-símile do texto original, transcrição no português da época da carta e versão para o português da época da edição, ilustrada com estampas coloridas, protegidas com papel de seda, impresso em papel acetinado muito bom que, depois de tantos anos, está hoje apenas um pouco amarelecido.

Em São Paulo, no mesmo ano, a Typographia Andrade, Mello & Comp. publicou um livro de Affonso Arinos – Notas do dia (artigos publicados no jornal O Commercio de S. Paulo) – com bonitas vinhetas na capa e no miolo, muitos brancos, paginas agradavelmente compostas, com amplas margens, impresso sobre papel acetinado.

Em 1908, Cardozo, Filho & C, firma instalada no nº 35 da Rua Direita, lançou Poemas e canções, de Vicente de Carvalho, com prefacio de Euclides da Cunha, livro muito bonito, impresso sobre papel manual com linha d'agua e marca d'agua com as armas da República;

os poemas se iniciam sempre em página ímpar, com grande branco superior; a composição é bonita, com amplas margens e algumas inovações; não traz justificção da tiragem.

Ao livro de poemas de Presciliana Duarte de Almeida – Sombras (1906) – a Typographia Brazil, Rothschild & Co., de São Paulo, deu uma arquitetura leve e feminina, com brancos amplos e bem distribuídos e delicada decoração floral em estilo Art Nouveau na folha de rosto e nas páginas dos poemas.

A oficina de O Estado de S. Paulo publicou dois livros de Guilherme de Almeida – Nós, com capa e ilustrações de Correia Dias (1917) e A Dança das horas, com capa e ilustrações de Di Cavalcanti (1919), também bem bonitos.

Na cidade de Campinas, Estado de S. Paulo, a Typographia a Vapor Livro Azul, de A.B. de Castro Mendes, publicou Feituras e feições (crítica literária), de Carlos Ferreira, em papel acetinado muito bom, com amplos brancos e páginas bem decoradas com faixas e vinhetas.

No Pará, a Imprensa de Alfredo Augusto Silva, em 1904, fez uma bela edição do poema de Camões – Nathercia: Alma minha gentil... – com o soneto original, uma variante na mesma língua e 38 traduções diferentes, além do prefácio de Arthur Vianna e de um poema a memória de Camões, por Julio Cezar Ribeiro de Souza. O livro é bem decorado, com ilustrações e ornatos a cores, com iniciais grandes decoradas. A subscrição para o livro foi anunciada através de um prospecto que prometia uma edição "de luxo, com páginas decoradas com vinhetas a cores, sobre excelente papel cartolina imperial assétinado", em "tiragem limitada de 200 exemplares, numerados no prelo para que os amadores possam ter a garantia de reservar números determinados", como uma novidade oferecida pelo editor aos bibliófilos. O prospecto anunciava ainda que o livro teria aproximadamente 100 paginas, seria "brochado em linda capa a cores e encerrado em uma pasta cartonada" e custaria "50\$000 réis, preço relativamente pequeno uma vez levados em conta o luxo da edição, o numero limitado da tiragem e o texto da obra". A inscrição estava aberta na casa editora – Papelaria Silva de Alfredo

Augusto Silva, Praça Visconde Rio Branco, nº 12, Belém do Pará. A nota da Editora, com o anúncio da subscrição, foi reunida ao livro na edição.

O estilo Art Nouveau na decoração de livros estava também no Sul: as Officinas Graphicas do Instituto de Electro-Technica da Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1914, publicou Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense, de Roque Callage, com decoração vegetal impressa em cor-de-rosa na capa e nas páginas iniciais dos capítulos, que são precedidos por folhas de título, e vinheta impressa em preto no final de cada capítulo. O papel utilizado é bom, estando hoje apenas um pouco amarelecido e manchado.

#### OS ANOS VINTE - PÓS-GUERRA

Depois da guerra, aumentando o trabalho nas Imprensas, empregou-se papel cada vez pior para atender a demanda. Mas uma parte da tiragem, pelo menos, devia ser tirada em papel bom e, assim, multiplicaram-se as edições em duas ou mais tiragens, em papéis diferentes.

Se a situação era ruim na Europa, não era melhor, no Brasil, para os editores que mandavam imprimir seus livros na Europa e foram impedidos de tal pelas dificuldades cambiais. Poucas tipografias no Brasil eram capazes de fazer livros decentes, observou Rubens Borba de Moraes. "Copiaram - escreveu ele - o que se fazia em França e Estados Unidos. Encomendaram capas em cores a pintores e lançaram ao público, ávido de leitura, esses monstros que ainda andavam por aí. Livros impressos em papéis infames, com caracteres impróprios, cheios de erros de revisão, mal brochados e sem índices (...) Lembrem-se dos livros publicados em torno de 1922, na época da Semana de Arte Moderna. São tão 'ordinários' que é quase impossível, hoje em dia, encontrar-

69

se um exemplar sem manchas."

Perillo Gomes, em comentário na seção "Bibliografia" da revista Ordem, de fev. de 1922 (p.106), lastimava "o mau, o péssimo gosto", "o verdadeiro atentado" da Grande Livraria e Editora Leite Ribeiro, do Rio de Janeiro, contra as obras O Feiticeiro, de Xavier

Marques, e Ariadne, de Magalhães de Azevedo, que acabara de publicar.

Gilberto Freyre, em artigo publicado no Diário de Pernambuco de 18 de out. de 1925, intitulado "O belo livro", escrevia:

Este movimento de reabilitação da estética da tipografia e da impressão e da encadernação – da estética do livro, em suma – quase não nos atingiu, aos brasileiros e portugueses. Nós somos os países do livro feio. Do livro mal feito. Do livro incaracterístico. Principalmente o Brasil.

O Sr. Monteiro Lobato conseguiu animar de certa nota de graça o livro brasileiro. Mas ligeiríssima graça. Livro

belo, não saiu nenhum de suas mãos ou dos seus prelos."<sup>70</sup>

Gilberto Freyre, na década de 20, incentivou a melhoria do livro brasileiro, como observou Edson Nery da Fonseca, "com o movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista", "estimulando atividades em todos os setores da cultura, como, em artes gráficas, as pesquisas e realizações de José Maria de Albuquerque Mello, impressor da Revista do Norte e dos primeiros opúsculos do futuro au-

71

tor de Casa-Grande & Senzala".

Felizmente as exceções existem. Embora não tenha produzido nenhum livro de qualidade artística superior, a década deixou-nos alguns livros bonitos, que podemos ver nas seções de obras raras de algumas bibliotecas, com o papel ainda claro e sem manchas. Boas produções na cidade do Rio de Janeiro

Em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, surgiram várias obras importantes...

A Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro) publicou o Album da cidade do Rio de Janeiro, de 23x31cm, com 127 pranchas, sendo duas desdobráveis, e um mapa colorido e legendas em português e em francês; a maior parte das pranchas é tirada de fotografias de Malta, sendo as restantes de Hubuti & Baer, Lopes, etc.

O Estado do Rio de Janeiro lançou o Álbum do Estado do Rio

de Janeiro, de 32x46cm, ilustrado com fotografias em preto e branco e em sépia e reproduções de quadros a cores, texto e ilustrações com cercaduras, faixas e vinhetas em estilo Art Nouveau; após a folha de rosto há uma folha com a fotografia do então Presidente do Estado, Dr. Raul de Moraes Veiga, em moldura oval profusamente decorada no novo estilo. Infelizmente, o livro não foi bem preparado editorialmente. Não traz introdução, nem sumário e nem colofão.

A revista A Ordem, nos números de março e abril de 1922, anunciou o lançamento do Livro de Ouro do Centenário da Independência do Brasil, edição de luxo preparada pelo Anuario do Brasil, que ainda não foi examinado pela autora.

No mesmo ano, o Anuario do Brasil (Almanak Laemmert, Rua D. Manoel, nS 62) editou Epigramas irônicos e sentimentais, de Ronald de Carvalho, com ilustrações de Correia Dias, em co-edição com a Seara Nova, de Lisboa, e com a Renascença Portuguesa, do Porto. A capa, as iniciais dos poemas e o branco da página inicial de cada poema são decorados com folhagens verdes. O livro foi impresso na tipografia do Anuario do Brasil e a tiragem foi de 700 exemplares sobre papel de linho do Prado, que conserva suas bordas naturais de fabricação. Em 1925 a mesma casa editora publicou a 28 edição da obra, ainda com as ilustrações de Correia Dias, um pouco diferente da 1ª edição, sendo que as folhagens das páginas do texto são impressas em preto e cada poema é precedido por uma folha de título, o que não acontecia com a 1ª edição.

Dois anos depois, o Anuario do Brasil lançou, de Guilherme de Figueiredo, A Fruta que eu perdi: canções gregas, também decorado com florões no início de cada poema, em página ímpar, e no final, em página par, sendo cada poema precedido por uma folha de título, o que resulta em amplos brancos que tornam o livro agradável.

No mesmo ano, de Guilherme de Almeida saiu também Natalika, publicado pela Candeia Azul, impresso na tipografia do Anuario do Brasil. O livro contém folha de rosto harmoniosa e amplos brancos: os capítulos se iniciam sempre em página ímpar, com grande branco superior,

e terminam também em página ímpar, que apresenta o verso em branco. Não há ilustrações, apenas uma vinheta com o desenho de uma candeia acesa que se repete na capa, na folha de guarda e na folha de rosto. o livro contém "índice" e colofão, mas não traz a justificação da tiragem.

Em 1924 a Empresa Graphica Editora (Avenida Mem de Sá, nº 67) imprimiu, para Coelho Neto, o seu livro Mano, no 2º aniversário da morte de seu filho. Toas as paginas impressas do livro, inclusive a folha de rosto e as três folhas de título, têm uma cercadura de folhagens brancas sobre fundo roxo. A tiragem foi de apenas 100 exemplares, numerados e assinados pelo autor, em papel Vergé.

Surgiram belas edições particulares.

Em 1920, Elysio de Carvalho publicou, em edição muito bonita, a tradução que fez de Poemas em prosa, de Oscar Wilde, prefaciada por Ronald de Carvalho e ilustrada por Correia Dias. Quase todas as paginas do livro são abundantemente decoradas em preto e vermelho e também o texto foi impresso em preto e vermelho. A capa contém uma decoração linear extremamente fechada. A folha de rosto é a reprodução da capa, em tamanho reduzido. Em folha inicial, em papel diferente, ha um retrato de Oscar Wilde, desenhado por Correia Dias em chapado preto formando grandes sombras. Cada poema contém uma folha de título, com o verso em branco, seguida de uma folha com ilustração, também com o verso em branco. Cada poema inicia-se com capitular grande decorada e uma faixa decorativa ocupando o branco superior e termina deixando branco final com vinheta. Foi impresso na Typographia de Rodrigues & Co., em tiragem de 505 exemplares, sendo 5 em papel Ledger e 500 em papel Imperial Hollanda.

Em 1926, Ronald e Carvalho encomendou as oficinas de Pimenta de Mello e Companhia a impressão de dois livros seus, ambos ilustrados por Nicola de Garo: Toda a America e Joqos pueris.

Toda a America contém ilustrações, em traços pretos, imitando os desenhos geométricos indígenas, na capa, na 4ª capa, na folha de rosto, nas capitulares, no alto das paginas iniciais dos poemas (pági-

nas ímpares) e no branco inferior do final dos poemas (páginas pares). A tiragem comum não é declarada, constando no colofão que foram tirados 3 exemplares em papel Whatman e 12 exemplares empapei de Hollanda, numerados e rubricados pelo autor.

Jogos pueris foi composto em tipos Romano Antigo muito bonitos. Cada um dos 16 poemas, precedido por uma folha de título com o verso em branco, ocupa duas páginas, sendo o grande branco superior da página (ímpar) ocupado por um desenho geometrizado pintado a mão, com guache, em cores limpas e alegres. Também a capa e a 4ª capa contêm um guache original. Acompanha o livro um marcador, pintado a mão, amarelo com figuras geométricas pretas, parecidas com os desenhos indígenas. Tiragem de 16 exemplares em papel Fabriano numerados e rubricados pelo autor, fora do comércio, destinados aos subscritores. Trata-se de uma das menores tiragens de livro de arte brasileiro. Embora as ilustrações não tenham muita qualidade artística, são arrojadas e procuram imitar o cubismo que nos últimos anos surgira na Europa. É mais um resultado dos movimentos de reação desencadeados pela Semana de Arte Moderna. Por outro lado, houve a intenção de se fazer um livro de arte de tiragem bem reduzida com guaches originais, o que confere ao livro uma raridade natural. O nome de Nicolas de Garo não consta do Dicionário das artes plásticas no Brasil, de Roberto Pontual, e nem do Dicionário brasileiro de artistas plásticos, do INL.

Também nas oficinas de Pimenta de Mello e C., em 1929, Pontes de Miranda mandou imprimir seu livro O Sábio e o artista, livro bem diagramado, com grandes iniciais e decorado apenas com filetes azuis no branco superior de cada página e pequenos quadrados azuis no final dos textos. O texto é impresso em preto e azul. A tiragem foi de 650 exemplares, sendo: 50 em papel Rives, 100 em Domino Ledger e 500 em papel Select Bond, contendo, os 3 primeiros de cada numeração, e outros, um pensamento autógrafo do autor e o nome do subscritor. Aqui também houve o propósito de se fazer um livro de arte e, na realidade, é um livro bem cuidado, bonito, impresso em papel bom e de pequena tiragem.

A Imprensa Nacional imprimiu, em 1920, para a Academia Brasileira de Letras, o Discurso de recepção de Miguel Couto em dois de junho de mil e novecentos e dezoito; Resposta de Mario de Alencar, em edição bem cuidada e decorada com bom gosto. A capa é decorada com relevo seco e impressa em relevo nas cores preta e azul e a folha de rosto, em tipos fantasia e pequenas decorações, e impressa em preto e azul. Cada discurso, precedido de uma folha de título decorada em azul, apresenta a inicial grande, decorada com flor e folhagens brancas sobre fundo azul e, no branco superior inicial e no branco inferior final, vinhetas de folhagens e flores brancas sobre fundo azul.

São Paulo – Os livros dos modernistas

Em São Paulo, teve um grande desenvolvimento industrial a Corp. Melhoramentos de São Paulo que, fundada em 1914, publicou, em 1920, 144.000 volumes. Em 1921 esse número subiu para 217.000 e, em 1922, para 344.000 (mais de 1.100 exemplares por dia). Nesse ano conseguiu uma colocação de destaque na Exposição Internacional do Centenário. Destaca-se, no ano do Centenário, a obra Grandes vultos da Independência brasileira, de A. d'E. Taunay, de acabamento muito bom, composição e impressão de boa qualidade, ilustrada com 29 retratos em tricromia. O Jornal do Commercio, de São Paulo, de 27 de set. de 1922, publicou o seguinte comentário sobre a edição: "No Brasil ainda não foi, pelo que conhecemos, publicada uma obra que com esta se assemelhe. Ela se recomenda pelo assunto, pelo autor (...) e, também, pelo cunho artístico que reveste o seu todo, fazendo dele um livro útil, um compendio de exemplar civismo, e um fino modelo de arte no gênero – pelo menos em nossa terra."

Mas, embora publicando livros de ótima qualidade e em grandes tiragens, a Corp. Melhoramentos não produziu bons livros de arte.

Monteiro Lobato que, em 1919, associado com Octalles Marcondes Ferreira, fundara a Companhia Graptüco-Editôra Monteiro Lobato, deu grande impulso à editoração no país. Entre os numerosos livros que publicou, está Dança dos pirilampos, de Oswaldo Orico, publicado

em 1922, com trabalho gráfico bem feito e formato original e, publicado no ano seguinte, a 4ª edição de Juca Mulato, de Menotti Del Picchia, também um bom trabalho gráfico, contendo folha de título para cada uma das partes do poema, sendo cada uma das partes, por sua vez, subdivididas com algarismos Romanos, cada uma das subdivisões iniciando nova página.

Com a crise econômica de 1925 (motivada pela seca), sua gráfica foi obrigada a fechar e a editora foi a falência, mas o escritor não desistiu da atividade editorial. No mesmo ano, fundou a Companhia Editora Nacional e, em 1945, a Editora Brasiliense, com Caio Prado Júnior e Artur Neves. Livro de qualidade artística superior, porém, não publicou Monteiro Lobato.

Em 1924, Menotti Del Picchia fez uma edição particular (2ª edição) de Moysés: poema bíblico, com decoração em estilo egípcio. Cada um dos 5 cantos contém uma folha de título, com o verso em branco, e a página inicial de cada canto contém, no alto, uma faixa decorativa. Tanto as páginas ímpares como as pares trazem, no alto, o título do canto e o seu número, sublinhados por um filete. Contém índice no final mas não traz colofão e nem ao menos a indicação da casa impressora.

No ano seguinte, Menotti Del Picchia publicou, numa edição Editorial Helios Ltda. - Novíssima, Editora, seu livro Chuva de pedra, com a capa ilustrada com o desenho da parte central da bandeira nacional, dizeres impressos em azul e verde e moldura amarela até às bordas da capa. Cada uma das 4 partes possui uma folha de título e cada poema inicia-se com capitular grande, branca, vasada na parte superior de um retângulo preto que traz, na parte inferior, pequeno desenho branco de temática igual a do poema, letra e desenho emoldurados por uma linha branca sinuosa. Todas as páginas, com exceção da folha de título, apresentam, em tipos manuscritos a pincel e impressos em verde, o nome do autor, no alto, e o título, em baixo. É a brasilidade do Movimento Modernista transposta para as artes gráficas.

\_\_\_\_\_ As oficinas de O Estado de S. Paulo imprimiram, em 1920, o Livro de Horas de Soror Dolorosa, de Guilherme de Almeida, com capa e ilustrações de 3. Wasth Rodrigues. Outro livro do poeta, Era uma vez..., foi impresso (edição de propriedade do autor) em 1922 nas oficinas da Casa Mayença, com desenhos de John Graz. Simplicidade: versos escriptos entre 1910 e 1916, também de Guilherme de Almeida, publicado em 1929 pela Editora Nacional, é um livro bonito, impresso nas oficinas da Emp. Graphica Rosseti Ltda.

A Casa Mayença publicou também, em 1922, Paulicéia desvairada, de Mario de Andrade, com a capa decorada com losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis, brancos e pretos.

A typographia da Rua Santo Antonio, nº 19, imprimiu, em 1927, o Primeiro caderno do aluno de poesia Osuald de Andrade, com uma bonita capa de Tarsila do Amaral, em tiragem de 300 exemplares.

Pathé-Baby, de Antonio de Alcântara Machado, publicado em 1926 com préfacio de Osuald de Andrade e estampas de Paim, tem uma apresentação gráfica inovadora para a época, no Brasil. Pathe-Baby é uma reportagem e o nome de cada uma das localidades descritas pelo autor aparece no sumário composta em tipos diferentes de letra. Cada uma das 23 partes do livro é precedida por uma folha com reprodução de um desenho a nanquim, em pagina inteira. As cenas relativas a cada uma das localidades aparecem como se fosse uma tela de cinema, cercada de preto, no alto; em baixo, aparece sempre o mesmo desenho de uma orquestra de cinema: o violoncelo, o piano, o violino e a flauta.

Elvino Pocai (Av. Rodolpho Miranda, nº 45), em 1928, publicou Escarlate, de Martins Fontes, com a capa ilustrada em preto, vermelho e branco e as paginas decoradas com pequenos grupos de flores impressos em azul bem claro, espalhados simetricamente nas margens; no meio da margem externa das páginas pares está impresso, em azul claro, o nome do autor, entre dois grupos de flores; no meio da margem externa das paginas impares está impresso, da mesma maneira, o título do livro; alguns poemas são seguidos por um desenho de um demônio impresso em vermelho no branco final.

Recife – O livro do Nordeste

Como parte das comemorações do centenário do Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre organizou o Livro do Nordeste, com desenhos de Manuel Bandeira e Joaquim do Rego Monteiro, incluindo sete portões de Recife e Olinda, desenhados por Manuel Bandeira, estilizações de árvores regionais, capitulares e vinhetas. Na apresentação que fez para o livro Arte & Ferro, com serigrafias de Lula Cardoso Ayres, publicado pela Ranulpho Editora de Arte em 1978, citou Gilberto Freyre os desenhos que Manuel Bandeira fez para o Livro do Nordeste, a respeito do qual comentou: "E pelo que documenta pioneiramente de arte recifense anônima do ferro, ao lado que que fixa de outras artes antigas, livro valioso".

Infelizmente, porém, o livro foi muito mal impresso, sobre papel de péssima qualidade. Sylvio Rabelo, em seu livro de memórias Tempo ao tempo, reconheceu que "entregando o livro comemorativo do centenário do Diário a supervisão de Gilberto Freyre, dava Carlos Lira Filho uma prova de boa disponibilidade de espírito em relação a gente nova e a ideias novas". Lembra ele, porém, o "desapontamento de Gilberto Freyre pelos defeitos de impressão do livro com páginas quase ilegíveis".

OS ANOS TRINTA

Produções do Rio de Janeiro

Do ano de 1930, recebemos três livros que podemos chamar de livros de arte todos de iniciativa particular do autor: Inscrições da stela interior e Penetração, de Pontes de Miranda, e Christus imperat, de Octávio Mangabeira.

Inscrições da stela interior é uma brochura de tamanho médio, com uma das folhas do 1º e do último cadernos encapadas com papel pardo claro. A capa e a folha de rosto são impressas em azul. O texto foi impresso em preto e azul, os títulos sublinhados por um filete azul, e e intercalado com amplos brancos. No branco superior de todas as páginas ha um filete azul e, no branco final de alguns poemas, um

pequeno quadrado azul. Foi impresso nas oficinas da Imprensa Nacional, em dezembro de 1929, mas consta na folha de rosto, como data de publicação, 1930. A tiragem foi de 100 exemplares, sendo 25 em papel de Rives, numerados; 20 exemplares foram destinados aos subscritores, 30 ficaram fora do comércio e 50 foram expostos a venda.

Penetração também é uma brochura de tamanho medio, encapada com papel branco muito bonito. Cada um dos três poemas que contem e precedido por uma folha com uma gravura em preto e branco e por uma folha de título; as páginas apresentam amplas margens e a ultima página de cada poema apresenta, no branco inferior, um pequeno quadrado preto. A tiragem foi de 100 exemplares em papel Rives, numerados e rubricados pelo autor. A impressão, nas oficinas da Imprensa Nacional, terminou no dia 23 de abril de 1930, no dia do aniversário do autor. Não há indicação do nome do ilustrador, mas as gravuras são do próprio Pontes de Miranda, conforme resposta sua em carta a autora, na qual explica que a 3a gravura representa a cabeça do autor e "a busca do que está dentro do ser humano".

Christus imperat, de Octávio Mangabeira, com ilustrações de Correia Dias, e uma brochura grande, pouco maior que os livros de Pontes de Miranda. A capa e impressa em letras góticas e decorada com moldura com folhagens alaranjadas e brancas e o desenho de um anjo, impresso em preto. A 4º capa é decorada com a mesma moldura de folhagens e as iniciais do autor entrelaçadas e ornamentadas. As páginas iniciais são compostas em letras góticas, com capitulares vermelhas, decoradas. O texto, em tipo bastão, e impresso em preto, sendo que a primeira palavra, em letras góticas, é impressa em vermelho com a inicial, decorada, dentro de um quadrado de fundo vermelho com folhagens brancas. Todas as paginas apresentam, no alto, o título do livro, em letras góticas, ladeado por dois pequenos quadrados decorativos, e são rematadas, em baixo, por uma faixa decorativa vermelha decorada com folhagens brancas. Cada parágrafo se inicia com uma capitular gótica decorada sobre quadrado vermelho com folhagens brancas.

A primeira página do texto é ilustrada, no alto, com uma

larga faixa vermelha decorada com folhagens brancas apresentando, no meio, o desenho do Menino Jesus na mangedoura. O verso da última página do texto contém, decorado da mesma maneira, a cabeça do Cristo crucificado, abaixo das palavras Laus Deo, muito empregada, antigamente, no final dos livros.

O papel, Fabriano, muito bonito, fortemente granulado, conserva as bordas naturais de fabricação. A tiragem foi de 500 exemplares, numerados e rubricados pelo autor, impressos nas oficinas Uillas Boas, no Rio de Janeiro. Embora decorado a maneira antiga, o livro é muito bonito, os tipos são claros e a impressão é nítida e bem feita.

O texto, ocupando 13 páginas, é um resumo da vida de Jesus. Foi escrito em Poços de Caldas e publicado pela primeira vez no jornal A Tarde, da Bahia, em sua edição de Quinta-Feira Santa do ano de 1925.

Nesse mesmo ano de 1930 houve um grande acontecimento para a xilogravura de arte brasileira, que iria ser depois bastante empregada no livro de arte. Foi o lançamento do álbum 10 gravuras em madeira, de Goeldi, com prefácio de Manuel Bandeira, por Paulo Pongetti, reunindo o que de melhor fez o artista entre 1924 e 1930. O prefácio ocupa apenas uma página. A tiragem foi de 200 exemplares, assinados e numerados pelo artista.

Na ilustração do livro brasileiro com xilogravura de arte, o pioneiro ainda foi Goeldi que, em 1937, ilustrou com madeira em cores a 2ª edição de Cobra Norato, de Raul Bopp, composta e impressa por Armando di Monca, em tiragem limitada de 150 exemplares numerados.

De iniciativa particular do autor, a década de 30 nos deixou também Cyclo de Helena, de Francisco Campos, e Menestrel, de Alberto Rebelo, ambos livros bonitos, embora não possam ser classificados como livro de arte.

O primeiro, publicado em 1932, é uma brochura um pouco grande, encapada com papel impresso coberto com papel de seda. Traz o título, na capa e na folha de rosto, os títulos dos poemas e as pequenas vinhetas no final dos poemas impressos em cor vermelho-tijolo; os números das páginas são ladeados por dois pequenos florões, da mesma altura;

o papel é bom: embora um pouco amarelado, ainda se conserva macio e flexível. O livro foi impresso nas oficinas da Imprensa Nacional, em tiragem de 150 exemplares, numerados no prelo.

Menestrel, de Alberto Rebelo, publicado em 1939, e uma brochura de tamanho médio, encapada com papel imitação de pergaminho impresso com texto e ilustração. Cada uma das três partes em que se dividem os poemas contém uma folha de título. Há mistura de tipos nas páginas iniciais. A capa é de Monteiro Filho. O livro foi composto nas oficinas do Correio Português e impresso na Grafica Editora Carioca, no Rio de Janeiro, em tiragem de 100 exemplares numerados e rubricados pelo autor.

Surgiram ainda outros livros bonitos, embora não de qualidade artística superior.

A Imprensa Nacional, além da impressão de alguns livros citados acima, publicou, em 1939, Terra carioca: fontes e chafarizes, de A. Magalhães Corrêa, que, além da parte descritiva, traz um desenho de cada fonte ou chafariz.

O Ministério da Educação e Saúde publicou, de Manuel Bandeira, Estrela da Manhã, em 1936, e o Guia de Ouro Preto, em 1938.

O primeiro, com capa de Santa Rosa, composto e impresso sob a direção de Luis Camilo de Oliveira e Manuel Alves de Sousa, teve uma edição bem cuidada de 57 exemplares.

O Guia de Ouro Preto, ilustrado com 43 desenhos de Luis Bardin e 2 mapas, é uma publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo sido responsável pelos trabalhos gráficos o litografo e técnico em artes gráficas Genaro Louchard Rodrigues (Pai).

Afonso Arinos de Mello Franco também preparou um Roteiro lírico de Ouro Preto publicado pela Sociedade Felipe d'Oliveira em 1937, um ano antes do Guia de Manuel Bandeira. Além de uma descrição poética de uma viagem artística e historia a Ouro Preto, o livro contém reproduções de aquarelas do autor, uma colada na capa e outra colada na página 32. O papel do miolo não é bom, estando já manchado. O livro, composto e impresso na Officina Graphica Mauá, não traz justificação da tiragem.

A Cooperativa Cultural da Guanabara, em 1938, fez uma bonita, edição de A Poesia em pânico, de Murilo Mendes, brochura com capa branca com uma foto-montagem de gravura antiga, feita por Murilo Mendes e Jorge de Lima e as duas iniciais P, do título, impressas em vermelho. O letreiro da capa é de Santa Rosa. Os poemas são impressos em tipos claros, Romano Moderno. As páginas pares apresentam, no alto, o nome do autor, e, as páginas ímpares, o título do livro. O livro contém "índice", mas não traz colofão e nem justificação da tiragem.

Sairam dois livros escritos em francês, com a participação da Embaixada da França.

O primeiro, publicado pela Imprensa Nacional em 1934, foi Le Brésil et le génie français, com discursos de Ronald de Carvalho e de Luc Durtain e prefácio de Louis Hermitage, Embaixador da França no Brasil. O livro foi todo composto em Romano Moderno, variando apenas o corpo. Os discursos são compostos em tipos grandes (4,5mm) com a inicial gótica, grande, impressa em vermelho dentro de um quadrado decorado em preto e branco. A mancha é clara e as margens são equilibradas. A impressão é nitida e bonita. O papel, macio e absorvente, está amarelado e manchado, mas não quebradiço. A tiragem foi de 200 exemplares fora do comércio.

O outro, mandado publicar pela Embaixada da França, é Hommage a Guanabara La Superbe: L' Ambassade de France a Rio de Janeiro, por Madame Louis Hermitage. A capa da brochura contém reprodução de uma pequena paisagem e, a 4ª capa, uma vinheta colorida com as bandeiras do Brasil e da França. No alto, as páginas pares trazem o título do livro, abreviado, e, as páginas ímpares, o título de cada capítulo. Antes da folha de rosto há uma folha branca, com o desenho de uma orquídea lilás (aquarela). A maioria das páginas contém apenas ilustrações ou ilustrações acima do texto. Poucas contêm apenas texto. São 350 páginas contendo 10 reproduções de aquarelas da autora, 16 outras ilustrações a cores, 320 ilustrações em preto e branco (reprodução de fotografias) e os 4 primeiros mapas da Baía do Rio de Janeiro. O livro contém sumário no início e colofão no final. Foi executado no Rio de

Janeiro: impressão do texto e tiragem das ilustrações nas prensas de Irmãos Barthel, trabalhos de fotogravura em cores e em preto e branco por Luiz Latt e Cia. e acabamento por J. A. Tannuri. Os tipos foram fundidos especialmente por Funtymod, em São Paulo, e o papel, ilustração, pela Cia. Fabrica de Papel, em Petrópolis. A tiragem foi de 870 exemplares numerados e assinados pela autora. Feito por mulher, é um livro bem feminino. Embora um pouco antigo, é bonito e bem feito.

Recife - Os "Guias práticos" de Gilberto Freyre

Do Recife do ano de 1930 chegaram até nós, bem conservados, exemplares de um belo livro de arte, de edição particular, com aquarelas originais e desenhos de Luis Jardim: o Cuia pratico, histórico e sentimental da cidade do Recife, escrito e publicado por Gilberto Freyre. É uma brochura de tamanho médio, em papel pardo escuro, com pequena aquarela original pintada em papel branco, colado no lado direito da capa, que é igual a folha de rosto, esta contendo outra pequena aquarela original pintada diretamente sobre o papel pardo do texto, "tendo sido empregada a tinta branca para fornecer os claros. A capa e a folha de rosto são compostas em tipos Romano Antigo. O texto, composto em tipos um pouco diferentes, de 3mm, traz a inicial grande (44mm), vermelha, com desenho de um coqueiro e uma jangada (em amarelo, azul e preto) em seu interior. Todas as páginas do texto trazem, no alto, uma estreita faixa decorativa, impressa em preto. As páginas pares contêm apenas texto; as ímpares contêm, algumas, texto e ilustração, e outras, apenas ilustração (desenho em preto e branco) ou reprodução de fotografia. O texto foi impresso sobre papel Vidalon-Montval, pardo, que conserva as bordas naturais de fabricação, irregulares e onduladas. As ilustrações foram impressas em papel acetinado e coladas sobre o papel pardo do texto. Há 19 desenhos em preto, 18 fotografias e 8 reproduções de gravuras e quadros antigos. Na página final do texto, no grande branco inferior, há um desenho em chapado preto impresso sobre o papel do texto: uma esquina iluminada por um lampião. No final do volume, há duas plantas da cidade do Recife. O li-

vro, que contém 49 folhas não numeradas, não traz sumário. O colofão e a justificação da tiragem estão impressos na 1ª orelha. O trabalho de composição e impressão foi feito nas oficinas gráficas de The Propagandist, de Maurício Gomes Ferreira, e as reproduções por José Maria C de Albuquerque. A tiragem foi de 105 exemplares, não numerados. O Guia foi reeditado pela José Olympio em 1942, 1961 e 1968, em edições revistas e atualizadas.

Em 1939, Gilberto Freyre lançou Olinda: 2º guia pratico, histórico e sentimental de cidade brasileira, outra edição particular de belo livro de arte, com desenhos de Manuel Bandeira. É uma brochura de tamanho médio, contendo 64 folhas não numeradas, em papel alemão, legitimo Buetten, cinzento marrom, com 56 desenhos e uma planta da cidade de Olinda, impressos em preto sobre papel acetinado branco e colados sobre o papel pardo, em páginas inteiras intercaladas com as páginas de texto. Cada capítulo se inicia com capitular grande (22mm), preta, dentro de uma moldura e com uma decoração que varia em desenho e em cores, entre o roxo, o vermelho e o alaranjado, impressa em papel branco acetinado colado sobre o papel do texto. No branco inferior do final de alguns capítulos encontram-se vinhetas impressas no mesmo papel do texto, com desenhos-documentários de detalhes arquitetônicos de Olinda. Todas as páginas de texto contêm, no alto, uma faixa decorativa, impressa em vermelho e preto. O texto foi composto com tipos Romano. O livro foi composto e impresso nas oficinas de Drechsler & Cia., à Rua do Bom Jesus, nº 183, em Recife, e a tiragem foi de 500 exemplares, 350 em papel legitimo Buetten, cinzento marrom, e 150 em papel offset, cinza, todos assinados por Gilberto Freyre e M. Bandeira e numerados a mão. O livro contém sumario das ilustrações e do texto. O colofao, com a justificação da tiragem, encontra-se no verso da folha de rosto.

Em post-scriptum ao Guia de Olinda, Gilberto Freyre anuncia a publicação de novos guias, talvez, da cidade de Salvador da Bahia, de Belém do Para e do Rio de Daneiro. Em seguida, reporta-se à publicação do Guia do Recife e defende a sua prioridade em relação às pu-

blicações norte-americanas, da American Guide Series, em que os guias foram principalmente trabalho de escritores sem emprego. Como as norte-americanas, afirma ele, a sua publicação fora obra de escritor desempregado. Escreve ainda:

A relativa originalidade daquele Guia pratico, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife não passou completamente despercebida aos brasileiros e estrangeiros que o conheceram. Carolina Nabuco destacou-o num artigo cheio de ternura pela cidade de seu pai. Salientou que no gênero era um esforço novo e não um guia de cidade dentro dos limites convencionais.

Gilberto Freyre cita, a seguir, guias parecidos, publicados na França, na Alemanha, na Espanha e em Portugal, literatura a qual viera se juntar, no Brasil, em 1938, o Guia de Ouro Preto, do poeta Manuel Bandeira, com ilustrações de Luis Jardim, "talvez as melhores ilustrações que Jardim fez até hoje".

Nessa década, além de livros ilustrados por Lula Cardoso Ayres, Manuel Bandeira e Carlos Leão, Gilberto Freyre publicou, em 1937, o opúsculo Mucambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil, ilustrado com 9 aquarelas de Dmitri Ismailowich, duas das quais a cores, 9 esboços de Manuel Bandeira e capa de Luis Jardim, primeira de uma série de monografias sobre as artes no Brasil, publicada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do então Ministério da Educação e Saúde.

No Recife, em 1934, Aderbal Jurema e Odorico Tavares publicaram, juntos, 26 poemas, com ilustrações de Ramirez Azevedo e Santa Rosa, uma edição de Momento, revista critico-bibliográfica do Recife (Rua Conde da Boa Vista, nS 1274). Há uma série de 13 poemas de cada um dos autores, cada uma com uma folha de título. Quase todos os poemas, curtos, ocupam duas páginas, iniciando-se ao pé da página ímpar e terminando no alto da página par; alguns ocupam apenas a página ímpar, deixando o verso em branco. Sete dos poemas são precedidos por um de-

senho impresso em papel acetinado colado no branco superior. As paginas pares trazem, no alto, o título do livro, ladeado por frisos formados por fileiras de pequenos círculos decorados. Cinco dos desenhos, sombreados em sépia, em estilo que lembra o de Chagall, são de Ramirez Azevedo e dois, a traços pretos, são de Santa Rosa. O livro foi impresso na Typ. do Diário da Manhã, do Recife. O colofão está impresso na 2a orelha. Não há justificação da tiragem.

São Paulo - Juiz de Fóra - Petrópolis

À cidade de São Paulo era uma das inspirações básicas de Martins Fontes, poeta parnasiano da segunda geração. As outras eram São Francisco de Assis e a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1934 Martins Fontes publicou Paulistania - exaltação a São Paulo -, edição feita com material exclusivamente paulista, composta e impressa por Elvino Pocai, sobre papel de linho fabricado por Gordinho Braune S.A. A brochura, de tamanho médio, traz a capa imaginativa até a confusão e profusamente decorada com letras fantasia e muitas cores. Igualmente as páginas iniciais são extremamente decoradas. A falsa folha de rosto traz o título impresso em vermelho e, acima dele, pequeno desenho a cores de uma estatua de mulher sobre uma coluna, segurando um facho. A folha de rosto, ilustrada com a bandeira paulista, e seguida por uma folha com dedicatória, esta emoldurada por uma cercadura com folhagens e motivos gregos em exuberância e o brasão de São Paulo, em diversas cores e dourado. Vem a seguir outra folha com a epígrafe, de Oliveria Martins - "De São Paulo pode sair a raça que fez o Brasil" -, também decorada com exagero, com a figura de um soldado de capacete, escudo e lança. Todos os poemas se iniciam em página ímpar, com títulos sublinhados e impressos em vermelho. São compostos em tipos de 3mm, com a inicial maior (20mm), impressa em cores que variam para cada poema, sobreposta a pequeno e delicado desenho, em cor suave, diferente da cor da letra, alusivo ao tema do poema, sempre São Paulo. Essas vinhetas são o que há de mais bonito no livro. As paginas pares que contêm, no alto, o final de um poema, tra-

zem, no branco inferior, uma pequena vinheta de uma só cor, que varia em cada poema. Quando o poema ocupa apenas a página ímpar, o verso da página apresenta, no centro, o braço de São Paulo, impresso em cor parda clara. As margens são amplas. A tiragem foi de 1.000 exemplares, sendo os 100 primeiros numerados e rubricados pelo autor. Bem composto e bem impresso com bom material, com bonitas vinhetas capitulares, a decoração bem de acordo com o espírito parnasiano, sua cores e seus dourados combinando com a rima rara da poesia parnasiana, e, no entanto, um livro antigo para a época, quando até já surgira, na Europa, o livro-objeto.

Em 1936, Elvino Pocai compôs e imprimiu também I Fioretti, poemas de São Francisco de Assis traduzidos por Martins Fontes, com desenhos de Paim Vieira, o pintor paulista de temas religiosos. A brochura, de tamanho médio, traz na capa o título e o nome do tradutor em tipos fantasia decorados em azul e vermelho, cercados com decoração floral nas mesmas cores e marrom. Sobre a grande inicial do título está a figura de São Francisco de Assis de braços abertos, cercado de pássaros, tendo aos pés um lobo e uma corça. Todo o livro foi composto com letras góticas. A falsa folha de rosto é impressa em azul claro, a folha de rosto em preto, vermelho e azul e os poemas em preto, com tipos grandes (4mm), com a inicial maior (6mm) e o título (6mm) em vermelho. Depois da folha de rosto, há um desenho, fora do texto, em preto e branco, representando São Francisco de braços levantados, com cinco estrelas no alto da cabeça, um pássaro acima de cada mão e vários animais aos pés. Antecedem as traduções 6 folhas com poemas em italiano, encimados, nas páginas ímpares, por uma larga faixa decorativa, impressa em azul claro, e acompanhados por uma pequena vinheta, com os mesmos motivos e a mesma cor da faixa, impressa no branco final de cada poema. O livro contém "índice" no final e não apresenta a justificação da tiragem. É um livro bonito, à moda antiga.

A Editora Nacional publicou, em 1931, Você: cancionero, de Guilherme de Almeida, ilustrado com delicados desenhos de Anita Malfatti. A capa e a folha de rosto são ilustradas com um pequeno

desenho de cabeça de mulher. Todos os poemas se iniciam ao pé de uma página ímpar, com desenho no branco superior, e terminam no alto da página par, com desenho no branco inferior. São desenhos delicados com motivos femininos. O livro contém "índice" no final e justificativa da tiragem em uma folha especial antes da falsa folha de rosto. A tiragem foi de 3.000 exemplares. É um livro bonito e bem ilustrado.

Em Juiz de Fóra, o Estabelecimento Graphico Companhia Dias Cardoso, em 1930, fez uma edição bem cuidada de Poemas: 1925-1929, de Murilo Mendes, e a Typ. das Vozes de Petrópolis, em 1933, publicou, de Frei Henrique Trindade, o.f.m., Os Contos de frei Jacopone, de teor ingênuo, em edição elegante e ilustrada.

#### OS ANOS AO — A GUERRA E O PÓS-GUERRA

##### Panorama europeu — Portugal — Brasil

Na Europa, a explosão da cor é exemplificada no livro de Matisse, 3azz, publicado em 1947, e o surrealismo em livro de pintor aparece com L'Antitête, de Tristan Tzara, ilustrado por Max Ernst, Jean Miro e Yves Tanguy. Além da França, a Noruega e a Suíça também produzem belos livros. Em 1945 Bernardo Marques, em Portugal, elogiava o livro norueguês: "Quem pegue um vulgar livro norueguês notará a elegância do seu todo: impecável tipografia, belíssimo papel, sobriedade de capa. Um ar, quâsi intraduzível, mas finamente reconhecível de objeto delicado, íntimo, de um luxo discreto." Sobre a produção editorial da Suíça, dizia: "A Suíça foi, de fato, o país que mais inteligente desenvolvimento deu a editorial desde que esta nova guerra alastra. Recolheu os seus grandes mestres de tipografia, que endavam dispersos, e aproveitou-os."

Em Portugal, a situação da tipografia era assim comentada por Luís de Montalvor em 1945:

" Hoje, felizmente, num bu noutro caso, uma reacção de bom gosto ja se faz sentir. Porém, subsistem em larga escala e com manifesto prejuizo da produção de qualidade, em obras impressas com preo-

cupação de cuidado e beleza, a insuficiência de meios técnicos e de apetrechamento industrial. (...) Defeitos, insuficiências, limitação de recursos, - eis a perspectiva, o tristíssimo panorama que se oferece a quem lida de perto, por dever de ofício, ou signo de amador, com a indústria portuguesa de tipografia.

Na mesma época, Bernardo Marques fazia a seguinte observação sobre o livro artístico em Portugal:

Ora, para que o nosso livro adquira finalmente um aspecto elegante e ordenado, e não espetaculoso, como se está vendo e até parece- que diariamente acentuado, será preciso que numerosos editoriais vigentes, em grande número prosperas, tomem directores técnicos e artísticos.

Sobre o problema do papel na época, em Portugal, escreveu Luiz Moita em 1945:

Em 1939, embora sem efeitos salientes no que respeita aos preços, as qualidades dos fabricos nacionais haviam melhorado, nesta ou naquela fábrica, mercê, em grande parte, da reforma parcial de seu apetrechamento fabril. Os papéis "imitação couche", próprios para livros ou revistas ilustradas, chegaram a atingir manifesto interesse, logo aproveitado numa aplicação e consumo com tendência a progredir. Chegou mesmo a tentar-se, embora com expressões modestas, o fabrico de "bíblia". Um "pluma", de agradável aparência, chegou também a ser tentado. E é natural que outras modalidades de aperfeiçoamento fossem ensaiadas e obtidas se a guerra não surgisse a suspender, congelar, esta evolução que, finda ela, não sabemos em que sentido virá a ter realidade, se o for. (...) O problema, dos papéis, em países como a Espanha, a Itália, a França, etc, se põe, perante as respectivas fábricas e consumos locais, numa maneira idêntica: produção, protegida por pauta aduaneira para assegurar a existência dos fabricos nacionais. Nem

podia deixar de ser assim. No mundo inteiro so quatro paí-  
ses, - a Russia, a Finlândia, a Suécia e o Canada, países  
Nórdicos, portanto, mercê das suas excelentes condições  
naturais, podem afrontar o mercado internacional.<sup>77</sup>

Os papéis mais utilizados na época eram o couche, o simile-  
couché, o velino, o vergé, o pluma, o bíblia etc. Para os livros de  
luxo, eram utilizados os velinos dos tipos Melotex, Marais, Cuve du  
Marais (papéis de "forma").

Quanto à ilustração do livro português, escreveu Roberto No-  
bre, na mesma época:

No nosso meio editorial, so nos últimos anos se come-  
çou a pensar no valor da apresentação e a considerar a es-  
tética do livro como que ligada a dignidade intelectual da  
casa editora. (...), O que seãtingiu é satisfatório, intei-  
ramente? Não. Em primeiro lugar ha uma terrível confusão  
e mau gosto na maioria dos livros que ainda por aí apare-  
cem ilustrados por improvisados amadores sem segurança e  
sem gosto. Em segundo lugar, o ilustrador português, mes-  
mo quando dirige e decora uma bela edição, preocupa-se mais  
em exhibir as suas faculdades do que em se integrar, em criar  
humildemente o ambiente propício a compreensão da obra.  
Ilustrar Balzac, por exemplo, nao deverá ser o mesmo que  
ilustrar Anatole. Não verificamos nós todos os dias o pa-  
vor que são as capas dos romances do Eça?<sup>78</sup>

No Brasil, a partir da década de quarenta é que as editoras  
se difundiram, muitas delas contendo gráfica própria. O Rio de Janeiro,  
Sao Paulo e Rio Grande do Sul eram os três maiores mercados de livros.  
Em dezembro de 1940, em comemoração ao V Centenário da Imprensa e de  
Guttemberg, organizou-se no Rio de Janeiro a Primeira Exposição Nacio-  
nal do Livro e das Artes Gráficas.

Os artistas ilustradores mais atuantes na década eram: Santa  
Rosa, Portinari, Clóvis Graciano, Livio Abramo, Goeldi, Marcelo

Grassmann, Di Cavalcanti, 'Luís Jardim, Augusto Rodrigues, Carlos Leão, Fayga Ostrouier e Guignard.

#### A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

Com a finalidade de publicar obras-primas de autores brasileiros ou livros sobre o Brasil, em edições de arte, fundou Raymundo Ottoni de Castro Maya, em 1943, a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, a associação brasileira que mais se aproximava dos clubes de colecionadores de livros da Europa e dos Estados Unidos.

Diziam seus artigos I e II:

##### "Artigo I

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil é uma sociedade de bibliófilos e de caráter estritamente cultural, com sede na cidade do Rio de Janeiro, tendo como finalidade publicar obras primas de autores brasileiros, ou livros sobre o Brasil, em tiragens limitadas impressas em papel de luxo e ilustradas.

##### Artigo II

Sempre que possível a Sociedade editara um livro por ano em tiragem limitada a 120 (cento e vinte) exemplares, 100 (cem) dos quais numerados e contendo os nomes dos sócios a quem pertencem. Dentre os restantes, marcados com letras, 15 (quinze) destinam-se respectivamente ao Presidente da República, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, a Academia Brasileira de Letras, ao Museu Imperial, ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, à Biblioteca Municipal de São Paulo, à Biblioteca do Estado da Bahia, à Biblioteca do Estado de Pernambuco, a Biblioteca Nacional de Lisboa, a Bibliothèque Nationale de Paris."

A Comissão Executiva era formada por S.A.I. e R. Dom Pedro de Ornelas e Bragança, Raymundo O. de Castro Maya, Afrânio Peixoto, Cypriano Amoroso Costa e Max Fischer.

Por ocasião de cada lançamento havia um jantar no Jockey Clube, e aos sócios era distribuída uma folha impressa com o Menu, em francês, a qual costumava ser encadernada juntamente com a brochura.

Nos anos 40 foram feitos os seguintes lançamentos: Memórias posthumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Espumas fluctuantes, de Castro Alves, Pelo sertão, de Affonso Arinos, e Luzia Homem, de Domingos Olympio.

A sociedade reuniu-se pela primeira vez no dia 18 de julho de 1944, para o lançamento da 19 de suas publicações, relativa ao ano de 1943 – Memórias posthumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, com águas-fortes de Portinari, cuja impressão terminou em 1944. O texto reproduzido foi o da 4ª edição definitiva do romance (1899), revista por Machado de Assis.

A brochura, de tamanho grande, contém 316 páginas com 7 águas-fortes de página inteira, 25 retratos, a nanquim, de personagens do romance e 53 desenhos a nanquim, alguns de página inteira e outros completando a mancha da última página de quase todos os capítulos. Se Machado de Assis não fez, no romance, o retrato físico dos personagens, mas apenas o retrato psicológico, Portinari desenhou para a edição uma galeria de retratos que materializam com perfeição a psique descrita pelo romancista.

O texto foi composto em tipos Romano Antigo de 3,5mm. As páginas impressas que não iniciam capítulo apresentam, no alto, o nome do autor, nas páginas pares, e o título do livro, nas páginas ímpares. Foi utilizado, para o texto, papel Registro Brasil que conserva as bordas naturais de fabricação, e, para as gravuras, papel Sunray.

As águas-fortes foram tiradas pelo próprio artista, com a colaboração de seu irmão Loy Portinari. Os desenhos foram reproduzidos em clichês na Imprensa Nacional, que realizou também os outros trabalhos gráficos, sendo diretor o Dr. Alberto Britto Pereira, sob a orientação da Americ-Edit Ltda.

A tiragem limitou-se a 119 exemplares, sendo 100: para os sócios e os restantes 19 a serem distribuídos de conformidade com os estatutos. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

A 29 de abril de 1947 fez-se a 2ª reunião dos Cem Bibliófilos, quando foram entregues os livros e leiloados os originais de Santa Rosa

da 29 de suas publicações, relativa ao ano de 1944/1945 - Espumas fluctuantes, de Castro Alves, com águas-fortes de Santa Rosa -, lançada no ano e mes em que se comemorava o Centenário de Nascimento de Castro Alves (14 de abril de 184?) e reproduzindo o original de 1870.

Em tamanho grande, a brochura contém 203 páginas, com 4 águas-fortes fora do texto, assinadas e numeradas, e 61 desenhos: aguadas ocupando o branco superior do início de quase todos os poemas e pequenos desenhos no final de alguns poemas, alusivos ao seu tema. As águas-fortes são protegidas por papel de seda. A composição dos poemas, em tipos Romano Antigo de 3,5mm, é bem arejada, com amplos brancos. O texto e os desenhos foram impressos em papel Imperial Japão White Plate Pinisch, fabricado por Rolland Papers Company LD. de Montreal, Canadá.

Os trabalhos gráficos foram orientados por Santa Rosa, e as águas-fortes por ele gravadas foram tiradas em prensa manual, com a colaboração de Luiz Portinari. A impressão do texto e dos desenhos foi feita em off-set, na Imprensa Nacional, sendo diretor o Prof. Francisco de Paula Achilles, chefe da divisão de produção Dr. Raul de Oliveira Rodrigues, assessor da produção Rubem Pimentel da Motta, chefe de composição Tarquinio Antonio Rodrigues, chefe da gravura Osmaldo de Assis, chefe da impressão Oscar Loureiro, técnico de gravura em off-set Silvio Signorelli.

A tiragem foi de 119 exemplares: 100 para os sócios e 19 a serem oferecidos de conformidade com os estatutos. Foram inutilizados os negativos, bem como as placas gravadas que serviram para a edição.

Na 3ª reunião, em 1948, foram entregues os exemplares do volume de contos de Affonso Arinos, Pelo sertão: histórias e paisagens, ilustrado com gravuras sobre madeira e linóleo de Lívio Abramo, publicação relativa ao ano de 1946, reproduzindo o original de 1898.

A brochura, grande, contém 157 páginas com 27 xilogravuras fora do texto, além de 18 pequenas gravuras em linóleo, de tamanho variável, impressas em sépia no final de capítulos, e mais 3 no início e 3 no final do volume. As xilogravuras, gravadas com traços finos e

delicados, foram impressas em preto sobre papel do Japao, assinadas e numeradas e coladas sobre uma folha branca, precedida por uma folha vazada, que faz as vezes de passee-partout, solto. As letras dos dizeres da capa foram talhadas em linóleo, com pequenas formas espalhadas por dentro e por fora das letras, e impressas em preto sobre a impressão, em sépia, de um taco de madeira, com nós e belas linhas sinuosas provenientes das fibras, ressaltadas com jatos de areia. Cada conto é precedido de uma folha de título com letras de 25mm talhadas em linóleo e impressas sobre xilogravura, como na capa. Os contos foram compostos em Romano Antigo de 4mm, com inicial grande (36mm) desenhada a traços finos abertos em um pequeno quadrado de linóleo com cenas e paisagens gravadas em traços bem finos e toques de ponta de instrumento, um trabalho delicadíssimo, impresso em sépia no branco deixado a esquerda pelas 8 primeiras linhas do conto. Todos os capítulos dos contos iniciam-se com capitular decorada, totalizando 29 pequenas gravuras de capitulares. As páginas de texto foram impressas em papel Goatskin Parchment.

As xilogravuras foram impressa pelo artista, ajudado por Marcelo Grassmann; as madeiras que gravaram os fundos para as linóleo-gravuras foram escavadas a jato de areia nas Oficinas Conrado, pelo esmerilhador André Savarezze. O texto foi impresso pelas S.A. Industrias Graphics - F. Lanzara, sendo diretor Felicio Lanzara, mestre de obras Affonso de Camargo e Dose Bernini, linotipistas Laurentino R. Silva e Pedro Cassou, impressores Antônio Gorzoni e Francisco Azevedo, tipógrafo Anacleto Braggio.

A tiragem foi de apenas 119 exemplares, 100 para os sócios e 19 para serem distribuidos de conformidade com os estatutos.

A 4ª publicação da Sociedade dos cem Bibliófilos, relativa ao ano de 1947, foi entregue em 1949, reproduzindo o texto original de 1903 de Luzia Homem, de Domingos Olympio, ilustrado com águas-fortes de Clóvis Graciano.

A brochura, de tamanho grande, contém 337 páginas com 28 águas-fortes no branco iniciais de cada capítulo, além de 2 águas-fortes

fora do texto. Os 28 capítulos, numerados em Romano, iniciam-se sempre em página ímpar. O texto foi composto a mão com tipos Caslon Elzevir Romano de 6mm (corpo 20), com inicial maior (15mm), impressa em vermelho, e impresso em prensas manuais sobre papel d'Arches, Vosges, França, com marca d'agua, conservando as bordas naturais de fabricação. As gravuras foram tiradas em prensas especiais, na Gráfica de Artes S.A., do Rio de Janeiro, que imprimiu também o texto sob a direção de Luiz Portinari, por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini.

A tiragem foi limitada a 119 exemplares, sendo 100 para os sócios e 19 para serem distribuídos de acordo com os estatutos. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

Em 1949, com a saída de Afrânio Peixoto morto em 1947 e Max Fischer da Comissão Executiva, entrou Ricardo Xavier da Silveira, ficando ela assim constituída até 1955.

#### A Confraria dos Bibliófilos Brasileiros – As Edições Condé

Em 1945 surgiu no Rio de Janeiro uma nova sociedade de bibliófilos, a Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba, com a diretoria composta por Álvaro Franco, Álvaro Moreira, Aníbal M. Machado, Augusto Manoel de Abreu, Manoelito de Ornellas, Nilo Ruschel, Ricardo Xavier da Silveira, Rodrigo Octávio Filho e Maria Ramos de Franco. O nome 'Cattleya Alba foi escolhido por ser o nome da mais pura e mais rara orquídea do Brasil, e o desejo dos bibliófilos era que seus livros fossem como a Cattleya Alba.

A primeira edição da Confraria foi Lendas brasileiras: 21 historias criadas pela imaginação de nosso povo, de Luis da Câmara Cascudo, com desenhos de Martha Пашилович Achidrowitz. É um grande e pesado volume encadernado em tecido vermelho de grossos fios que recobre papelões espessos, pre fazendo uma espessura de aproximadamente 10mm. Na capa, envolta pela moldura almofadada de tecido vermelho, está colada uma cabeça de cobre executada conforme cerâmica de Martha Pawlowna Schidrowitz, baseada num antigo vaso dos nossos indígenas. Tem um aspecto bruto e pesado.

O texto é composto em tipos Romano Antigo de 6mm; cada lenda é acompanhada de um desenho fora do texto impresso em cinza e preto sobre papel offVset, protegido por uma folha de papel vegetal. Os desenhos, feitos a carvão, sombreados, são realistas e cheios de detalhes, representando cenas descritas nas lendas, com índios, seres mitológicos, a flora e a fauna da região. O volume apresenta, no final, um vocabulário e informações sobre cada lenda. O papel, especialmente fabricado por Klabin Irmãos & Cia., é bastante poroso e um lado e pouco calhandrado do outro.

A edição foi ideada por Leo Jerônimo Schidrowitz. Os fotolitos para a impressão em off-set foram fornecidos por Ateliers Reunidos; os desenhos foram impressos pela litografia Tucano; o texto foi composto e impresso pela Tipografia Mercantil; as encadernações foram feitas por Atlas Ltda; a cabeça de cobre que ornamenta a capa foi executada na seção artística dos Ateliers Reunidos.

A tiragem não foi declarada, embora os exemplares sejam numerados. Não é uma edição bonita como as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

As Edições Conde, de João Condé, iniciaram, em 1945, a publicação de uma série de livros de arte, começando por 10 poemas em manuscrito, que reproduz os originais manuscritos de 10 poetas brasileiros modernos, ilustrados com desenhos de Portinari, Percy Deane e Santa Rosa. Álvaro Lins, no prefácio do livro, escreveu: "Esta leitura dos nossos poetas com a visão dos seus próprios originais amplia as sugestões literárias, pois será como se estivéssemos muito perto deles, em contato com as suas personalidades humanas, naquele momento misterioso da criação em que a poesia acaba de ser captada e vai adquirir a sua forma."

Portinari ilustrou "Fragilidade", de Carlos Drummond de Andrade, "Escravos em Babilônia", de Augusto Frederico Schmidt, e "Poema só para Jayme Ovalle", de Manuel Bandeira; Percy Deane ilustrou "Candeiro familiar", de Jorge de Lima, "Rondó para você", de Mario de Andrade, e "Soneto da fidelidade", de Vinicius de Moraes; Santa Rosa

ilustrou 4 poemas: "Condição humana", de Abgar Renault, "De Bilú de quaibaval", de Augusto Meyer, "Pranto no mar", de Cecília Meireles, e "Poema da tarde", de Murilo Mendes. Santa Rosa desenhou também a capa e os títulos, em letras manuscritas.

A embalagem e uma capa solta, grande, contendo cadernos soltos de 2 folhas, totalizando 24 páginas não numeradas. O texto é impresso em azul e os desenhos em preto, em papel Goatskin Parchment. Também a capa, as páginas iniciais e as folhas de título foram compostas com letras manuscritas. Cada poema contém uma folha de título, com o título, o nome do autor e do ilustrador e um pequeno desenho de um coração, sendo o verso da folha ocupado por um desenho. Os poemas são impressos apenas nas páginas ímpares, deixando amplas margens.

O trabalho de clicheria foi executado por Latt & Cia. Ltda., estabelecido na Rua do Lavradio, nº 168, 15 andar. A impressão esteve a cargo do mestre João Luis dos Santos, nas oficinas dos Irmãos Pongetti na Rua Sacadura Cabral, nº 240A, Rio de Janeiro.

A tiragem foi de 165 exemplares, 15 numerados de I a XV e destinados ao prefaciador, aos poetas e aos ilustradores, e 150 numerados de 1 a 150, com a assinatura do organizador, João Condé Filho.

A segunda publicação das Edições Condé em 1946 foi 10 romancistas falam de seus personagens, com textos de 10 romancistas modernos ilustrados com desenhos de Luís Jardim, Santa Rosa, Clóvis Graciano, Augusto Rodrigues, Athos Bulcão, Carlos Leão e Cornélio Penna. Luís Jardim desenhou os personagens "Santos Lima", de Armando Pontes e "Dr. Seixas", de Érico Veríssimo; Santa Rosa desenhou "Paulo Honório", de Graciliano Ramos, "Papa-Rabo", de José Lins do Rego, e "Branco", de Octávio de Faria; Clóvis Graciano desenhou "Antônio Balduino", de Jorge Amado; Augusto Rodrigues desenhou "3.L.C.". de Dose Geraldo Vieira; Athos Bulcão desenhou "Inácio", de Lúcio Cardoso; Carlos Leão desenhou "João Miguel", de Rachel de Queiroz; Cornélio Penna desenhou seu próprio personagem, "Didina Guerra".

Tristão de Athayde, no prefácio, escreveu:

(...) Autores e personagens aqui se encontram para

dizer aos seus leitores que os limites entre a realidade e a fantasia são alguma coisa de tão sutil, que deixam longe as pretensões com que tão sumariamente os marcamos. (...) Você uai ver todos esses autores, essa fina flor da novelística brasileira, bracejando com o mistério de suas personagens, vendo-as surgirem e desaparecerem, não como sombras efêmeras de sua imaginação exaltada. Não como fantasmas. Não como tipos. Não como abstrações. Eles as vêm surgir como rivais, como seus concorrentes na obra de criação, como criadores de que eles, autores, não fossem senão criaturas. Essa inversão de papéis é que forma o drama das páginas que se seguem, que representam o drama de toda a arte da ficção criadora. (...) "Quem menos manda no romance e na vida dos personagens é o romancista", diz Dorge Amado. "As personagens mais vivas são aquelas que fogem a qualquer plano, desobedecendo ao autor", diz Érico Veríssimo. Octávio de Faria se desprende tragicamente de Branco, deixando a este a parte indelével de heroísmo e ficando com a angústia. Rachel de Queiroz não quer reler sequer o seu romance, por pudor de João Miguel. Cornelio Penna, numa página admirável, sente a misteriosa, a solitária, a terrível Didina Guerra de Itabira, viver e alastrar-se pela vida em fora, exigindo de sua pena a fixação imortalizadora. José Lins do Rego vive sob a fiscalização contínua de Vitorino Carneiro da Cunha. Graciliano Ramos nos conta a obsessão de Paulo Honório. Amando Fontes a redenção pelo sofrimento do deputado Santos Lima. Lúcio Cardoso procura o seu Inácio nos subúrbios ou na Lapa. Acaba por encontrá-lo em todos os corações humanos. José Geraldo Vieira fala-nos do seu extranhíssimo "personagem real que parece imaginário".

Ilustrado por artistas (...) que procuram dar contornos a essas formas vivas da nossa convivência literária,

e documentado por confissões que por vezes atingem o grau máximo da dramaticidade, como a de Octávio de Faria, este pequeno volume terá sem dúvida o destino dos grandes livros.

Infelizmente – e uma falha – o livro não traz uma pequena nota com os títulos das obras de onde foram tirados os personagens. Essas obras são: Rua do Siriri, de Arnicuido Fontes, Dois romances de Mico Horta, de Cornelio Penna; Um Lugar ao sol e Olhai os lírios do campo, de Érico Veríssimo; São Bernardo, de Graciliano Ramos; Jubiabá, de Jorge Amado; Território humano, de José Geraldo Vieira; Fogo morto, de José Lins do Rego; Inácio e outros romances de Lúcio Cardoso; Mundos mortos e volumes seguintes da Tragédia burguesa, de Octávio de Faria; João Miguel, de Rachel de Queiroz.

A coletânea apresenta-se em uma brochura grande de 66 páginas, com um retrato, fora do texto, antecedendo cada texto. Os textos se iniciam em página ímpar, com o título impresso em cinza, seguido da assinatura impressa do autor. São compostos em tipos Romano Moderno de 3mm, com a primeira palavra em versai e a inicial grande (46mm), impressa em cinza, deixando amplas margens. Foi utilizado papel Imperial Lesger.

O trabalho de clicheria foi executado por Latt & Cia. Ltda. e Valeriano. A composição e a impressão esteve a cargo das oficinas Irmãos Pongetti. A revisão foi de Aurélio Buarque de Hollanda.

A tiragem foi de 220 exemplares, dos quais 20 fora do comércio, destinados ao prefaciador, aos romancistas, aos ilustradores, ao revisor e ao editor.

No ano seguinte, 1947, as Edições Conde lançaram sua terceira edição de arte, 10 histórias de bichos, com prefácio de Carlos Drummond de Andrade, reunindo contos de 10 escritores ilustrados por 5 artistas. Axel Leskoschek ilustrou "Baleia", de Graciliano Ramos, "A fuga do papagaio", de Luis Jardim, e "Circo de coelhinhos", de Marques Rebelo; Di Cavalcanti ilustrou "A aranha", de Origenes Lessa;

Eros Gonçalves ilustrou "O grilo", de Godofredo Rangel, e "Sardanapalo", de João Alphonsus; Fayga Ostrower ilustrou "Meu Rosilho Piolho", de J. Simões Lopes Neto, e "O drama do touro", de Tristão da Cunha; Santa Rosa ilustrou "O burrinho pedrês", de Guimarães Rosa, e "Bentinho", de Maria Julieta.

A brochura, grande, contém 59 páginas. Os contos se iniciam em página ímpar, com o título em vermelho e o texto composto em duas colunas, em tipos de 3mm, com a primeira palavra em versai e a inicial maior (10mm), impressa em vermelho. As margens são amplas. As ilustrações variam de posição no texto.

O livro teve em sua organização artística a cooperação de Santa Rosa, a organização literária com a cooperação de Carlos Drummond de Andrade e foi impresso nas oficinas da Imprensa Nacional. O serviço de clicheria ficou a cargo de Latt & Cia. Ltda.

A tiragem foi de 220 exemplares, dos quais 20 fora do comércio: destinados ao prefaciador, aos contistas e aos ilustradores.

As Edições Conde são bonitas, apresentam textos de alto valor, mas não têm a alta qualidade gráfica das publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Edições particulares no Rio de Janeiro

Raymundo de Castro Maya, ao lado das publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, publicou, em 1948, por iniciativa particular, para fins de beneficência, uma edição de O Alienista, de Machado de Assis, com águas-fortes e desenhos de Portinari. É uma brochura grande, com capa ilustrada, contendo 70 páginas. Os capítulos, em número de 13, iniciam-se em página ímpar, compostos em tipos Romano Antigo de 3,5mm, com inicial maior (9mm). O branco superior do início de cada capítulo contém a reprodução de um desenho feito a pincel, com nanquim, com fundo preto, como um estudo para xilogravura (13 desenhos). No meio do texto, ao pé da mancha e no final dos capítulos há mais 23 reproduções de desenhos em traços pretos a nanquim, sobre fundo azul claro. Além dos desenhos, há 4 águas-fortes, fora do texto, em papel diferente do papel do texto, que é o Goat-Skin Parchment.

A direção da edição foi de Raymundo de Castro Maya. As águas-fortes foram tiradas por Portinari, em colaboração com seu irmão Loy Portinari. O texto e os desenhos foram reproduzidos em off-set na Imprensa Nacional, sendo diretor o Prof. Francisco de Paula Achilles; chefe da divisão de produção, Raul de Oliveira Rodrigues; assessor da produção, Rubem Pimentel da Motta; chefe de composição, Tarquinio Antonio Rodrigues; chefe de gravura, Oswaldo de Assis; chefe de impressão litográfica!, Oscar Loureiro; técnico em off-set, Silvio Signorelli.

A tiragem foi limitada a 400 exemplares. O livro tem a mesma alta qualidade gráfica e artística das publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Outras edições particulares foram as de Zagal e de Éclogas, de Alberto Rebêlo de Almeida, e de Poèmes de guerre: 1940-1942, de Beatrix Reynal.

Zagal, publicado em 1941, é apresentado em forma de brochura de tamanho médio, encapada com papel imitação de pergaminho, ilustrada e impressa com letras góticas. No alto das paginas pares estão impressos o título do livro e as iniciais do autor e, no alto das paginas ímpares, o título de cada uma das 3 partes em que se divide o livro. Cada parte contém uma folha de título, com o título encimado pelo desenho de uma pequena folha que costuma acompanhar as letras góticas (A) e que se encontra também acima do título de cada poema. A inicial de cada poema, em tamanho maior, está impressa em vermelho dentro de um quadrado de 22x22mm, com decoração de folhagens em traços pretos que varia de poema para poema. À maneira dos livros antigos, todas as paginas contêm, abaixo da última linha impressa, a primeira ou as duas primeiras palavras da página seguinte e o último poema é acompanhado pelas palavras Laus Deo. O livro foi composto e impresso nas oficinas de J. do Valle & Lauro Ltda, no Rio de Janeiro. A tiragem foi de apenas 50 exemplares, numerados e rubricados pelo autor. Embora à moda antiga, é um livro bonito.

Com o título "Marginalia", no final do volume, há comentários sobre o poeta, por Afrânio Peixoto, Tasso da Silveira, Luis da Câmara

Cascudo, Antônio Guimarães, Antônio Pinheiro e Fidelino de Figueiredo.

No livro Éclogas, publicado em 1942, há o seguinte comentário sobre Zagal, de Afrânio Peixoto para Alberto Rebelo de Almeida: "(...) Você, no Brasil, será um genuíno poeta português, do que você deseja e do que tem saudade... "Zagal" é mais uma prova. Daniel no exílio, foi profeta de Israel..."

Éclogas apresenta-se sob a forma de uma brochura de tamanho médio encapada com papel transparente com dizeres, em letras góticas, impressos em preto e vermelho e cercados por uma moldura ornamental com folhas de acanto. O texto é composto em tipos Romano Antigo, com as iniciais decoradas com folhagens, dentro de um quadrado de 34x34mm. Todas as páginas pares contêm, no alto, o título do livro, e todas as páginas ímpares, o título das 4 partes em que se divide o livro (Écloga primeira, Écloga segunda, Écloga terceira, Écloga quarta). Cada uma das Éclogas termina com uma vinheta de tema bucólico. O livro foi composto e impresso nas oficinas da Tipografia Glória, no Rio de Janeiro. A tiragem foi de 140 exemplares numerados e rubricados pelo autor. Com o título "Marginalia", no final do volume, há comentários de Afrânio Peixoto, Donatello Grieco, Fidelino de Figueiredo, Serafim Leite, Frederico Roso e Tasso da Silveira sobre o livro Zagal.

Poèmes de guerre: 1940-1942, de Beatriz Reynal, todo escrito em francês, foi publicado em 1943, em uma brochura grande encapada com papel branco, contendo 5 cadernos de 4 folhas cada um. Os poemas são compostos em Romano Moderno de 4,5mm. O livro não é ilustrado mas é muito bonito tipograficamente. Foi impresso na Grafica Perfecta, no Rio de Janeiro, em tiragem de 150 exemplares sobre papel pergaminho e 1.200 exemplares em papel buffon.

Outras produções no Rio de Janeiro

A Alvorada Edições de Arte, em 1945, publicou Canto da noite, de Augusto Frederico Schmidt, com litografias de Santa Rosa, uma brochura grande, de 137 páginas. Cada uma das duas partes em que se divide o li-

vro contém uma folha de título e todos os poemas se iniciam em pagina ímpar, com o título a direita, completando-se a linha a esquerda com um filete finíssimo, e,o primeiro verso, abaixo do meio da pagina. Os poemas são compostos em tipos de 3mm, com a inicial bem grande (66mm), impressa em cor-de-rosa pastel, sobressaindo acima do 12 verso. O branco final de cada poema contem um pequeno desenho com figuras e simbolos astronômicos (astros, constelações, estrelas, cometas, símbolos de planetas), de acordo com o tema do poema. Alem dos pequenos desenhos no texto, há 8 litografias fora do texto, assinadas a lápis, em página inteira, em papel diferente do papel do texto, que e do tipo Raffael-Fabriano, com linha d'água. O livro foi impresso pelo mestre-impressor Dose Sciciliano, nas oficinas de B. Bloch & Irmãos, a Rua Frei Caneca, 511, Rio de Daneiro. A tiragem foi de 200 exemplares, os 8 primeiros (de I a VIII) incluindo os 8 primeiros estudos originais das litografias de Santa Rosa, 10 exemplares fora do comercio, marcados F.C. e 1B2 exemplares (de 19 a 200) rubricados pelo autor.

De Manuel Bandeira, com bonitos desenhos de Guignard, a R.A. Editora publicou, em 1945, Poemas traduzidos, com projeto gráfico de Murilo Miranda, em tiragem de 350 exemplares assinados pelo autor. Os originais das ilustrações foram distribuidos pelos 55 primeiros exemplares, numerados em algarismos Romanos A brochura, grande, de 129 páginas, contém 75 poemas. Depois de 12 poemas iniciais, o livro se divide em 11 partes, cada uma com uma folha de título com o 1º poema impresso no verso. Os poemas são compostos na metade inferior da página, em tipos Romano de 2,5mm, com amplas margens, abaixo de um pequeno desenho (56x70mm) impresso em sépia. Os desenhos foram feitos com pequenos traços curvos e revoltos, resultando um certo "impressionismo" gráfico. O livro foi composto e impresso nas oficinas da Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rua Riachuelo, nº 128, Rio de Janeiro.

A Grafica de Artes, em 1949, lançou Cheiro da terra, de Caio de Mello Franco, com xilogravuras de O. Goeldi, belo livro composto e impresso a mão, sob a direção de Luiz Portinari, por Cleanthes Gravini e Osumlido Caetano da Silva, que também tiraram as gravuras sobre madei-

ra. É uma brochura de tamanho medio, com 134 paginas, composta em tipos Caslon itálico. Cada uma das 6 histórias, bem como o texto introdutório, trazem uma folha de título seguida de uma xilogravura fora do texto, impressa em marrom. Há mais duas xilogravuras, uma depois da dedicatória e uma intercalada entre as páginas do último conto. Infelizmente, a tinta das xilogravuras manchou as paginas próximas; a mancha, porém, coincide exatamente com a mancha tipográfica do texto, o que atenua um pouco as consequências desastrosas da falha técnica. Também os títulos da falsa folha de rosto e da folhas de título são impressos em marrom. As edições foram feitas especialmente para a edição. A tiragem foi de apenas 100 exemplares, assinados pelo autor, tirada em papel Arches, que conserva as bordas naturais de fabricação.

A Livraria José Olympio (Rua do Ouvidor, nº 110) lançou, entre outros, 4 bonitos livros de poemas, não ilustrados, de tamanho médio: Poesias, de Lúcio Cardoso (1941), O Visionário, de Murilo Mendes (1942), Poesias (1942) e A Rosa do povo (1945), de Carlos Drummond de Andrade, todos impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, a Rua de Sarzedas, nº 38, em São Paulo.

A brochura de poemas de Lúcio Cardoso, com sobrecapa de papel vegetal, contendo 104 páginas, teve uma tiragem de 500 exemplares em papel buffon especial, numerados e assinados pelo autor. O título do livro e impresso em vermelho na capa e em azul na falsa folha de rosto e na folha de rosto. Os títulos das 6 partes do livro foram impressos em cinza, bem como a inicial de cada poema, maior (7mm). Os poemas foram compostos em itálicos de 2,5mm. O livro contém bibliografia do autor, justificação da tiragem, "índice" e colofão.

O Visionário: poemas (1930/33), de Murilo Mendes, brochura de 140 páginas, traz capa ilustrada de Santa Rosa, impressa em vermelho e preto. Cada uma das 3 partes do livro contém uma folha de título e os 62 poemas foram compostos em itálicos de 2,5mm. A 4ª capa contém opiniões criticas sobre o autor. A tiragem foi de apenas 100 exemplares, em papel vergé, para os subscritores.

A brochura com poemas de Carlos Drummond de Andrade também

traz capa ilustrada de Santa Rosa, com o título impresso em azul, com tipo Romano Antigo muito bonito. Contém os poemas de Alguma poesia, Brejo das almas e de Sentimento do mundo e mais o poema "Dose". Cada parte contém uma folha de título. Além da tiragem normal, foram tirados, fora do comércio, 20 exemplares em papel vergé, numerados e assinados pelo autor. Também A Rosa do povo, com capa ilustrada de Santa Rosa, teve uma tiragem especial, fora do comércio, de 20 exemplares, em papel Bouffant. Ambos trazem comentários sobre licros nas orelhas e na 4ª capa.

A Livraria José Olympio publicou também Santo Antonio de Lisboa: militar no Brasil, de Dose Carlos de Macedo Soares, com ilustrações de Wasth Rodrigues e Percy Lau, brochura grande, com capa ilustrada. Cada capítulo, em número de 9, contém uma folha de título em letras góticas, com as iniciais vermelhas. O prefácio e os capítulos se iniciam com capitular grande, impressa em vermelho, com uma vinheta com detalhes arquitetônicos de igrejas, em traços pretos e levemente aquareladas, e terminam também com uma vinheta. Além disso, há várias ilustrações a traços pretos no texto e em página inteira, e fac-símiles e reproduções de estampas impressos em papel acetinado colado nas páginas do livro. Não há justificção da tiragem, mas uma folha com o nome do subscritor impresso (Exemplar pertencente a Ricardo Xavier da Silveira) e a assinatura do autor.

Os Irmãos Pongetti-Editores (Rua Sacadura Cabral, nº 240) publicaram Emoção: poemas, de Osório Dutra, (1945) e Borba Sangue: 4 mergulhos na alma do homem, de I. de L. Neves-Manta (1948).

A brochura com o poema de Osório Dutra traz capa tipográfica, com apenas uma vinheta, de Santa Rosa, e contém 122 páginas e 10 desenhos do mesmo artista. Além da falsa folha de rosto, contém uma folha de rosto, mais simples, com a bibliografia do autor no verso, e uma 2ª folha de rosto, com dados mais completos, antecedida por uma folha com a justificção da tiragem e uma folha com dedicatórias. O livro se divide em 10 partes, cada uma com uma folha de título, precedida por uma folha com a reprodução de um desenho a traços pretos,

emoldurado por um filete azul claro. A tiragem foi de 356 exemplares, sendo 6 impressos sobre papel Turkey Mill e 350 sobre papel Wester Ledger, todos numerados e contendo, acima da justificação da tiragem, um haikai original manuscrito e assinatura do autor. O livro foi impresso nas oficinas do Jornal do Commercio - Rodrigues & Cia.

A brochura de Borba Sangue, grande, encapada com papel branco impresso com estampa de Poty, vem dentro de uma capa solta, com o título impresso em dourado na lombada, dentro de um estojo que deixa a vista a lombada. Contém 119 páginas e 34 ilustrações. O texto é composto em tipos Romano de 3mm, limitado, acima e em baixo, por filetes largos cor-de-rosa. No alto, acima do filete, está impresso, nas páginas pares, o nome do autor, e, nas páginas ímpares, o título do livro. A introdução e cada uma das 4 novelas iniciam-se com capitular grande, branca, dentro de um quadrado (28x28mm), decorado com folhagens em branco e vermelho, com branco superior inicial grande contendo uma vinheta. O livro contém epígrafes no início, antes da introdução e antes de cada novela. A introdução traz duas vinhetas de Poty, a 1ª novela 6 desenhos e vinhetas inicial e final de Augusto Rodrigues, a 2ª novela 6 desenhos e vinhetas inicial e final de Q. Campofiorito, a 3ª novela 6 desenhos e vinhetas inicial e final de Oscar Meira, e, a 4ª novela, 3 desenhos e vinhetas inicial e final de Santa Rosa. A tiragem foi de 413 exemplares, em papel Holanda, rubricados pelo autor e pelos editores. As ilustrações foram gravadas por João Ceciliano.

A Livraria Kosmos, de Erich Eichner & Cia., sob a direção de Erich Eichner e José Bernstein, lançou, na Coleção de Temas Brasileiros, uma série de livros bonitos, luxuosos e importantes como documentário.

O primeiro da coleção, publicado em 1943, foi Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1870 segundo desenhos feitos pelo Tte. Chamberlain R.A., traduzido e prefaciado por Rubens Borba de Moraes. As reproduções (36 a cores e algumas em preto e branco) foram impressas sobre papel acetinado, colados sobre folhas de papel pardo mais grosso e calhandrado que o papel do texto, que é macio e poroso. As folhas com ilustrações são intercaladas com folhas

de texto explicativo de cada uma. Seguem-se uma folha com a lista dos logradouros em 1819-1820, com o nome correspondente em 1943, uma planta da cidade do Rio de Janeiro feita em 1818-1820 por Debret, e o texto original inglês, inclusive a folha de rosto, em qualquer modificação ou emenda tipográfica. Da edição, foi feita uma tiragem especial, de grande luxo e de formato maior, de 321 exemplares, em papel Westerpost, encadernados e acondicionados em estojo, com uma gravura colorida a mão. Os clichês foram gravados por Irmãos Brun, Latt & Cia Ltda e Ateliers Esto. A impressão foi feita nas Tipografias Carioca, Irmãos Barthel e Gráfica Barbero, com tintas preparadas por Ch. Lovilleux & Cia. Ltda. A gravura colorida a mão foi realizada por F. Moldan e o desenho da capa pela Empresa de Propaganda Época. A encadernação foi feita na Livraria Kosmos.

Em 1945 a Livraria Kosmos lançou O Livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1800-1822, com um breve estudo geral sobre a informação, por Carlos Rizzini, com uma tiragem especial de 206 exemplares para bibliófilos, de formato maior e em papel especial, rubricados pelo autor, contendo a prova original de uma gravura inédita aberta em cobre, em Vila Rica, no ano de 1829, pelo Padre José Joaquim Viegas de Meneses.

Em 1946 publicou dois documentários fotográficos organizados por Erich Eichner, com excelentes fotografias e texto em português, inglês, francês e espanhol: Gente e terra do Brasil e Cidade e arredores do Rio de Janeiro, a jóia do Brasil.

O primeiro contem síntese histórica e econômica por John Knox e prefácio de Carlos Rizzini; o segundo conte prefácio e síntese histórica de Delgado de Carvalho. De ambos foi feita uma tiragem especial de grande luxo, de 321 exemplares impressos de um só lado das folhas, todos encadernados em couro com corte dourado e acondicionados em estojo, acompanhados de uma água-forte original, assinada pelo artista Carlos Geyer.

O Ministério da Educação e Saúde também fez algumas edições bonitas. Manuel Bandeira, que já preparara a Antologia dos poetas brasi-

leiros da fase parnasiana, lançado em 1938, preparou, para 1940, a Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica, ambas edições bem cuidadas do Ministério da Educação e Saúde.

No mesmo ano, o Ministério lançou também, composta e impressa nas oficinas do seu Serviço Gráfico, a 1ª edição brasileira da obra Histórias dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, Etc., ora governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange, de Gaspar Barleu, traduzida e anotada por Cláudio Brandão. É um grande volume (o exemplar examinado encadernado em couro marrom) com 442 paginas, além de 55 reproduções de gravuras, plantas e mapa. em folhas duplas dobradas, intercaladas com as folhas do texto. O texto foi composto em tipos Romano Antigo grandes (4,5mm), com a inicial maior, decorada. Todas as páginas trazem o título abreviado no alto e a primeira palavra da página seguinte impressa abaixo da última linha. Nas margens externas, amplas, encontram-se pequenos resumos do texto, impressos em itálicos. Depois da tradução, há um texto de Barleu, em Romano, itálicos, de 4mm, e, separado por uma folha de título, uma "Explicação" de Cláudio Brandão, em Romano Antigo de 4,5mm. Também as notas do tradutor e o índice contêm folhas de título. Reproduziram-se na edição as ilustrações que figuram na edição latina de 1647. A tiragem foi de 530 exemplares, dos quais 500 em papel vergé alemão e 30, especiais, em papel Ingres, fora do comércio.

A Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, em 1949, deu início a uma nova coleção em seu programa de publicações periódicas, com a edição de Saudades do Rio de Janeiro, coleção de 6 litografias de paisagens do Rio de Janeiro feitas por Carlos Guilherme Theremin, diplomata e artista alemão que trabalhou no Brasil no tempo do Rei, da Regência e nos primeiros anos do Império. O álbum, de formato grande, contém dois cadernos soltos de 2 folhas com 4 páginas de introdução de Josué Montello, que confiou a Santa Rosa a escolha do material a ser divulgado. O texto foi composto com bonitos tipos

Romano Antigo, grandes (4,5mm), com amplas margens e boa impressão. As litografias, em folhas soltas, foram bem reproduzidas e impressas. O álbum foi impresso no Departamento de Imprensa Nacional, com tiragem de 500 exemplares numerados e assinados pelo Diretor da Biblioteca Nacional, Josué Montello.

O Arquivo Nacional (Ministério da Justiça e Negócios Interiores), em suas Oficinas Gráficas e de Encadernação, publicou, em 1940, uma edição da obra do Beato José de Anchieta, De Beata Virgine, em comemoração do Primeiro Centenário da Instalação Autônoma da Repartição. É um livro luxuoso e muito decorado, mas as ilustrações, de Carlos Oswald, não têm muita qualidade artística.

O Serviço de Publicações do Ministério das Relações Exteriores, em 1948, lançou uma versão francesa do Guia de Ouro Preto, de Manuel Bandeira - Guide d'Ouro Preto, com tradução, notas e bibliografia por Michel Simon.

Algumas boas produções de São Paulo

A Livraria Martins Editora, na coleção Biblioteca de Literatura Brasileira, publicou, em 1941, entre outros, um volume com os romances Noite na taverna e Macário, de Alvares de Azevedo, e Iracema, de José de Alencar. Os dois romances de Alvares de Azevedo, com introdução de Esgard Cavalheiro, trazem folhas de título com desenho e letras de Di Cavalcanti e tiveram uma tiragem de 100 exemplares em papel vergé e uma de 2.200 em papel bouffant. A edição de Iracema, com introdução de Guilherme de Almeida, ilustrada por Anita Malfatti, contém 33 ilustrações e 13 pranchas, sendo duas coloridas, e teve uma tiragem limitada de 200 exemplares rubricados pelo editor.

Ilustrado com delicados desenhos de Noémia, a Martins publicou também, em 1949, Cartas do meu amor, versos de Guilherme de Almeida, com bonita diagramação e amplos brancos. Cada poema se inicia ao pé de uma página ímpar, com grande branco superior, e é precedida por uma folha de título contendo, no verso, um desenho em delicados traços pretos, azuis e cor-de-rosa; também a capa, a falsa folha de rosto e

a folha de rosto são ilustradas. Além de 2.000 exemplares comuns, tiraram-se, à parte, 75 exemplares em papel verge, a la forme, assinados pelo autor, sendo os 3 primeiros, fora do comércio, acompanhados de um dos desenhos originais de Noemia e de uma prova de cor dos clichês e 7 também acompanhados de um dos desenhos originais. Foi impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, a Rua Conde de Sarzedas, nº 38, São Paulo.

Com capa e ilustrações de Percy Deane, a Martins lançou, em 1943, Eis a noite!: contos e novelas, de João Alphonsus, contendo, cada conto e cada novela, uma folha de título e uma folha com ilustração de página inteira. Infelizmente, o papel não é de boa qualidade.

Lançou também a Martins a reprodução de álbuns importantes, entre os quais, na coleção Álbuns do Brasil, Souvenirs de Rio de Janeiro, de João Steinmann, com reproduções de 12 gravuras e da folha de rosto, em suas cores originais e no mesmo formato da edição de Basileia. O álbum foi impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, com tiragem não declarada.

Na coleção Biblioteca Histórica Brasileira, a Martins lançou uma edição fac-similar da Galeria dos brasileiros ilustres (os contemporâneos), de Sisson, em 2 volumes, com uma tiragem especial de 120 exemplares em papel Westerledger.

A Editora Nacional, em 1944, lançou Hileia amazônica, de Gastão Cruls, com ilustrações de Hilda Velloso, Armando Pacheco, Georges Julien e Luis Jardim. O texto foi composto em tipos Romano Antigo grandes (4,5mm); cada um dos 4 capítulos contém uma folha de título e inicia-se com a 1ª palavra em tipo maior (7,5mm), versai, e a inicial bem grande (44mm), impressa em vermelho. Cada seção de capítulo é acompanhada da explicação das pranchas e de uma bibliografia. As ilustrações, coloridas, foram impressas em papel acetinado colado, em sua borda superior, sobre . folhas brancas de papel igual ao do texto. O livro foi impresso nas oficinas da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, com uma tiragem especial de 20 exemplares em papel Regente Ledger, assinados pelo autor. A tiragem normal não é declarada, mas o exemplar

examinado, em papel vergé que conserva as bordas naturais de fabricação, traz carimbado o número 527.

A Graphicars-F. Lanzara, na coleção Brasil Pitoresco, Tradicional e Artístico, publicou Relíquias da terra do ouro, de Edgard de Cerqueira Falcão, com bonitas fotografias reproduzidas em sepia e em policromia, dos tesouros artísticos das cidades coloniais de Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João Del Rei, Tiradentes e Congonhas do Campo, acompanhadas de pequenos textos explicativos em português e em inglês. Antecedendo as reproduções das fotografias, há uma nota preliminar do autor e o texto, dividido em dois capítulos, seguidos de um resumo em inglês, feito por G.F. Baldwin, e de um índice das fotografias, em duas colunas, em português e em inglês. Duas folhas iniciais contêm uma fotografia do autor, colorida, autografada, e uma fotografia original da obra, o texto foi impresso em papel Japão Imperial, de fabricação canadense, que apresenta as bordas naturais de fabricação, e as fotografias foram reproduzidas em papel cuchê. O serviço de rotogravura e impressão foi executado nas oficinas de S.A. Graphicars-F. Lanzara, a Rua Piratininga, nº 862, São Paulo, com uma tiragem especial de 120 exemplares, sendo os 100 primeiros destinados a bibliófilos e os 20 restantes, marcados com letras de A a T, fora de comércio.

As Edições Gaveta publicaram, em 1945, uma bela edição de luxo de Poesias reunidas, de Oswald de Andrade, e uma de Poesias reunidas, de Olegário Victor Andrade, com prefácio de Paulo Prado e ilustrações de Tarsila, de Lasar Segal e do autor (todos paulistas). Em 1946, publicou Poemas, sonetos e baladas, de Vinicius de Moraes, com 22 desenhos de Carlos Leão, em tiragem de 372 exemplares.

A Editora Flama lançou, em 1944, Tempo, de Guilherme de Almeida, com capa de Walter Levy e 11 desenhos a bico-de-pena, de Quirino, ocupando toda a frente da folha que separa o conjunto de poemas de cada ano, além de um retrato do autor, também bico-de-pena de Quirino. Foram tirados 4 exemplares fora do comércio, in-8º, em papel Regente; 11 exemplares, in-8º em papel Regente, contendo, cada um, uma das ilustrações originais; 50 exemplares, in-8º em papel Regente, com

suite de gravuras; 100 exemplares, in-16, em papel Libertad, com suite de gravuras; 350 exemplares, in-16, em papel Libertad; e 500 exemplares, in-32, em papel buffant-extra, encadernados.

Algumas produções de outras cidades

A Editora Guaíra, de Curitiba, publicou, em 1941, vol. 1 da Coleção Caderno Azul, Música do Brasil, de Mário de Andrade, com desenho de Portinari. A Globo, de Porto Alegre, lançou, em 1942, As Aguas não têm memória, de Clóvis Assumpção, com 13 ilustrações de Scliar. em tiragem limitada de 500 exemplares. A Editora Confiteor, de Salvador da Bahia, lançou Face oculta, de Dose Luiz de Carvalho Filho, com ilustrações de Osvaldo Goeldi.

Livros publicados por brasileiros no estrangeiro

Maurício Nabuco, em Roma, para o Natal de 1945, lançou Drinkologia dos estrangeiros, ilustrado com desenhos especialmente feitos por Giorgio De Chirico. A capa e ilustrada com desenhos simbólicos do Natal. No lugar da falsa folha de rosto ha uma mensagem de Bom Natal e Feliz Ano Novo e a assinatura manuscrita de Maurício Nabuco, o autor, cujo nome completo não aparece impresso em nenhuma parte do livro, a não ser suas iniciais - MN - no final do capítulo introdutório intitulado "Medicina natural". O título na folha de rosto e a inicial da nota introdutória são impressos em vermelho. Os títulos dos capítulos também são impressos em vermelho, com a inicial maior (10mm) impressa em preto. O branco superior inicial do primeiro capítulo contém uma vinheta com frutas, taças e um jarro de vidro. Ha mais dois desenhos, de pagina inteira, com o verso em branco. Alguns capítulos são acompanhados de partituras de pequenos trechos musicais de Godofredo Petrassi. O livro foi impresso no Instituto Romano de Artes Gráficas Tumminelli, em Roma. Não ha justificção da tiragem, mas consta que a composição foi redistribuída e os desenhos originais e os clichês foram destruídos.

João Cabral de Melo Neto, cônsul, poeta e artista gráfico em Barcelona, lançou as belas edições de *O Livro Inconsútil*, constituídas de cadernos não consúteis, isto é, não costurados. Em 1947 publicou Psicologia da composição com a Fábula de Anfion e Antiode, de sua autoria, onde ele trata do problema da criação poética e mostra as influências de Valéry e Mallarmé. Em 1948 publicou Mafuá do Malungo; jogos onomásticos e outros versos de circunstância, de Manuel Bandeira, Peguená antologia pernambucana, de Joaquim Cardozo, e Acontecimento do soneto, de Ledo Ivo. Os livros são constituídos de cadernos soltos dentro de uma capa solta de tamanho médio. Mafuá do Malungo contém 10 cadernos soltos de 4 folhas cada um, compostos em tipos Romano muito bonitos, e teve uma tiragem de 110 exemplares em papel de linho. A Peguená antologia pernambucana foi publicada como homenagem ao poeta em seus cinqüenta anos. Contem 4 cadernos soltos de 4 folhas cada um, e mais duas folhas brancas iniciais e duas finais, compostos em tipos Romano Moderno. A tiragem foi de 100 exemplares em papel de linho Argos, que conserva as bordas naturais de fabricação.

#### OS ANOS CINQUENTA – LIVROS DE ARTE

A partir dessa época a produção editorial no Brasil é mais vasta e mais conhecida. Portanto, serão aqui citados apenas livros de arte selecionados.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

A Comissão Executiva da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, com a saída de Afrânio Peixoto (morto em 1947) e de Max Fisher, e com a entrada de Ricardo Xavier da Silveira, ficou assim constituída de 1949 a 1955: S.A.I. e R. Dom Pedro de Orleans e Bragança, Raymundo O. de Castro Maya, Cypriano Amoroso Costa e Ricardo Xavier da Silveira. Em 1956 entrou para a Comissão Roberto Marinho. Em 1959 não mais apareceram nos livros os nomes que constituíam a Comissão Executiva, mas apenas os nomes de Raymundo Ottoni de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa como diretores da publicação.

A 5ª publicação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, relativa ao ano de 1948, entregue em 1950, foi Bugrinha, de Afrânio Peixoto (romance publicado pela primeira vez em 1922), com litografias de Heloisa de Faria. A brochura, grande (como todas as publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil), com 248 páginas, traz, na capa, o título impresso em verde e uma litografia de um rosto de mulher, em preto. Também na folha de rosto o título é impresso em verde. Os 23 capítulos, numerados em algarismos Romanos, foram compostos em tipos Velho Romano de 4mm, com a inicial maior (9mm), impressa em verde. O branco superior inicial de cada capítulo contém uma faixa decorativa, impressa em verde, variando a decoração de capítulo para capítulo. Das 25 litografias, 6 ocupam a página inteira, com o verso impresso. O papel, Rives, com marca d'água, conserva as bordas naturais de fabricação.

Os desenhos de Heloisa Faria foram reproduzidos na pedra, para tiragem das litografias, por Ennio Marques Ferreira. O texto foi composto a mão e impresso em prelos manuais e as gravuras foram tiradas em prensas especiais, na oficina da Grafica de Artes S.A. do Rio de Janeiro, sob a direção de Luiz Portinari, por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. A tiragem foi de 119 exemplares, sendo 100 para os sócios e 19 para serem distribuídos de acordo com os Estatutos da Sociedade. As pedras que serviram para a ilustração foram granitadas.

O Caçador de esmeraldas, de Olavo Bilac, com buris originais de Enrico Bianco, foi a 6ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, relativa ao ano de 1949 e entregue em 1951. A brochura, de capa em papel branco fortemente granulado, contém 118 páginas. Cada uma das 4 partes em que se divide o poema, numerada em algarismos Romanos, contém uma folha de título, com o número impresso em vermelho, seguida de uma folha com uma gravura na frente e uma estrofe no verso, ao pé da página, com grande branco superior. A folha seguinte traz novamente uma gravura na frente e uma estrofe no verso, e assim sucessivamente, sendo que cada estrofe é ilustrada pela gravura que lhe faz frente. Ao todo, são 51 gravuras a buril. O poema foi composto em Caslon Romano

de 4mm, com a inicial bem grande (55mm). O livro foi composto a mão e impresso em prelos manuais na oficina da Grafica de Artes S.A., sob a direção de Luiz Portinari, por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. A tiragem foi de 119 exemplares, em papel Arches, sendo que as placas de cobre que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

O Rebelde, de Inglez de Sousa, com águas-tintas de Iberê Camargo, foi a 7ª das publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, relativa ao ano de 1950 e entregue em 1952. O livro foi distribuído em cadernos soltos, totalizando 128 páginas, envoltos por uma capa flexível em papel branco fortemente granulado e que, por sua vez, se encontra dentro de uma capa solta forte, forrada de papel que imita tecido, acondicionada em um estojo, do mesmo material, que deixa a mostra a sua lombada.

Das 29 águas-tintas que ilustram o livro, uma é de página inteira com o verso em branco, algumas de página inteira com texto no verso e outras intercaladas no texto, no início de cada capítulo e no meio e no final de alguns capítulos, com bordas irregulares que fazem recorrer o texto para uma adaptação. As gravuras não apresentam a marca da chapa de metal e são protegidas por uma folha de papel de seda. O texto, em Caslon Romano de 4,5mm, inicia-se, em cada capítulo (sem título), com as primeiras linhas irregulares, de tamanho menor, aumentando gradativamente, para adaptarem-se as bordas irregulares da parte inferior das gravuras. O papel, Marais, com marca d'água, conserva as bordas naturais de fabricação.

O texto foi composto a mão e impresso em prelos manuais na oficina da Gráfica de Artes S.A., sob a direção de Luiz Portinari e Darei Valença Lins, por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. A tiragem foi de 119 exemplares e as chapas de cobre que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Juntamente com a entrega dos exemplares, foi realizado um leilão dos estudos originais, provas de artista, contraprovas, vernizes-moles e gravuras e Iberê Camargo não incluídas no livro. Esse tipo de leilão era costumeiro na entrega dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

A 8ª das publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, relativa ao ano de 1951, foi Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida, com águas-fortes de Darei. Reproduzindo o texto da edição de 1854-1855, foi lançada em 1954. O livro foi distribuído em 2 volumes, em cadernos soltos envoltos por uma capa flexível de papel creme grosso, forte e áspero e que se encontra dentro de uma capa solta forte, de cartão revestido com papel tipo Ingress, de cor cinza, com dizeres impressos na lombada revestida de tela plastificada azul escuro. O 1º volume contém 5 gravuras de página inteira, com o verso em branco, e 23 pequenas gravuras de início de capítulo, em retângulo de 59x68mm, ocupando branco deixado a esquerda pelas 9 primeiras linhas do capítulo. O 2º volume contém 5 gravuras de página inteira e 25 de início de capítulo e uma na página final.

As águas-fortes deixam perceber o alto relevo da tinta que saiu das finas ranhuras da chapa de cobre, e foram pintadas pelo artista, após a tiragem, com delicadas aguadas, em pinceladas largas e soltas, em cores tais como azul-claro, cor-de-rosa, verde-claro, cinza-azulado e amarelo, tirando vantagem do branco do papel. As pequenas gravuras deixam perceber nitidamente o relevo seco deixado pelas bordas da chapa de cobre no anto da impressão. Os títulos dos capítulos são impressos em cores que variam entre alaranjado, verde, azul, ocre e marrom. O texto, composto em tipos Elzevir Século XVII de 4mm, traz capitulares de 10mm, impressas em cores variadas, sempre diferente da cor do título do capítulo respectivo. O papel, Rives, conserva as bordas naturais de fabricação.

O livro foi composto a mão e impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., sob a direção de Darei Valença Lins, por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. A tiragem foi de 119 exemplares, sendo que as chapas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

Três contos, de Lima Barreto, com águas-fortes de Cláudio Corrêa e Castro e o texto revisto por Francisco de Assis Barbosa, foi a 9ª das publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, relativa ao ano de 1952 e lançada em 1955. O estojo contém uma capa solta, forte, que,

por sua vez, contém uma capa flexível constituída por um papel encorpado, fortemente granulado, em cor creme, que encapa uma das folhas do 1º e do último cadernos. Os cadernos soltos, de 2 folhas cada um, totalizam 96 folhas. Cada um dos 3 contos contém uma folha de título, seguida de uma água-forte de página inteira, com o verso em branco. O texto, composto em tipos Elzevir Século XVII, de 3,5mm, traz capitulares grandes (13mm), impressas nas cores marrom, verde e alaranjado, respectivamente, para cada conto. O branco superior inicial de cada conto contém uma água-forte sem contornos definidos e sem marca da chapa. O 1º conto contém mais 9 águas-fortes no texto, o 2º contém 12 e o 3º contém 10. O papel, Arches, com marca d'água, conserva as bordas naturais de fabricação.

O livro foi composto a mão e impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. As capas foram feitas por Encadernação Bazin. A tiragem foi de 119 exemplares e as chapas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

Canudos, de Euclides da Cunha, com águas-fortes de Poty, reproduzindo o texto da edição da José Olympio, de 1939, foi a 10ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1956. A capa, em papel creme claro, com o título impresso em vermelho, contém 28 cadernos de 2 folhas. O texto foi composto em tipos Caslon Romano de 4,5mm, com a inicial grande (15mm), impressa em vermelho. Das 34 águas-fortes, 7 ocupam a página inteira e as demais ocupam a parte superior ou a parte inferior das páginas. Contêm elas zonas chapadas em tom cinza e fortes traços pretos com grossa camada de tinta que saiu de profundos sulcos no cobre e que se percebem ao tato. O papel, Rives e Arches, conserva as bordas naturais de fabricação.

O livro foi composto e impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini. A tiragem foi de 119 exemplares e as chapas que serviram para a ilustração foram inutilizadas, como sucedeu com todas as edições dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Macunaima: o herói sem nenhum caráter, de Mario de Andrade, com águas-fortes de Carybé, foi a 115 publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1957. Os desenhos originais datam de 1945-1946, quando ainda vivia Mario de Andrade. Em 1957 foram gravadas em cobre pelo artista, que então executou também uma nova série de desenhos aquarelados a serem leiloados aos sócios. Os cadernos soltos, de 4 folhas, totalizando 115 folhas, são envoltos por uma capa em papel branco grosso, fortemente granulado, que se encontra dentro de uma capa solta, forte, em cartão revestido de papel branco, guardada em estojo forte, que deixa a mostra a sua lombada.

O texto é composto em tipos Caslon Romano de 4mm. Cada capítulo possui uma folha de título e traz a capitular grande (15mm). Das 43 águas-fortes, protegidas por papel de seda, algumas ocupam página inteira e outras se encontram intercaladas no texto, acima, em baixo ou no meio. O papel, Arches, com linha d'água, conserva as bordas naturais de fabricação.

O livro foi composto a mão e impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravirii e Darcy Vieira. A tiragem foi limitada a 120 exemplares.

A 12ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1958, foi Bestiário: trechos do Tratado Descritivo do Brasil em 1587, de Gabriel Soares de Sousa, com xilogravuras de Marcelo Grassmann. Foi distribuída em cadernos soltos de 2 folha, totalizando 69 folhas, envoltos por uma capa de papel bem forte e granulado que encapa uma das folhas do primeiro e do último cadernos. Essa capa, por sua vez, esta envolta por uma outra capa solta, dura, guardada dentro de um estojo que deixa à mostra a sua lombada. A capa flexível traz o título impresso em vermelho e o desenho de um caranguejo. O título é impresso também em vermelho na falsa folha de rosto e na folha de rosto. O texto é composto em Caslon Romano de 4,5mm, com capitulares grandes (11mm) impressas em vermelho. Os capítulos não abrem página, mas iniciam na mesma página onde termina o anterior. Algumas páginas de final de capítulo contêm gravura no branco inferior e, então, o outro capítulo

começa no alto da página seguinte. Das 48 xilogravuras, protegidas por folhas de papel de seda, 24 são de página inteira e 24 são menores, no texto. O papel, Marais, é forte e macio e conserva as bordas naturais de fabricação.

O livro foi composto a mão e impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., sob a direção de Poty Lazzaroto, por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira. A tiragem, única, foi de 120 exemplares.

Menino de engenho, de Dose Lins do Rego, com águas-fortes de Portinari, foi a 13ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1959. Foi distribuída em cadernos soltos de 2 folhas, totalizando 104 folhas, incluindo 30 águas-fortes de página inteira com o verso em branco, protegidas por folhas soltas de papel de seda. Os cadernos são envoltos por uma capa flexível de papel branco forte, granulosa, que se encontra envolta por uma outra capa solta, forte, de cartão revestido de papel pardo, acondicionada em estojo que deixa à mostra a sua lombada, impressa.

Os capítulos, sem título, iniciam-se em alturas diferentes da página, variando seu início desde o alto até em baixo, em composição, as vezes, de apenas 5 linhas. O texto é composto em tipos Elzevir Romano de 3,5mm, com a primeira palavra de cada capítulo constituindo a primeira linha, justificada a direita, impressa em azul, com tipos maiores (8mm) e com a inicial bem grande (50mm). O papel, vélin Arches, com marca d'água, conserva as bordas naturais de fabricação.

A edição foi dirigida por Raymundo Ottoni de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa, com a supervisão de Poty Lazzarotto. O texto foi composto a mão e impresso em prelos manuais por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira, que também tiraram as gravuras, na Gráfica de Artes. A tiragem, limitada, foi de 120 exemplares.

A Philobiblion, no Rio de Janeiro

Manuel Segala, impressor-editor de Philobiblion, lançou, em 1955, A Sereia, revista de poesia em pequena brochura (11x15cm) de um

só caderno, com reproduções de obras de arte e xilogravuras. A publicação, programada para 10 números, pode também ser considerada uma pequena coletânea em 10 volumes. Era dirigida, ilustrada, impressa, encadernada e distribuída por Manuel Segalá, que se responsabilizou pela tiragem de 1.000 exemplares. A composição foi de Sylvio Medeiros e de Carlos dos Santos Silva, e a impressão, na prensa manual A Verônica, de Manuel Segalá. No caderno número 2, saído em outubro de 1955, há uma reprodução fotográfica da prensa A Verônica, com o seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade: "A VERÔNICA é mais ou menos uma pessoa: é uma prensa manual que faz poesia...".

Como separata da revista A Sereia, Manuel Segalá publicou, em 1955, o poema Espelho cego, de Cecília Meireles, no mesmo pequeno formato, contendo um caderno costurado de 6 folhas e folhas de guarda, inicial e final, em papel de seda amarelo, que também forra a face interna da capa (essa folha de guarda em papel de seda era uma característica das publicações de Manuel Segalá). A capa é impressa em preto e vermelho. A página inicial traz o título da revista, A Sereia, encimado por uma pequena xilogravura retangular de uma sereia. Em uma página está impresso o poema e, na seguinte, o fac-símile do manuscrito do poema assinado por Cecília Meireles. Depois do colofão, foi colocada uma errata-fac-símile de poema manuscrito de Cecília Meireles, escrito dentro de uma moldura oval encimada por um grande acento circunflexo, com o título: "Quase sátira ao 'espelho cego' dedicada ao editor sem culpa". Nele, Cecilia Meireles livra o editor da culpa do acento circunflexo que colocara na palavra "espelho".

Em 1956, Manuel Segalá, na Philobiblion, lançou Poèmes de la nuit, de Christovam de Camargo, uma brochura pequena (12x16cm) encapada com papel branco revestido com papel vegetal, contendo 44 folhas não numeradas. Entre os 21 poemas estão intercaladas 4 xilogravuras em cores de Manuel Segalá, que também imprimiu o livro na prensa manual A Verônica, a 25 de novembro de 1955. Houve uma edição única de 1.000 exemplares, em papel Ingres, Montgolfier, Saint Marcel-les-Annonay, dividido em 4 tiragens: a primeira, de 10 exemplares, numerados de 1 a 10, com um poema inédito e autógrafa do autor e as provas sucessivas

das gravuras; a segunda, de 100 exemplares, numerados de 11 a 112, com um poema, inédito, do punho do autor, reservado aos bibliógrafos brasileiros e franceses, e a terceira, numerada de 113 a 1.00, destinada ao público, com as 4 xilogravuras de Manuel Segalá. Foram tirados também 30 exemplares especiais, não numerados. Todos os exemplares são rubricados pelo autor. O exemplar examinado, nominativo e não numerado, foi impresso especialmente para Agripino Grieco. O poema inédito está manuscrito em vermelho, com o título em azul - "Les inconnus" -, assinado em vermelho e datado, em azul, de Rio de Janeiro, le 26 abril 1956. Seguem-se-lhe, tiradas em papel de seda, coladas na frente e no verso das folhas, o 1º estado, o 2º estado e a prova definitiva, em preto, das 5 xilogravuras.

No mesmo ano, a Philobiblion publicou também Mensagem ao 3uiz perfeito, de Augusto Linhares, brochura do mesmo tamanho, com folhas de guarda em papel de seda azul, em tiragem de 200 exemplares em papel Rafaell Marais, France, impressa n' A Verônica, por Manuel Segalá.

Manuel Segalá também imprimiu a mão, n' A Verônica, livros para a Civilização Brasileira e para a Livraria São Dose.

Em 1955, a revista A Sereia anunciou o lançamento da Coleção Maldoror, da Civilização Brasileira, preparada em colaboração com Philobiblion, "onde se associam harmoniosamente o mais alto bom gosto gráfico e a mais criteriosa seleção literária", em tiragens limitadas de 300 exemplares. A coleção já se encontrava em subscrição na Editora Civilização Brasileira, à Rua 7 de Setembro, nº 97, e já tinha publicados os seguintes títulos: Poemas em prosa, de Aníbal M. Machado, Poeta en Nueva York, de Federico Garcia Lorca e A Terra inútil, de T. S. Eliot, em tradução de Paulo Mendes Campos. Para 1956, estavam programados: Poemas de Maiacovski, em traduções de E. Carrera Guerra, A Princesa branca, de R.M. Rilke, em tradução de Geir Campos, e As Núpcias do Céu e do Inferno, de William Blake, em tradução de Oswaldino Marques e ilustrações do autor.

A tradução de As Núpcias do Céu e do Inferno, saída em 1957, foi impressa em cadernos soltos de 4 folhas envoltos por uma capa solta, de tamanho médio, com xilogravura de Manuel Segalá. Acompanha os

cadernos um folheto em papel azul, fino, com o texto original em inglês. As ilustrações de Blake foram expressamente gravadas em fotolitos e impressas por Jairo Saback e o texto foi impresso n'A Verônica por Manuel Segalá. A edição, de 300 exemplares, foi dividida em 3 tiragens: a primeira, de 4 exemplares fora de numeração e nominativos, impressos especialmente para os subscritores, contendo cada um as provas de estado das gravuras mais uma das planchas de zinco utilizadas na impressão; esses exemplares são autografados pelo tradutor. A segunda, numerada de 1 a 10 por ordem de subscrição, com o nome do subscritor impresso na contracapa, o autografo do tradutor e as provas de estado das gravuras. A terceira, de 286 exemplares, numerados de 11 a 296, com o estado definitivo das gravuras e destinados aos bibliófilos em geral.

Para a Livraria São José, a Philobiblion imprimiu, em 1956, Voyelles, de Rimbaud, e Saudade, de Da Costa e Silva; em 1957, imprimiu Cara e coroa; oito sátiras sociais, de Heitor P. Fróez, e Cisnes de Dulio Salusse.

Voyelles/Vogais, edição bi-língüe (dois livros em um) feita por Carlos Ribeiro para distribuição aos seus amigos no Natal de 1956, contém o texto original em francês e uma tradução de Gondin da Fonseca, com xilogravuras de Manuel Segala. A brochura, de tamanho medio, contém um único caderno de 8 folhas e mais duas folhas de guarda em papel de seda vermelho, metade do caderno contendo o texto em francês, inclusive folha de rosto, e a outra metade contendo a tradução, com folha de rosto em português. Uma das capas está impressa em francês e a outra em português, de modo que a brochura se constitui em dois livros que podem ser lidos normalmente, a partir da capa. Na folha dupla central esta impressa uma xilogravura com as cinco vogais, uma em cada cor, dobradas, de modo que, virando-se o livro de cabeça para baixo, são lidas em ordem contrária: o u i e a. O livro é ilustrado com mais duas xilogravuras. Foi impresso sobre papel Raphael, Marais, France, na prensa A Verônica, por Manuel Segalá. Não declara a tiragem.

Saudade, de Da Costa e Silva, também foi editada por Carlos Ribeiro para distribuir como lembrança aos amigos no Natal de 1956. É uma pequena brochura com um único caderno de 6 folhas de papel Raphael, Marais, France, e 2 folhas de guarda em papel de seda vermelho. Contém xilogravuras a cores, uma na capa, uma na folha central e uma na página da dedicatória de Carlos Ribeiro. Foi impresso n'A Verônica, por Manuel Segalá, em tiragem não declarada.

Cara e coroa: 8 sátiras sociais, de Heitor P. Froez, traz na capa o nome da Livraria São Dose e, na folha de rosto, o da Philobibliion. Na capa o número 8 do título é desenhado e impresso em vermelho, tendo o interior das duas partes em branco, com desenho em preto de um perfil de rei, na parte superior, e de uma coroa, na parte inferior. A 4ª capa e a folha de rosto trazem o número 8 do título desenhado da mesma maneira. A capa, solta, de tamanho médio, contém cadernos amarrados com linha vermelha. Cada sátira ocupa um caderno com uma folha de título igual à folha de rosto e uma segunda folha com o título da sátira e a dedicatória. Foi feita uma única tiragem de 420 exemplares, em papel Canson, bem grosso, impressos na prensa A Verônica, por Manuel Segalá.

O poema Cisnes, de Julio Salusse, em tipos itálicos de 3mm, com a inicial maior (9mm), em redondo, azul, ocupa apenas uma página de um pequeno caderno de 6 folhas (12x12cm), costurado com linha vermelha. Duas folhas de papel de seda azul, no início e no final do caderno, foram as faces internas da capa e se prolongam em folha de guarda. A capa e o verso da folha de rosto trazem duas xilogravuras diferentes, de Manuel Segalá, representando dois cisnes. Foi impresso n'A Verônica, por Manuel Segalá, em tiragem de 10G exemplares feita para Carlos Ribeiro oferecer a seus amigos no Natal de 1957.

#### Edições Hipocampo, Niterói

As Edições Hipocampo, dos poetas Tiago de Melo e Geir Campos, publicaram livros de arte que apresentam várias características comuns: são álbuns de tamanho médio (16x24cm), em papel grosso e fortemente

granulado, variando a cor entre cinza, pardo, verde-musgo e cinza-azulado, em forma de envelope que se abre na primeira folha como um livro, contendo cadernos soltos e uma folha solta com ilustração; os textos são compostos em tipos Romano Moderno, sobre papel Ingres Ecoles, Montgolfier St. Marcel-les-Annonay, em tiragem, geralmente, de 116 exemplares, autenticados pelo autor.

A Palavra escrita, de Paulo Mendes Campos, publicado em 1951, foi o 6º livro das Edições Hipocampo; contém uma ponta-seca numerada e assinada por Athos Bulcão e teve uma tiragem de 126 exemplares. Amor em Leonoreta, de Cecília Meireles, o 7º livro, publicado no mesmo ano, contém uma xilogravura tirada em papel arroz e assinada a lápis pelo artista, Yllen Kerr.

Em 1952 as Edições Hipocampo publicou: As Ilhas, de Jorge de Lima, com uma reprodução de desenho do autor; Arquipélago, de Geir Campos, com reprodução de um desenho de Santa Rosa, assinado a lápis pelo artista; Opus 10, de Manuel Bandeira, com uma água-tinta de Fayga Ostrower, impressa em preto e verde, assinada e numerada pela artista; e Com o vaqueiro Mariano, de Guimarães Rosa, com uma água-forte de Darel, numerada e assinada a lápis pelo artista.

#### O Gráfico Amador, Recife

Em 1953, a época do atelier coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife, foi criado o ateliê experimental de tipografia que recebeu o nome de D Grafico Amador. De sua fundação participaram Gastão de Holanda, Sebastião Uchoa e Aloísio Magalhães. Instalaram-se a Rua Amélia, nº 415, no sótão da casa onde se reuniam alguns artistas, a eles se reunindo. Aloísio Magalhães, que acabara de retornar de Paris, onde recebera orientação do gravador inglês Stanley William Hayter, dormia no ateliê, conforme informação de José Cláudio.<sup>79</sup> Frequentava a casa os pintores Adão Pinheiro, que executou ilustrações para O Gráfico Amador a partir de 1959, e Montey Magno. Na parte de trás da casa trabalhavam os arquitetos Abel Accioly, Jorge Martins, Glauco Campelo e Artur Lício Pontual.

Os livros d'O Gráfico Amador, de tamanho médio, formatos

aproximadamente iguais, variavam na maneira de apresentação dos cadernos, eram todos compostos e impressos a mão, em tipos Romano, sobre papéis de boa qualidade, em tiragens bem pequenas.

Em 1955, O Gráfico Amador publicou Macaco branco: fortuna & penas deste personagem no reino do futebol, narradas por Gastão de Holanda, com bela tipografia.

Em 1956 publicou o poema A Tecelã, de Mauro Mota, com desenhos de Reynaldo Fonseca, v. 2 da coleção Carta de Indulgência, em cadernos soltos, totalizando 2D folhas. Cada estrofe do poema e impresso em uma página, sobre papel Ingres, Montgolfier St. Marcel-les-Annonay, branco. Os 4 desenhos, em planos formados por linhas retas, a maneira do Cubismo, são impressos no mesmo papel, cor-de-rosa, nas faces ímpares de folhas duplas que envolvem dois cadernos de texto. A tiragem foi de 120 exemplares assinados pelo autor e pelo ilustrador.

Mãe da lua: pega para bonecos em 1 prologo e 3 quadros, de José de Moraes Pinho, com musica de Capiba, publicado no mesmo ano, apresenta-se em forma de uma brochura de 26 folhas. A folha de rosto, muito bonita, e composta em tipos pequenos, o titulo impresso em vermelho, com muito branco interlinear, a maioria deles contendo o desenho de uma minúscula folha gótica, impressa em vermelho (49). O prólogo, cada um dos 3 quadros e o côro das árvores contêm folha de titulo. A primeira pagina de cada texto se inicia com o titulo, o desenho da pequena folha gótica e a capitular maior. As demais páginas contêm, no alto, o título da peça, seguido também da pequena folha. As margens são amplas. A tiragem foi de 150 exemplares.

Ciclo, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1957, com desenhos de Reynaldo Fonseca gravados em madeira, tem uma arquitetura diferente: e impresso em uma folha de papel de quase 3 metros de comprimento por 24cm de altura, formada por 4 folhas emendadas, dobrada em sanfona, sendo que a primeira e a ultima dobras são encapadas com papel cinza que forma a capa. A folha de papel, sendo dobrada em sanfona, e impressa apenas de um lado. O poema e impresso na dobra central, iniciando-se as linhas na página par e terminando na página impar, sendo os brancos laterais ocupados por xilogravuras de folha-

## Os ANOS CINQUENTA - LIVROS DE ARTE

gens estilizadas, impressas em cinza e pintadas a mão, depois da impressão, em cores que variam de página para página. A primeira palavra de cada estrofe é impressa em versai com a inicial em tipo Manuscrito de 26mm. A capa, de Abel Accioly, é impressa em branco, com quadriculado em losangos. A tiragem foi de apenas 96 exemplares, em papel Marais, numerados a mão e assinados pelo autor e pelo ilustrador.

Mundo guardado, de Luiz Delgado, publicado em 1958, 11<sup>a</sup> das publicações d'O Grafico Amador, é ilustrado com litografias de Aloisio Magalhães. Uma litografia com formas que lembram montanhas refletidas na água, impressa em preto, ilustra a capa da brochura, prolongando-se pela lombada, pela 4<sup>a</sup> capa e pelas orelhas. A folha de rosto e as folhas de título das duas partes em que se divide o livro contém uma litografia de formas semelhantes. Cada um dos poemas e a crônica contém uma folha de título. A tiragem foi de 200 exemplares numerados a mão e assinados pelo autor e pelo ilustrador.

O livro é acompanhado de um marcador com uma publicidade onde se anuncia a doação de uma maquina impressora elétrica, por Odilon Ribeiro Coutinho, e de novas fontes de tipos, por José Piauhyllino Monteiro, a'O Grafico Amador. Anuncia-se também a aquisição, pelo ateliê de Aloísio Magalhães, de uma prensa litográfica, na qual foram tiradas as ilustrações do livro. O texto, entretanto, ainda foi impresso, por Gastão de Holanda, na prensa manual, que continuaria sendo utilizada. A mesma publicidade anuncia a próxima edição - Quaderna, poemas de João Cabral de Melo Neto - em grande formato, com litografias a cores.

No Recife

Organizada por Souza Barros, saiu no Recife, em 1951, uma edição de Poemas: 1922-1949, de Ascenso Ferreira, com prefácio de Manuel Bandeira e desenhos de Augusto Rodrigues, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, Luis Jardim e Rosa Maria. A brochura, de tamanho grande, contém "Catimbó", "Cana caiana" e "Xenhêném". A capa e as folhas de título de cada parte são ilustradas com desenhos de Luís Jardim. Os

## OS ANOS CINQUENTA - LIVROS DE ARTE

poemas se iniciam em pagina impar, compostos em tipos Romano de 3mm, com a inicial maior (8,5mm) impressa em vermelho. Alem de uma caricatura de Ascenso Ferreira, desenhada por Augusto Rodrigues, ha ainda 4 desenhos de Lula Cardoso Ayres e um de Cícero Dias, ilustrando "Catimbó" e "Cana caiana", e desenhos de Luís Jardim ilustrando "Xenhenhém" e um desenho de Rosa Maria, em folha separada. A revisão dos arranjos musicais foi de Waltemar de Oliveira. A composição e a impressão foram feitas no Serviço Gráfico do IBGE. A tiragem foi de 600 exemplares, sendo 200 em papel Conqueror e 400 em papel bouffant, sueco, com a assinatura do autor. Foram tirados, ainda, fora do comercio, 10 exemplares numerados de I a X, em papel especial Conqueror. Acompanham cada exemplar dois discos com poemas de temas melódicos de mais difícil interpretação, na propria voz do autor.

Em 1955, organizada ainda por Souza Barros, editada e impressa por I. Nery da Fonseca & Cia Ltda, no Recife, saiu uma nova edição dos poemas de Ascenso Ferreira - Poemas; 1922-1953 - com prefácio de Sérgio Milliet, estudos críticos de Mario de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e Roger Bastide, 7 desenhos de página inteira, fora do texto, por Suanê, Manuel Bandeira e Carybe e ilustração da capa por Lula Cardoso Ayres. Cada uma das três partes, com a edição anterior, contem uma folha de titulo; os poemas se iniciam sempre em página ímpar, e, quando ocupam apenas uma página, o verso fica em branco, com um pequeno desenho na parte inferior. Foram tirados 3.000 exemplares de uma edição popular e mais 400 exemplares, fora do comércio, em papel ilustração-linha d'água, devidamente numerados.

Livros publicados por brasileiros no estrangeiro

João Cabral de Melo Neto, dando continuação as publicações de O Livro Inconsútil, lançou, em 1950, em Barcelona, seu poema, O Cão sem plumas, em uma brochura de tamanho médio. O poema e composto em tipos Romano Moderno, itálico, de 3mm, sendo a primeira linha de cada estrofe precedida pelo sinal de parágrafo (§). O livro não traz colofão e nem justificação da tiragem; em folha branca final estão impres-

## OS ANOS CINQUENTA - LIVROS DE ARTE

sas as iniciais do autor-editor - 3CM - entrelaçadas, em branco sobre retângulo preto. O papel, com linha d'agua, GUA RRO, e muito bonito.

Raymundo de Castro Maya, em 1955, fez uma edição monumental de Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, de Debret, com aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot de 1834. As folhas com a introdução de Raymundo de Castro Maya, índice e notas, e as 100 pranchas em fototipia, estão envoltas por uma capa de brochura acondicionada em estojo em tecido. As 100 pranchas, das quais 96 coloridas a mão, reproduzem 140 aquarelas originais de Debret. A edição, executada em Paris sob a direção do tipógrafo Marcel Mouillot, levou dois anos para ser concluída. A tiragem foi de 400 exemplares, em papel d'Arches, e as placas originais foram destruídas após a impressão.

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

## A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

Em 1960, os Cem Bibliófilos do Brasil lançaram sua 14ª publicação, Pasárgada, de Manuel Bandeira, com gravuras em cores de Aldemir Martins. O livro se compõe de cadernos soltos de 4 folhas, totalizando 40 folhas, envoltos em uma capa de papel branco bem granulado que encapa uma das folhas do primeiro e do último cadernos. A capa esta envolta por outra capa, dura, acondicionada, por sua vez, em estojo que deixa a mostra a sua lombada. Contem 30 poemas escolhidos pelo autor e ilustrados com 30 gravuras a cores, 19 ocupando página inteira e 20 junto aos poemas, variando de posição. As gravuras deixam perceber o relevo da tinta saída das ranhuras feitas no cobre e são protegidas por folhas de papel de seda. Ao contrário das outras publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, esta traz o colofão no início, juntamente com a justificação da tiragem. Os títulos e os poemas são compostos em Grotasca Reforma Magra, de 5mm, todo em caixa baixa. O papel, Vélin Arches, com linha d'água, conserva as bordas naturais de fabrica-

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

ção.

A edição foi dirigida por Raymundo de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa, composta a mão e impressa em prelos manuais por Osivaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira, que também tiraram as gravuras, na Gráfica de Artes, Rio de Janeiro. A tiragem foi de 120 exemplares e as chapas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

Poranduba amazonense, de João Barbosa Rodrigues, foi a 15ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1961. Os 23 contos, escolhidos na seleção recolhida por João Barbosa Rodrigues, deveriam ser ilustrados por Oswaldo Goeldi. Morto prematuramente o artista, porém, o plano foi mudado e, em homenagem a sua memória, Darei Valença Lins executou águas-fortes com buril para ilustrar o volume.

A embalagem, como a da edição anterior, contém cadernos soltos de 2 folhas, totalizando 30 folhas, incluindo as 23 águas-fortes, algumas de página inteira, protegidas por uma folha de papel de seda. Percebe-se claramente, nas gravuras, o relevo da tinta que, no momento da impressão, saiu dos profundos sulcos abertos no cobre pelo buril e comidos pela água-forte. Os contos foram compostos com tipos Caslon Elzevir Romano de 4,5mm, com título em português e em língua indígena e com a inicial maior (13mm). As páginas são equilibradas e muito agradáveis a vista. O papel, Velin d'Arches, com marca d'água, conserva as bordas naturais e fabricação.

A edição foi realizada sob a direção de Raymundo de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa, auxiliados por Oswaldo Neyva. O texto foi composto e mão e impresso em prelos manuais por Osivaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira, que também estamparam as águas-fortes, na Gráfica de Artes. A tiragem foi de 120 exemplares e as placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

Cadernos de João, de Aníbal Machado, 16ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1962, foi ilustrada com 24 águas-fortes de Maciej Babinski, algumas ocupando a página inteira e outras

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

ocupando posições variadas com relação ao texto, protegidas por folhas de papel de seda. Os contornos das gravuras são desiguais. Não se percebem as marcas das bordas das chapas de metal, mas sente-se o relevo da tinta que saiu das fundas ranhuras. Os cadernos soltos, de 4 folhas, totalizando 42 folhas, são acondicionados como nas publicações anteriores. O título na folha de rosto e os títulos dos poemas e fragmentos são impressos em cor-de-laranja. Os textos são compostos em tipos de 3,5mm, sendo que a primeira palavra de cada um é composta em versai, com a inicial maior (8mm). O papel, vélin d'Arches, com marca d'água, conserva suas bordas naturais de fabricação.

A edição foi realizada sob a direção de Raymundo de Castro Maya, Cypriano Amoroso Costa e Oswaldo Neyva. O texto foi composto a mão e impresso em prelos manuais por Oswaldo Caetano da Silva, Cle. anthes Gravini e Darcy Vieira, que também tiraram as gravuras, na Gráfica de Artes. A tiragem foi de 120 exemplares, sendo que as chapas que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

A Morte e a morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado, com serigrafias de Di Cavalcanti, 17ª publicação dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1963, foi dedicada à memória de Cypriano Amoroso Costa, sob cuja direção foi iniciada. As 30 folhas soltas e as 6 serigrafias fora do texto, protegidas por folhas de papel de seda, estão acondicionadas em uma capa solta, amarrada com fitas nos três lados. O texto foi composto em caracteres Grottesca Reforma Magra de 5mm, com a primeira palavra de cada capítulo em versai e a inicial maior (17mm). O papel, Vélin d'Arches, conserva as bordas naturais de fabricação.

O texto foi composto a mão e impresso em prelos manuais por Osvaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira, que também tiraram as gravuras, sob a orientação de Darei, na Gráfica de Arte. A tiragem foi de 120 exemplares e as matrizes que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil ainda produziu mais 6 livros, que não foram examinados pela autora, entre os quais

## OS AMOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

Aparições, de Jorge de Lima, e Poemas póstumos, de Augusto Frederico Schmidt. Após a morte de Raymundo de Castro Maya, em 1968, o único livro publicado pela Sociedade foi O Compadre de Ogum, de Jorge Amado, cuja edição já havia sido planejada por ele.

Dom Marcos Barbosa, logo após a morte de Castro Maya, lembrou aos membros do Conselho Federal de Educação que ia editar o Apocalipse, com ilustrações de Marcier. "Nas duas últimas semanas, — disse ele — convivi um pouco mais com Castro Maya, que passou a trazer-me até o Mosteiro, após as sessões do Conselho. Como desejava editar o Apocalipse ilustrado por Marcier na Coleção Cem Bibliófilos, levei-lhe o texto português que me parecia melhor."

Após a morte de Castro Maya foi criada uma comissão para definir os rumos da Sociedade. A Grafica Gomes de Sousa, segundo Plínio Doyle, havia demonstrado interesse em levar adiante o empreendimento, mas não prosseguiu em seu propósito e a Sociedade se dissol-

82

veu. Entre os membros da Sociedade estavam os irmãos Mindlin, Plínio Doyle, Lineu de Paula Machado, Alberto Lee, Pedro de Orleans e Bragança, Valter Moreira Sales, Roberto Marinho, Carlos Lacerda, Ricardo Xavier da Silveira e Themistocles Marcondes Ferreira. As Edições Alumbramento, Rio de Janeiro

Salvador Monteiro, em 1968, e depois também Leonel Kaz, iniciaram uma série de belas publicações artesanais, para as quais escolheram o nome de Edições Alumbramento e explicam porque o nome: "Alumbramento e nossa homenagem ao poeta Manuel Bandeira."

Manuel Bandeira, de fato, escreveu em Estrela da vida inteira: "Um dia eu vi uma moça nuíha no banho / Fiquei parado o coração batendo / Ela se riu / Foi o meu primeiro alumbramento."

Explicam também como nasceu a Alumbramento: "A editora nasceu de uma vocação nossa pelas artes gráficas, particularmente pela tipografia, cujas leis, seculares e universais, impõem o rigor da medida exata, ponto por ponto, e a maravilha da impressão direta, palpável, metal ou madeira sobre o papel, nosso alumbramento diante da arte

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

literária interpretada em termos gráficos." 83

Em entrevista a Norma Couri, para o Jornal do Brasil, quando se comemoravam os dez anos da Alumbramento, os sócios falaram sobre a origem de seus trabalhos: "Nós dois sempre acreditamos muito, na arte gráfica e desde o início sabíamos que jamais seria esse o caminho da fortuna. Ambos trabalhávamos em empresas jornalísticas e sentíamos que o conhecimento do processo gráfico poderia levar profissionais a recriar o texto visualmente. Isso em jornal e revista. Daí partimos para a idéia do livro artesanal (Salvador Monteiro alguns anos antes de Leonel Kaz), o livro expressão de arte."<sup>84</sup>

A que se volta contra o artesanato gráfico como um entrave ao progresso, responderam: "Não, esses livros não se desenvolvem a margem do progresso. Eles não podem ser acusados disso, de empregar recursos artesanais no momento em que a mão e o tato perderam o sentido em meio a nossa sociedade industrializada, o que para a arte gráfica representou um golpe brutal. No Brasil, só a pintura a óleo é valorizada, quando há uma gama de processos a serem redescobertos. O nosso é trabalho contemporâneo. Fazemos livros agora como eram feitos há séculos, para serem lidos muitos anos a nossa frente em bibliotecas que mais cedo ou mais tarde cairão em domínio público. Apenas estabelecemos um padrão grafico brasileiro."

As Edições Alumbramento não publicam obras inéditas, o que daria melhor resultado comercial. Os editores, porém, explicam: "Aí talvez esteja o maior mérito – se algum existe – de nosso empreendimento, o de levar a público um texto já editado, o que o público aceita e compra não só pela grandeza de seu conteúdo conhecido, mas antes pelo possível prazer que lhe dá o continente-livro, coisa real, corporal, visível, palpável guardados no alumbramento literário."

O primeiro livro das Edições Alumbramento foi Amor, canto primeiro, antologia de poetas brasileiros, portugueses e espanhóis – Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Ricardo Reis, Jorge Guillen, Joaquim Cardozo, Miguel Torga, Vinicius de Moraes, Pedro Salinas Camilo Pessanha – ilustrada por desenhos reproduzidos

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

de Dessins, de Matisse (Paris: Fernando Hazan, 1956).

Compõe-se a antologia de 5 cadernos soltos de 4 folhas e 2 cadernos de 6 folhas, envoltos por uma capa solta, forte, de tamanho médio, como quase todos os livros da Alumbramento, encapada com papel branco e forrada internamente com papel de cor ocre. A capa traz um desenho de nu feminino, impresso em sépia. O texto é composto em tipos Romano Antigo, de 3mm, em papel C.M. Fabriano (Italy) creme claro. Cada poema ocupa apenas uma página (ímpar) e é precedido por uma folha de título com o nome do poeta impresso em sépia claro na face ímpar e o título do poema, em preto, na face ímpar. As duas folhas externas dos dois cadernos de 6 folhas, de cor ocre, contem desenhos de nus femininos, em traços finos e delicados, impressos em preto nas faces ímpares.

A seleção dos poemas e a direção gráfica ficou a cargo de Salvador Monteiro. A composição foi do menino Felipe e a impressão de Victorino Alves Ribeiro, na Tipografia Danúbio, no Rio de Janeiro. A tiragem foi de 160 exemplares: 60 em papel Fabriano (Italy), 60 em papel D'Arches e 60 em papel Westerpost.

Edições comemorativas do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro

Por iniciativa de Raymundo de Castro Maya, em comemoração ao IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, saiu em 1965 um belo e luxuoso livro de arte - A Muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução, editada por Raymundo de Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S.A., com texto e organização de Gilberto Ferrez e executado em Paris sob a direção de Marcel Mouillot.

O grande e pesado volume é encadernado em couro vermelho vinho e forrado internamente com tefeta na mesma cor, que se prolonga pela folha de guarda da encadernação. O volume é acondicionado em uma forte caixa que se abre como um livro, feita de grossas pastas com acabamento igual ao do volume. A caixa e o volume trazem impresso em

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

dourado, um brasão com as armas do Rio de Janeiro. O volume contém uma sobrecapa de plástico grosso e transparente. A lombada da caixa traz o título abreviado impresso de baixo para cima (infelizmente, pois, quando a caixa é colocada em posição horizontal, o título da lombada fica de cabeça para baixo).

O livro contém 298 páginas, mais 5 folhas sem número e 4 folhas de guarda, e 301 ilustrações coloridas e em preto e branco, de formatos diversos. O título na falsa folha de rosto e na folha de rosto é impresso com linhas alternadas nas cores vermelho e preto. Os títulos dos capítulos do retrospectivo histórico são impressos em vermelho. As reproduções são precedidas por uma folha de título. As páginas pares são ocupadas pelo texto explicativos, algumas contendo também ilustrações, e as páginas ímpares são ocupadas pelas ilustrações, com pequenas legendas. Há amplos brancos em todas as páginas.

A impressão foi feita em Paris, sob a direção de Marcel Mouillot, em papel puro linho filigranado com as Armas da Cidade do Rio de Janeiro, fabricado especialmente para a edição por Les Papeteries Montgofiér a Annonay. O texto foi composto a mão por Arts Graphiques, Atelier Artisanal S. Legrand, em caracteres Willian Caslon, fundidos por Caslon, e impresso em prelo manual por A. & P. Darach. As reproduções em preto e branco foram impressas em fototipia por Imprimeries: Louis Duval, Faucheux Pere & Fils, Marcel Hourdebaigt, com a colaboração de Robert Rigault, técnico especialista. As reproduções a cores foram coloridas a mão pelo processo "au pochoir", no Atelier d'Art L'Ibis e nos Établissements Nervet. Encadernação dos Établissements Engel. Maquete da encadernação de Dean Duval.

A tiragem foi de 1.000 exemplares e mais 100 fora do comércio, sendo que as matrizes que serviram para a ilustração foram destruídas.

No mesmo ano, saiu, comemorando o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, uma luxuosa co-edição Distribuidora Record, do Rio de Janeiro, e Continental News, de New York, fac-símile da edição original de Voyage pittoresque et historique au Brésil: séjour d'un

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

artiste français au Brésil, de 3. B. Debret, publicada por Firmin Didot Frères (Paris, 1835).

A obra foi publicada em 3 volumes constituídos de cadernos e folhas soltas envoltos por uma capa branca, flexível, acondicionada em estojo de tamanho gigantesco, formado por 3 pastas grossas (6mm de espessura) contendo, a do meio, uma caixa de 53mm de altura, aberta do lado onde fica a lombada do livro. A caixa é revestida em tecido vermelho e forrada, internamente, com finíssimas lâminas de madeira clara, e fecha-se com uma presilha de marfim. O papel das ilustrações, especialmente fabricado para a edição, apresenta marca d'água com a assinatura de Debret e conserva as bordas naturais de fabricação em 3 lados, supondo-se, então, que as folhas tenham sido apenas cortadas ao meio. A impressão foi feita no Japão e a tiragem foi de 1.000 exemplares. Foi examinado apenas o tomo II, o único encontrado na Seção de Obras Raras da Biblioteca do Senado Federal, e , por isso, os dados não estão completos.

Edição Dinamene, Salvador, Bahia

Em 1960, a Edição Dinamene, de Pedro Moacir Maia, publicou seus últimos livros: Estrela da manhã e Alumbramentos, de Manuel Bandeira. Ambos se constituem de cadernos soltos envoltos por uma capa solta de tamanho medio, em papel grosso, branco.

Estrela da tarde traz na capa o titulo impresso em vermelho e uma -xilogravura portuguesa do século XVIII, um anjo músico, impresso em ocre. A falsa folha de rosto, bem como a folha de rosto, têm os dizeres divididos em duas paginas que se defrontam, o nome do autor, em preto, na face par, e o titulo, em vermelho, na face ímpar, acompanhado do nome da editora; acima do título da folha de rosto está impresso, em ocre, o mesmo anjo da capa, em posição contraria. Os poemas são compostos em Romano Antigo de 2,5mm, com o título impresso em vermelho ao pé da página par que lhe faz frente. O livro foi composto e impresso em S.A. Artes Gráficas, na cidade do Salvador, sob os cuida-

## OS ANOS SESSENTA - LIVROS DE ARTE

dos de Pedro Moacir Maia. A tiragem foi de 150 exemplares em papel Westerpost, sendo 50 para o poeta, 50 colocados a venda e 50 para o editor.

Alumbramentos foi a décima sexta e última edição Dinamene. Traz, na capa, reprodução de desenho de Gromaire e, no verso da falsa folha de rosto, uma fotografia de nú feminino, reproduzida de Photography Annual, de 1960, em papel acetinado colado sobre o papel Westerpost em que foi impresso o texto. Os poemas são compostos em tipos Romano, itálico, de 2,5mm, e ocupam apenas uma página (ímpar), com o título impresso em ocre no alto da página par que lhe faz frente. O título na capa e na folha de rosto e impresso em ocre. Três dos cadernos contêm uma folha de papel Kraft dobrada e intercalada entre suas folhas, contendo, nas faces ímpares, um desenho de nu feminino, em traços múltiplos, fortes e grossos, formando fundo e sombras, reproduzidos do álbum Gromaire (Les Éditions Braum & Cie., Paris, 1949). O livro foi composto por Antônio Teixeira Lobo e impresso por Paulo dos Santos, na S.A. Artes Gráficas, sob os cuidados de Pedro Moacir Maia. A tiragem foi de 200 exemplares autografados pelo autor e pelo editor, sendo 50 para o poeta, 100 para os 20 subscritores e 50 para o editor.

Edições do Livro de Arte, Florianópolis

Em Florianópolis, em 1962, as Edições do Livro de Arte lançaram um livro de poemas de Maura de Senna Pereira, País de Rosamor, ilustrado com vinhetas originais em madeira de H. Mund Or. Os poemas são impressos em cadernos soltos (42 páginas), de papel bem forte, bom, envoltos por uma capa solta grande, de papelão encapado com papel cor-de-rosa. Os 15 poemas são compostos em tipos Bastão de 4mm, com a inicial maior (9mm), em Romano Antigo, e iniciam-se em página ímpar, com o título em Bastão de 5mm, acompanhado de uma pequena xilogravura (50x50mm) impressa em preto, com tema do poema. Quando o poema ocupa apenas uma página, o verso fica em branco. O livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas de Miguel Cordeiro, Florianópolis, SC. A tiragem foi de 300 exemplares numerados e assinados pela autora.

OS ANOS SETENTA – O ANO DE 1980 – AMPLA E BOA PRODUÇÃO DE LIVROS  
DE ARTE

Edições Alumbramento

O 2º livro das Edições Alumbramento, o 1º que Salvador e Leonel fizeram juntos, foi Elegias, de Cecília Meireles, ilustrado por Aldemir Martins. Foi uma homenagem a Cecília Meireles, pois o ano seguinte seria o 10º aniversário de sua morte.

Em 1975, a Alumbramento lançou seu 3º livro, Amor, amores, de Carlos Drummond de Andrade, com desenhos de Carlos Leão. Os poemas são impressos em cadernos soltos envoltos por uma capa solta constituída de um cartão encapado com papel Murillo Fabriano (grosso), de cor creme clara, e forrado internamente com papel Ingres de cor ocre. Os cadernos assim encapados são acondicionados em uma caixa grande que se abre como um livro, revestida com papel Ingres de cor ocre, com lombada em tecido marrom. A caixa traz, impressa em marrom, a assinatura do autor e, na lombada, o nome do autor e o título, em branco. A capa traz os dizeres da folha de rosto, em marrom, e um desenho de nu feminino, em ocre.

As duas folhas duplas centrais do primeiro caderno contêm, cada uma, impresso em posições contrárias, o mesmo desenho de nú deitado, ocupando duas paginas. Os poemas, compostos em tipos de caixa Garamond, de 3mm, com inicial maior (10mm), estão impressos em marrom, com a inicial em ocre, sobre papel Ingres creme claro, ocupando, cada um, apenas uma pagina (impar), precedida de uma folha de título que contem, na parte inferior, ate as bordas, um desenho impresso em ocre, e o titulo, impresso no alto. Quatro dos cadernos contêm, dobrada e intercalada entre as folhas de texto, uma folha de papel de cor ocre, com desenhos impressos em preto nas faces ímpares, totalizando 8 desenhos de pagina inteira.

Os desenhos de Carlos Leão, todos de nus femininos, em traços finos e delicados, foram feitos especialmente para a edição, que con-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980 -

tem alguns dos mais belos poemas de Drummond, até agora ainda não incluídos em sua obra completa.

O planejamento editorial e direção gráfica são de Salvador Monteiro e Leonel Kaz, a impressão tipográfica de João Duarte e Dose Medeiros, a impressão serigráfica da capa de Arcindo Madeira e a execução da caixa de Mauro Bellintani. Os trabalhos gráficos ficaram a cargo da Gráfica Olímpica Editora Ltda, e, a impressão, da tipografia de Luís Franco, no Rio de Janeiro. A tiragem foi de 423 exemplares, assinados pelos autores.

Poemas da negra, de Mario de Andrade, com serigrafias de Di Cavalcanti especialmente feitas para a edição, foi o 4º livro da Alumbramento, lançado em 1976. Apresenta-se em folhas soltas, com B pranchas em serigrafia, dentro de uma capa solta de tamanho grande, acondicionada em estojo revestido de tecido preto. A tiragem foi de 473 exemplares. Os "Poemas da negra" foram escritos em 1929 e incluídos no livro Remate de males, lançado um ano depois.

Depois de Poemas da negra, veio Formas/espço, com gravuras em metal de Anna Letyia, litografia de Renina Katz, serigrafias de Fayga Ostrower, xilogravura de Maria Bonomi e poemas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Jorge Guillen, José Paulo Moreira da Fonseca e Ricardo Reis (Fernando Pessoa). Os trabalhos e os poemas podem ser pendurados na parede, como quadros, na própria caixa que os contem. Os textos foram ilustrados por 4 gravadoras. Gastão de Holanda e Cecília Jucá, já haviam lançado, em 1973, um bonito livro de arte ilustrado por 8 mulheres, gravadora, Escritura, que veremos mais adiante.

Em seguida, a Alumbramento publicou um livro-objeto de Frans Krajcberg, constituído de 80 esculturas, cada uma um livro, duas gravuras em relevo e texto de Antônio Houaiss.

O 7º livro lançado por Salvador Monteiro e Leonel Kaz, em 1976, foi Amor, canto segundo, poemas de Augusto Frederico Schmidt, Casiano Ricardo, João Cabral de Melo Neto, Dante Milano, Jorge de Lima, Lêdo Ivo, Mário Quintana, Murilo Mendes, Paulo Mendes Campos e Péricles

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Eugênio da Silva Ramos com desenhos de Augusto Rodrigues.

O livro é apresentado em cadernos soltos envoltos por uma capa solta constituída de dois cartões encapados com papel Ingres Cover Fabriano ocre e forrados internamente com papel Ingres Fabriano marrom. A capa, com os cadernos, é acondicionada dentro de uma caixa de tamanho médio, que se abre como um livro, revestida com papel pardo que deixa à mostra uma faixa do tecido vermelho que recobre a lombada. A tampa da caixa, além do título, traz o desenho de um pássaro impresso em sulco seco. A capa solta traz o título impresso em vermelho, os nomes dos poetas, do desenhista e da editora, sendo o lado direito ocupado por um desenho de perfil de mulher, acompanhado de ligeiros traços de paisagem que se prolongam pela lombada até a metade da 4ª capa, que contém, também, o desenho de um pássaro, o mesmo da caixa, que se repete no verso da 1ª folha branca e no verso da falsa folha de rosto. A folha de rosto é igual a capa, com o desenho da paisagem de prolongando para a página anterior, onde está o pássaro.

Os poemas são compostos com tipos de caixa Garamond de 3mm, com a inicial maior (9mm), impressa em vermelho, e são precedidos, cada um, por uma folha de título, com o nome do poeta na face ímpar e o título do poema, impresso em vermelho, na página par. As folhas de texto são de papel Ingres Fabriano creme claro. O 2º, o 4º e o 6º cadernos contêm uma folha comprida, em papel Ingres Fabriano ocre amarelado, dobrada em sanfona, formando 4 folhas com desenhos, colocada entre as folhas de texto.

Os desenhos, de nus femininos, a traços finos e delicados, foram feitos especialmente para a edição por Augusto Rodrigues. O planejamento editorial e a direção gráfica foram de Salvador Monteiro e Leonel Kaz; a impressão tipográfica do texto e ilustrações foram feitas por João Duarte, Eduardo Generoso Gomes e Alfredo Vieira e a impressão serigrafica da capa por Arcindo Madeira; a caixa foi executada por Mauro Bellintani. O livro foi impresso na Gráfica Luís Franco, em Bonsucesso, Rio de Janeiro.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A tiragem foi de 488 exemplares, sendo os 100 primeiros acompanhados de uma litografia assinada pelo artista, impressa por Antonio Grosso, em papel Rives B.F.K., 350 numerados de 101 a 450, 23 de A a Z, fora do comércio, e 15 de I a XV, destinados aos artistas.

Nos meses de junho e julho de 1978, a Galeria Saramenha, na Gávea, Rio de Janeiro, realizou uma exposição retrospectiva dos dez anos de atividades das Edições Alumbramento e, na ocasião, foi lançado sua 8ª publicação, A Morte e a morte de Quincas Berro d'Água, de Jorge Amado, com vinhetas e serigrafias de Carybe. O livro constitui-se de cadernos soltos com texto acompanhado de desenhos e vinhetas em preto e branco, dentro de uma caixa. A Mancha tipográfica do colofão, em homenagem a Quincas Berro d'Água, tem a forma de uma garrafa.

O planejamento editorial e a direção gráfica foi de Salvador Monteiro e Leonel Kaz. Os desenhos foram feitos especialmente para a edição por Carybe. O texto foi composto em tipos negrito Times New Roman, fundidos especialmente por Settimio Capella. A impressão tipográfica do texto e relevos foi feita por João Duarte, Dose Medeiros e Adelfermo de Pádua, em papel Raffaello Fabriano; a impressão serigráfica da capa, frontispício e desenhos, por Arcindo Madeira, Dosé Medeiros e Ilson Estorque, em papel Castelo Fabriano. A caixa foi executada por Mauro Bellintani. No final do colofão, aparece o nome: Edições Alumbramento Livroarte Editora Ltda.

A tiragem foi de 773 exemplares, sendo 700 destinados ao comércio, 23 (de A a Z) e 50 (de I a L) destinados ao escritor, ao desenhista e a editora. Integram a edição, fora do texto, em envelope a parte, duas pranchas grandes em serigrafia, em 4 cores, que reproduzem o 4º e o 5º desenhos inseridos no livro.

Carlos Drummond e Andrade, em artigo publicado no Jornal do Brasil logo após o lançamento do livro, escreveu: "Ninguém melhor do que o baiano-de-alma Carybe para iluminar em desenho o texto saboroso de Jorge Amado. A Alumbramento juntou os dois e fez do livro uma festa pairando sobre a morte, com a dignidade de obra de arte."<sup>87</sup>

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

Em entrevista a Graça Neiva, publicada em Arte hoje de agosto do mesmo ano, disse Carybé: "Dos ilustradores das obras de Jorge Amado, sou possivelmente o que mais convive com ele. Me identifico plenamente com suas personagens porque somos do mesmo caldo, caldo da Bahia. Sempre tive emoção especial em relação ao Quincas e, apesar de conhecer bem o texto, reli-o com cuidado especial, escolhendo as cenas que permitiriam melhor trabalho gráfico."

Perguntado se o fato de Quincas Berro d'Água já ter sido ilustrado por outros artistas lhe exigiu mais criatividade, e se ele temia a comparação, respondeu Carybé: "Para falar a verdade, nem pensei nisso. Conheço a edição ilustrada por Di Cavalcanti, publicada pelos Cem Bibliófilos, e outra edição de luxo ilustrada por Floriano Teixeira. Mas desenvolvi meu trabalho sem pensar nelas, sem sequer mostrar os esboços ao próprio Jorge."

As publicações da Alumbramento foram consideradas pelos críticos um dos mais importantes trabalhos gráficos realizados no Brasil nos últimos anos, e a mostra, a convite do Departamento Cultural do Itamaraty, percorreu vários países da América Latina. Foram expostos todos os trabalhos da Alumbramento, com os originais dos desenhos, as chapas das gravuras, os clichês, os tipos, as caixas de tipos.

Carlos Drummond de Andrade, no artigo citado acima, escreveu, a respeito das Edições Alumbramento e da exposição de seu 10º aniversário: "Alumbramento. (...) Editora de livros de pequena tiragem e extremo apuro gráfico, existente há 10 anos no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de dois loucos mansos, Salvador Monteiro e Leonel Kaz, que remando contra a maré cultivam e incentivam a sensualidade e a espiritualidade da "arte de imprimissão" tal como se praticava há séculos, na melhor tradição de ofício."

"As vezes — diz mais Drummond — não há como a doidice para produzir as jóias da razão sensível."<sup>89</sup>

A 9ª publicação da Alumbramento, saída em 1979, foi Alumbramentos, de Manuel Bandeira, com desenhos de Carlos Leão, Aldemir Martins, Darei Valença, Enrico Bianco e Marcelo Grasmann. Os 43 poemas e

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

os desenhos são impressos em cadernos solta de cartão encapado com papel branco forte, muito bonito, e forrado internamente com papel vermelho. A capa com os cadernos estão acondicionados em uma caixa grande, que se abre como um livro, revestida de papel vermelho, com a lombada em tecido creme. A caixa traz os dizeres na lombada e a assinatura do autor impressa na frente. A capa solta contém os dizeres da folha de rosto impressos em marrom, com o título em vermelho, e um desenho de nu feminino, de Carlos Leão, impresso em relevo seco, e dizeres na lombada. O livro é composto em tipos de caixa Garamond e o papel é Fabriano, de cor ocre para o texto e creme claro para as ilustrações.

Cada poema ocupa uma página (ímpar), em tipos de 4mm, com o título impresso em vermelho no alto da página par que lhe faz frente. O mesmo desenho da capa, em ponto maior, se repete na falsa folha de rosto e em uma folha em branco, depois da folha de rosto, ficando o sulco na face ímpar e o relevo na face par. Há 4 desenhos de página inteira ocupando a frente da 1ª folha do 2º, do 4º do 6º e do 7º cadernos de cor ocre e mais 2 folhas grandes, de cor creme claro, dobradas em dois duas vezes, contendo, cada uma, 4 desenhos, é inseridas no 3º e no 6º cadernos. A caixa contém, no final, um envelope colado contendo um disco com a gravação dos poemas "Água-forte", "Arte de amar" e "Evocação do Recife", na voz do autor.

O planejamento editorial e direção gráfica foram de Salvador Monteiro e Leonel Kaz; a composição e impressão tipográfica do texto e ilustrações, de Raimundo Pasqual, Aelcio "Pé" dos Santos, Roberval Pessanha e Arnaldo dos Santos; a impressão serigráfica das ilustrações fora do texto, de Arcindo Madeira, Dose Medeiros e Wilson Estorque. A composição e a impressão foram feitas nas oficinas de Deonysio e Guilherme Weysz; as caixas, executadas por Mauro Bellintani. A fotografia em sépia de Manuel Bandeira, colocada em passe-partout antes da falsa folha de rosto, foi cedido pelo Arquivo-Museu de Literatura em tiragem fotográfica por câmara Três. O disco foi especialmente prensado por Polygram.

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

A tiragem foi de 543 exemplares, sendo 100 acompanhados de duas gravuras em metal estampadas por Solange Araújo e Roberto Grassmann e duas litografias estampadas por Antonio Grosso e Elsio Motta, 400 numerados de 101 a 500, 23 de A a Z e 20 de I a XX, fora do comércio.

Em 1980, a Alumbramento publicou seu 10º livro, lançado no dia 4 de outubro, na Livraria Leonardo da Vinci, no Rio de Janeiro — A Paixão medida, de Carlos Drummond de Andrade, com desenhos e Emeric Marcier. O livro apresenta-se em cadernos soltos, em papel Ingres Fabriano, envoltos por uma capa solta constituída de dois cartões encapados com papel cinza escuro, forte, bem granulado, muito bonito, e forrados internamente com papel creme. A capa traz os dizeres da folha de rosto impressos em preto e em vermelho-tijolo, com o desenho pequeno de um rosto, impresso em marrom escuro, e, na lombada, o título em vermelho e o nome do autor em preto. É guardada dentro de uma caixa grande que se abre como um livro, revestida de papel creme, o mesmo do forro interno da capa, com o título impresso em marrom, e com a lombada em tecido marrom, com o nome do autor e o título impressos em marrom escuro.

O livro é composto em tipos de caixa de Garamond. A folha de rosto é igual a capa. Os 28 poemas, inéditos, não datados, iniciam-se em página ímpar, a maioria ocupando apenas uma página, compostos em tipos de 4mm, com as iniciais inscritas dentro de vinhetas de 26x26mm, extraídas de gravuras dos séculos XV e XVI, impressas em vermelho. O título de cada poema é impresso em vermelho no alto da página par que lhe faz frente. Há 12 desenhos em traços fortes, impressos em marrom, 10 deles ocupando a página toda, com o título do poema que ilustra impresso no verso; o 1º desenho, logo após a folha de rosto, traz o verso em branco; o último ilustra a página do colofão.

O planejamento editorial e a direção gráfica foram de Salvador Monteiro e Leonel Kaz; a composição e impressão tipográfica, de Raimundo Pasqual, Luiz vieira, Alborino dos Santos e Roberval Pessanha.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A impressão foi feita na Gráfica Danúbio, no Rio de Janeiro. A caixa foi executada por Mauro Bellintani. A tiragem foi de 643 exemplares, numerados de 1 a 600, de A a Z e de I a XX, assinados pelos autores.

Um livro original de Gastão de Holanda e Cecília Jucá, Rio de Janeiro

Escritura, edição lançada em 1973 por Gastão de Holanda e Cecília Juca, é um livro original sob vários aspectos, tais como a arquitetura e concepção do livro, a mensagem literária e plástica, e as técnicas utilizadas na ilustração que, além de originais, são diversificadas. É um livro-objeto lúdico, cujo texto, "hieroglífico", e uma espécie de charada. Compõe-se, além das páginas pré e pos-textuais, de oito cadernos soltos, independentes, com texto e ilustrações que apresentam surpresas e admitem diversas formas de leitura que levam ao raciocínio ou ao simples devaneio.

Nele, oito artistas gravadoras ilustraram oito pequenos textos: Anna Bella Geiger (Euclides da Cunha), Anna Letycia (Aníbal Machado), Cecília Jucá (Vassily Kandinsky), Maria Luiza Leão (Gastão de Holanda), Marília Rodrigues (Octávio Paz), Renina Katz (Victor Vasarely), Thereza Miranda (Manuel Bandeira) e Vera Bocayuva Mindlin (Carlos Drummond de Andrade).

Os cadernos, em papel Ingres Fabriano, são envoltos por uma capa de cartão encapado com papel pardo e revestido internamente com papel cinza, acondicionada em um estojo grande, revestido de papel vermelho, que deixa a mostra a sua lombada com o título. Na capa estão impressos o título, os nomes das artistas ilustradores e o nome do editor, e, na 4ª capa, e reproduzido um caligrama árabe do século XIX.

Os cadernos, permutáveis, serão aqui descritos por ordem alfabética dos nomes das ilustradoras.

O 1º caderno compõe-se apenas de meia folha de papel pardo escuro cobrada em dois, em branco.

O 2º caderno constitui-se de uma folha grande, cinza, dobrada em quatro, impressa apenas de um lado: a primeira página traz apenas o título impresso no alto; as duas páginas centrais trazem a folha de

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

rosto com os nomes dos autores dos textos na pagina da esquerda e os nomes das ilustradoras na página da direita, e, no centro, por cima da dobra, o mesmo caligrama árabe da 4ª capa, em ponto maior; a 4ª página (verso) traz os nomes dos coordenadores da edição e dos tradutores dos textos, endereço para correspondência e dados sobre o desenho reproduzido na folha de rosto (texto em português,- inglês e francês).

O 3º caderno, formado por duas meia-folhas de papel vermelho dobradas em dois (8 páginas), trazem o texto introdutório de Gastão de Holanda, em português, inglês e francês.

O 4º caderno, o 1º de texto propriamente dito com ilustração, compõe-se de 2 meia-folhas de papel ocre, dobradas ao meio, com texto de Euclides da Cunha, contendo uma folha grande de papel cinza claro e uma folha grande de papel ocre, dobradas, ambas com gravuras em metal, a cores, de Anna Bella Geiger acompanhadas de trechos do texto.

O 5º caderno, todo em papel ocre, compõe-se de 2 meia-folhas dobradas ao meio, com texto de Aníbal Machado, contendo uma folha grande dobrada em 4 e outro caderno de 4 folhas, ambos contendo serigrafias a cores de Ana Letícia com trechos do texto.

O 6º caderno, todo em papel branco, constitui-se de 2 meia-folhas dobradas ao meio, com texto de Vassily Kandinsky e composições tipográficas, contendo uma folha grande dobrada em quatro e 2 meia-folhas dobradas ao meio, com trechos do texto e composições tipográficas de Cecília Jucá.

O 7º caderno é composto de 4 meia-folhas de papel cinza-claro e 2 meia-folhas de papel vermelho, dobradas ao meio, contendo texto de Gastão de Holanda e serigrafias a cores de Maria Luiza Leão acompanhadas de trechos do texto.

O 8º caderno, todo em papel branco, compõe-se de 2 meia-folhas dobradas ao meio, com texto de Octávio Paz, contendo uma folha grande dobrada em quatro com o mesmo texto em nova estrutura gráfica e que contem, por sua vez, uma folha grande dobrada varias vezes (um jogo de quebra-cabeça para ser dobrado novamente), contendo uma xilogravura em preto e branco de Marília Rodrigues.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

O 9º caderno compõe-se de 2 meia-folhas brancas dobradas ao meio, com texto de Victor Vazarely e 3 meia-folhas dobradas (cinza-médio, cinza-escuro e cinza-claro) com serigrafias a cores de Renina Katz, acompanhadas de trechos do texto estruturados de maneira diferente.

O 10º caderno é formado por 2 meia-folhas de papel pardo dobradas ao meio, com texto de Manuel Bandeira, contendo 2 folhas grandes dobradas (uma marrom e uma parda) com gravuras em metal a cores e relevos secos de Thereza Miranda, acompanhadas de jogos tipográficos com trechos do texto,

O 11º caderno constitui-se de 2 meia-folhas de papel vermelho dobradas em dois, com texto de Carlos Drummond de Andrade, contendo 2 folhas grandes dobradas (uma azul e uma ocre) com xilogravuras a cores de Vera Bocaiuva Mindlin fazendo fundo a impressão de palavras do texto, em tipos grandes.

O 12º caderno compõe-se apenas de uma meia-folha de papel ocre dobrada ao meio, com o colofão na 1ª página.

As folhas externas de cada caderno de texto e ilustração contêm, na lâ página ímpar, os nomes dos autores do texto e da imagem, na 2ª página ímpar o texto em português e, na penúltima página ímpar, os textos em inglês e francês, seguidos do número de ordem da gravura, que é o mesmo do livro, e a assinatura do artista, a lápis.

A capa, as páginas iniciais e finais e o texto são compostos em tipos Romano Antigo e Bastão. O colofão, no final, está autenticado com o número de ordem e as assinaturas dos criadores do projeto gráfico, Gastão de Holanda e Cecília Jucá.

A coordenação foi de Gastão de Holanda, Cecília Jucá e Lúcia Olinto. A tradução para o inglês e para o francês foi de John e France Knox. As gravuras foram impressas em prelos manuais por Denoir Machado e Sergio dos Santos. A composição em letraset e fotocomposição foram feitas pela Quimigráfica Mayer Ltda; a impressão (offset) dos textos e fotolitos, por Graphos Industrial Grafico Ltda; as serigrafias, pelo atelier de Lucho Covarrubias; a encadernação, pelo ateliê de Gabriel

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Marti Lafontana, São Paulo.

A tiragem foi de 225 exemplares, sendo 15 (de I a XV) para os artistas e gráficos e 10 (de A a 3) para doações.

A concepção e a arquitetura do livro são muito bem explicadas e comentadas por Gastão de Holanda no texto introdutório:

Cecília Jucá e eu (os tipógrafos) concebemos a estrutura geral deste livro, desta Escritura, que agora apresentamos ao público. O livro está dividido em oito cadernos independentes. Obedeceu a um processo de criação peculiar, hábito de toda obra gráfica, toda arte de reprodução. Selecionado o texto/pretexto, submetemos cada um ao seu gravador que, por sua vez, concebeu uma imagem especial, como que refletida psicologicamente por esse texto. Cada layout ilustrativo nos foi devolvido para a execução da parte tipográfica em torno da imagem, interagindo com ela. A . esta altura, o trabalho dos tipógrafos se transformava num exercício lúdico, de particular fascínio a serviço da gravura. Nascia uma espécie de pictograma. O conjunto - gravura e letra - estudado pelos tipógrafos e pelo gravador do caderno, representava agora um resultado de interesse estético comum: uma secção sobre a qual estava estampada, em escritura pessoal, uma caligrafia inconfundível.

Neste livro não há ilustrações ao pé da letra: há recriações, ha reflexos, ha concepções paralelas a determinadas ideias sugeridas pelos textos, em que poesia, prosa e ensaio estético se confundem na base de uma intuição comum.

Escritura se apresenta, assim, como síntese de várias artes gráficas, em que palavras e processos plásticos se completam. (...)

É um trabalho de equipe, que mantém uma unidade plástica fácil de ser constatada e que ao mesmo tempo criou uma se-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

mântica especial, resultante da letra e da imagem associadas. Aquela unidade plástica é "aberta" e, como tal, admite a interferência do observador, que pode encarar essa Escritura como um objeto múltiplo e lúdico. Seu texto "hieroglífico": uma espécie de charada. Os cadernos/cores são permutáveis: a sua ordem e um simples "estado de dicionário" que pode ser modificado pelo dono do livro; e as páginas podem ser compulsadas de modo a dar lugar a outras palavras/imagens.

Assim, cada caderno é fruído de várias maneiras, admitindo diversas formas de "leitura", em que gravura e palavra perdem suas fronteiras, sensibilizando um território inexplorado, onde se encontram, a nosso ver, surpresa, raciocínio, puro devaneio ou um punhado de meditações visíveis. Neste livro ha contextos também, que se multiplicam no universo especial de cada um de nós, cujas fronteiras se confinam com os reflexos e as vibrações do mundo sensível. Este livro pode ser desmontado e pendurado como quadros na parede. Às vezes Escritura se torna também didático, pelos estímulos criados em suas páginas, estímulos traduzidos pelas excepcionais gravuras originais e manchas tipográficas - os materiais "sonoros" - e os espaços silenciosos que encontramos circulantes no papel. (...)

Editora Fontana, Rio de Janeiro - Livros de arte com texto literário

A Editora Fontana (Rua Visconde de Pirajá, 430, s.503, Ipanema) publicou, entre outros livros, uma bela edição de 21 desenhos de Portinari inspirados no D.Quixote e acompanhados de 21 glosas de Carlos Drummond de Andrade (1973); uma edição de O Rio, de João Cabral de Melo Neto, com belas serigrafias de Fayga Ostrower, de iniciativa de José Mindlin (1974); uma Microantologia de Jorge Wanderley, com fotografias de Giodana Borges de Holanda e Griselda Klüppel e direção artística de Gastão de Holanda e Cecília Jucá (1974); e

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

O Falso mendigo, de Vinícius de Moraes, com xilogravuras de Luiz Ventura, com projeto gráfico de Gastão de Holanda e Robson Achiamé.

Os desenhos de Portinari para o D. Quixote foram executados a partir de 1956 quando, ameaçado de uma intoxicação por causa da tinta a óleo, o artista procurou no lápis cera uma nova técnica de expressão. Em vida, Portinari não se separou de seus desenhos a lápis cera. Depois de sua morte, seu filho, João Cândido, vendeu a serie D. Quixote a Raymundo de Castro Maya. Os desenhos foram exibidos pela primeira vez ao público por ocasião da inauguração do Museu da Fundação Castro Maya, a 22 de março de 1972. O texto de Cervantes que inspiraram os desenhos foram pesquisados e selecionados por Lúcia Olinto e, a partir deles. Carlos Drummond de Andrade escreveu as 21 glosas que acompanham os 21 desenhos.

O texto e os desenhos são reproduzidos em folhas soltas, envolvidas por uma capa solta forte, revestida de papel pardo, acondicionada em um estojo bem grande, forte, revestido do mesmo papel pardo, que deixa a mostra a lombada da capa, com dizeres. O livro é composto em tipos Romano Antigo. A capa traz o título e um florão, impressos em marrom avermelhado, e o nome dos autores - Cervantes, Portinari, Drummond -, em verde. A folha de rosto contém reprodução em preto e branco de um desenho de Portinari - D. Quixote e Sancho Pança em seus cavalos. Cada glosa, em tipos de 4mm, é composta no ato de uma folha, variando o branco inferior conforme o número de versos, e ficando o verso da folha em branco. No final, há uma tábua de concordância entre os números das páginas dos desenhos e os pequenos textos de Cervantes que os inspiraram. Depois, há um sumário com os títulos das glosas.

Os fotolitos e a fotocomposição dos poemas foram confeccionados pela Quimigrafica Indústria e Comércio; a capa e o estojo foram confeccionados por Brindes e Encadernações Ltda, Rio de Janeiro. Em abril de 1978 foi feita uma 4ª edição do livro, impressa nas oficinas das Indústrias de Artes Gráficas Atlan Ltda, Rio de Janeiro, em tiragem de 1.000 exemplares, numerados, dos quais 50 especiais têm a assinatura de Carlos Drummond de Andrade.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A iniciativa da edição de O Rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente a cidade do Recife, de João Cabral de Melo Neto, com serigrafias de Fayga Ostrower, foi de José Mindlin, que também escolheu o papel, o ilustrador e deu importantes sugestões sobre a imposição, a encadernação e a composição em tipos da família Bodoni, os preferidos de João Cabral de Melo Neto quando, em Barcelona, imprimia seus livros em prensa manual.

Os 18 cadernos soltos de 2 folhas que constituem o livro, em papel Fabriano branco, e mais 2 cadernos em papel cinza, um no início e outro no final, são envoltos por uma capa solta encapada com papel pardo escuro, forrada internamente com papel vermelho, com o título impresso em preto na frente e na lombada. Essa capa é envolta por uma outra capa solta, forte, coberta com tecido grosso, pardo, acondicionada em um estojo forte, bem grande, do mesmo material, que deixa à mostra sua lombada. Na folha de rosto, a primeira parte do título - O RIO - está impresso em relevo seco e o resto da página em verde claro. Os poemas são compostos em tipos bem grades (9mm); as margens externas, amplas, contêm, em itálico, impressos em verde, os títulos que acompanham o poema do começo ao fim. As serigrafias apresentam formas geométricas bem coloridas. As formas da 1ª serigrafia, por exemplo, lembram um rio azul claro, em forma de raio, correndo, em sentido vertical, entre um amplo marrom e formas geométricas pequenas, nas cores alaranjado, amarelo em duas tonalidades, verde musgo em três tonalidades, dois tons de ocre e vermelho.

As serigrafias foram executadas pelo ateliê de Dionísio Del Santo; a fotocomposição, pela Quimigrafica Mayer Ltda; a impressão, pelas oficinas de Graphos Industrial Gráfica Ltda; a encadernação, pelo ateliê de Gabriel Marti Lafontana, sob a orientação de Guita Mindlin. A tiragem foi de 100 exemplares numerados e assinados pelo autor, acompanhados de 4 serigrafias a cores, fora do texto, numeradas e assinadas por Fayga Ostrower.

O Rio foi publicado pela primeira vez em 1954, ano em que ganhou o Prêmio Dose de Anchieta, da Comissão IV Centenário de São Paulo.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A Microantologia de Jorge Wanderley, seleção de 3 poemas do livro Adiamentos, inaugurou a Coleção Chafariz da Editora Fontana. Compõe-se de 8 cadernos soltos de 2 folhas, dentro de um álbum em forma de envelope, de tamanho médio, em 3 folhas, aberto no topo e na base; a 1ª folha (frente do álbum) contém os dizeres impressos sobre uma fotografia de postes e fios elétricos; a 3ª folha (que fica em baixo da 1ª) é ocupada por uma fotografia de uma árvore com galhos secos; a folha do meio contém, na face interna, uma fotografia de ferros velhos e, na face externa, o nome da editora. Cada poema, composto em tipos Bastão grande (5mm), e impresso na parte superior de uma página ímpar, encostado à dobre da folha. Das 9 fotografias, algumas ocupam página inteira, sangrando até às linhas de corte, e outras ocupam duas páginas, deixando margens. A impressão foi de Graphos, em tiragem de 500 exemplares, numerados e assinados pelo poeta.

O Falso mendigo, coletânea de poemas de Viniciús de Moraes, e apresentada em cadernos soltos de 2 folhas envoltos por uma capa solta forrada de brim caqui, acondicionada em estojo de tamanho médio. Além de vinhetas integradas nos poemas, cada caderno contém uma xilogravura em folha solta, assinada por Luiz Ventura. Os poemas foram selecionados por Marilda Pedroso. A composição foi feita na Compositora Helvética Ltda, em Times Roman, e a impressão, em papel filtrante de fabricação nacional, em máquina Minerva da Editora Gráfica Luna Ltda. Os estojos foram executados por Brindes e Encadernações Lucro Ltda, no Rio de Janeiro. A tiragem foi de 200 exemplares e mais 10 provas de artista (de A a J), todos assinados no colofão pelo poeta.

Três livros de arte com texto de poetas brasileiros

Joaquim Cardoso, Vinicus de Moraes e João Cabral de Melo Neto, respectivamente ilustrados por Fayga Ostrower, Carlos Leão e Reynaldo Fonseca, aparecem novamente em livros de arte publicados no Rio de Janeiro.

Os Anjos e os demônios de Deus: pastoril em 12 jornadas, de Joaquim Cardozo, ilustrado com 8 serigrafias a cores de Fayga

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Ostrower, um belo livro de arte, foi publicado pela Diagraphis, em 1973, v. 2 da Coleção de Artes, dirigida por Gastão de Holanda, Luiz Fernando de Noronha e Silva e Sílvia Granvill, com a assistência gráfica de Cecília Jucá.

As 8 serigrafias, em folhas soltas, se encontram no meio de alguns dos 14 cadernos soltos envoltos por uma capa em papel grosso, azul-ferrete, que, por sua vez, está acondicionada em uma caixa grande que se abre como um livro, revestida de linho grosso de cor creme, forrada internamente com tecido camurçado vermelho e amarrada com 2 pares de fitinhas de camurça vermelha. A caixa traz o título impresso no canto inferior direito, sobre o fundo creme. A capa, sobre o azul-ferrete, traz o título impresso em preto, em coluna a direita, com a indicação da autoria do texto e das ilustrações em vermelho, em tipos menores, em linhas intercaladas as linhas do título, inovação que deu um bom resultado, não dificultando a leitura e, sim, conferindo beleza à página. Há 2 cadernos de 2 folhas, em papel Ingres Cover Fabriano pardo, um no início e outro no final do volume, levemente colados a margem interna das faces internas da capa.

A folha de rosto é muito criativa. Na metade esquerda, estão impressos o título e indicação do tipo de ilustração (8 serigrafias) e, na metade direita, respectivamente, o nome do autor, o nome da ilustradora e, em baixo, o nome da editora; a metade esquerda de uma outra folha, faltando a metade direita, cobre a metade esquerda da folha de rosto e traz impressos, no lugar do título, o sub-título (Pastoril em 12 jornadas), a esquerda do nome do autor, e, à esquerda do nome da ilustradora, a palavra Ilustração.

As jornadas, cada uma precedida de uma folha de título, são compostas em tipos de 3mm. Todo o livro foi composto em tipos lineais linivers, composição a frio IBM e impressão em off-set. Foi utilizado papel nacional Westerpost para as serigrafias, papel linha d'água para o texto, papel Fabriano para a capa serigráfica e papel Ingres para as guardas.

As serigrafias foram executadas pelo ateliê de Lucho

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Covarrubias e a encadernação pelo ateliê de Maria Salas. A composição e a impressão foram feitas pela Graphos Industrial Gráfico Ltda, a composição dos títulos pela Quimigráfica Mayer Ltda e a revisão do texto por Fred Perrotti. A tiragem foi de 200 exemplares, sendo 25 numerados de I a XXV e 175 numerados de 26 a 200, todos assinados pelo poeta e acompanhados de uma suite de 8 serigrafias numeradas, tituladas e assinadas a lápis por Fayga Ostrower.

De Vinícius de Moraes, a Lithos Edições de Arte publicou, em 1977, 15 sonetos com o título O Breve momento, com 15 desenhos de Carlos Leão, em belíssima apresentação. A folha de rosto, os 15 desenhos e o colofão são impressos em folhas soltas de papel Murillo Fabriano branco tendendo para o creme. Cada uma das folhas com desenho é envolta por um caderno de duas folhas de papel Kraft contendo, a face ímpar da 1ª folha, um detalhe do desenho da folha solta, impresso em cinza-azulado-escuro no canto inferior direito; na face par da 18ª folha, de frente com o desenho da folha solta, este impresso o soneto, em cinza-azulado, do lado direito da página, estando o título impresso do lado esquerdo, alinhando com o 1º verso. A 2ª folha do caderno de papel Kraft fica em branco. As folhas soltas e cadernos estão envoltos por uma capa simples em papel Murillo Fabriano acondicionada em uma caixa grande coberta de plástico opaco cinza-claro, que se abre como um livro. A capa e impressa em tipos Romano Antigo e o texto em tipos Bastão magros.

A edição foi feita sob responsabilidade técnica de Genaro, Guilherme e Gláucia Rodrigues. A diagramação foi de Brigitte Brun e a encadernação de Mauro Bellintani. A tiragem foi de 550 exemplares, numerados de 1 a 500 e de 1 a 50 H.C., todos assinados pelos autores.

Roberto Pontual, no artigo "Na seqüência das edições", publicado no Jornal do Brasil (22 jan. 1980, Cad. B, p.9), deu notícia de um livro publicado pela Spala Editora, em 1979, intitulado Pintura e poesia brasileira, com poemas de João Cabral de Melo Neto e desenhos e pinturas de Reynaldo Fonseca:

## OS ANOS SETENTA – O ANO DE 1980

Contém uma breve intervenção poética de José Paulo Moreira da Fonseca sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto e uma introdução, seguida de entrevista com Reynaldo Fonseca, a cargo de Geraldo Edson de Andrade. O propósito da edição não foi o de que o pintor e o poeta se ilustrassem mutuamente, mas permitir a presença simultânea de duas formas diversas de expressão originárias de uma mesma fonte geográfica: o Nordeste dos pernambucanos Reynaldo e João Cabral, próximos também em termos de geração (o primeiro nascido em 1925, o segundo em 1920). E a idéia até que funciona no livro, embora a qualidade das reproduções a cores deixe muito a desejar. Por isto, são os desenhos a nanquim, feitos em 1978, com Reynaldo de volta a Recife, e concentrados no tema infância, que chegam a obter um maior rendimento gráfico.

## Fac-símile de uma edição dos Cem Bibliófilos do Brasil

Em 1979, a Editora Rocco, do Rio de Janeiro, lançou, com base da edição de 1943 da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, uma reedição facsimilar de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, com as ilustrações de Portinari. A edição difere da original por ser encadernada e ter sido impressa em off-set, conservando, porém, a maior fidelidade possível na reprodução das gravuras de Portinari. A edição foi limitada a 1.000 exemplares que a Rede Globo comprou para brinde de seu 15º aniversário. De posse dos fotolitos, a editora procurou partir para uma edição maior, a baixo preço de venda, que atinja as bibliotecas e um público mais amplo, e o mesmo pretende fazer com outros livros dos Cem Bibliófilos do Brasil.

## Outros livros de arte com texto literário, no Rio de Janeiro

A Philobliblion, em nova fase, reeditou uma série de livros de literatura estrangeira, entre os quais, em 1977, Cartas de Abelardo e Heloísa, com desenhos de Augusto Rodrigues, Noa-Noa; viagem

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

ao Taiti, com texto e ilustrações de Paul Gauguin, em tradução de Eduardo F. Alues, e Salomé, de Oscar Wilde, com ilustrações de Aubrey Beardsley, em tradução de João do Rio; em 1978, publicou Aventuras do Barão de Muchhausen, ilustrado por Gustave Doré, traduzido por Moacir Werneck de Castro. São livros de boa apresentação, mas não tem a qualidade superior de outros livros de arte publicados no Brasil.

A Salamandra, em 1977, publicou uma tradução de Fábulas e lendas, de Leonardo da Vinci, interpretadas e transcritas por Bruno Nardini, ilustradas por Adriana Saviozzi Mazza, publicadas em Firenze, em 1972. A tradução para o português foi feita por Uera Maria Teixeira Soares e Mario Palmerio. As ilustrações são muito bonitas e o livro é bem impresso, sobre papel acetinado.

Em 1978, a Salamandra, sob o patrocínio do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, publicou O Episódio de Canudos, com textos de Euclides da Cunha ilustrados com pinturas de Grover Chapman, com introdução e seleção de textos por Luís Viana Filho. É um livro bem diagramado (diagramação e capa de Eugenio Hirsch) e bem impresso sobre papel couchê de boa qualidade. Não traz, porém, a justificativa, da tiragem. Na apresentação do livro, Georges Racz explica sua origem:

Grover Chapman, o artista americano de Ashville, ligou-se ao Brasil em 1951, criando raízes, descendência e uma obra singular, impregnada do lirismo místico de um puritano que se encantou com a terra e sua gente. |... Depois de 1976, sua pintura torna-se | quase monocromática, cor de terra, entre âmbar e siena, transparências sobre transparências. (...) Com o estímulo do colecionador Luís Fernando Victor, que comprou 22 dos quadros da série, Chapman pesquisou a história de Canudos. Leu, entrevistou e fez viagens, firmando a convicção do martírio de Antônio Conselheiro em quarenta óleos, uma série de gravuras e inúmeros desenhos. Trabalho sofrido e transfigurado, da cor queimada do agreste. Terminada a fase iconográfica,

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

Chapman lançou-se a preparação deste livro, com trechos escolhidos de Os Sertões de Euclides da Cunha, entremeados de pinturas, cantando a saga trágica e heróica de Canudos.

A Confraria dos Amigos do Livro, no Rio de Janeiro

Na década de 70, a Confraria dos Amigos do Livro, fundada por Carlos Lacerda, publicou uma série de livros de arte, alguns em co-edição com Franco Maria Ricci, editor de arte de Parma, Itália.

Ode marítima, poema de Fernando Pessoa com ilustrações de Otávio Araújo, consta de 52 páginas de texto, em papel Desenho, e 15 ilustrações a cores, em folhas soltas, em caixa cartonada grande. Teve uma tiragem de 3.000 exemplares numerados.

A casa do meu avô, texto de Carlos Lacerda com 29 fotografias, a cores e em preto e branco, de Sebastião Lacerda, contém 208 páginas em papel Westerprint, em volume cartonado grande. Teve uma tiragem de 1.500 exemplares numerados. Sobre o livro, escreveu Josué Montello no artigo "O livro como obra de arte", publicado na revista Manchete (4 dez. 1976, pp.112-113): "(...) A poesia do passado vem ao lume da página numa língua literária que se despojou das arestas naturais da polêmica política, para fruir em termos de reminiscência familiar. As fotografias de Sebastião Lacerda, que ilustram o texto, seriam antes o seu pretexto — com aquela captação da luz e da sombra, no contorno nítido dos objetos, que corresponde, na sua técnica exata, àquele algo mais da obra de arte."

Erté, album de Romain de Tirtoff ("Erté"), com texto de Roland Barthes, seguido de seleção das "Memórias de Erté", contém 80 pranchas a cores e 48 desenhos a nanquim, além de páginas de texto, em papel Fabriano, fabricado a mão na Itália, em volume encadernado em seda, de tamanho grande. A tiragem foi de 1.000 exemplares numerados. Josué Montello, no mesmo artigo citado acima, comentou: "Quanto ao Album de Erté, o leitor brasileiro sentirá certa concordância do grande artista, ali estudado por Barthes, com a arte de um mestre brasileiro: J. Carlos — na figura do traço alongado, na mestria do desenho,

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

no equilíbrio do colorido. Não se pode falar dos anos 30, como imagem plástica, sem conhecer Erte. E ele, no seu traço e no seu colorido, o intérprete de uma época que viu dançar Mata Hari e viu preparar-se a catástrofe da Segunda Guerra Mundial."

Atos dos Apóstolos com as imagens dos Passos da Cruz do Aleijadinho, com texto em latim e em português e fotografias das esculturas do Aleijadinho, tem prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco, introdução de Orlandino Seitas Fernandes e poema de Carlos Drummond de Andrade. Volume 3 da coleção Os Sinais do Homem, é um belo livro da Confraria dos Amigos do Livro, em co-edição com Franco Maria Ricci, de Parma, e com a Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro.

O texto latino dos "Atos dos Apóstolos" e o texto crítico de Oxford dos filólogos I. Wordsworth e H. White e o texto português é o do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, tal como foi publicado no Rio de Janeiro na edição oitocentista do Novo Testamento.

Com projeto gráfico de Franco Maria Ricci e sob sua direção, o livro foi impresso na Itália, na cidade de Parma, com tipos Bodoni sobre papel azul claro muito bonito, especialmente feito a mão no moinho de Pietro Miliani em Fabriano. As reproduções fotográficas coloridas das esculturas do Aleijadinho, muito boas, foram impressas em papel acetinado colado sobre quase todas as páginas pares (45 fotografias grandes) e sobre as páginas da introdução, em formato pequeno (12 fotografias). O volume, encadernado em seda preta e acondicionado em um estojo grande que deixa a mostra a sua lombada, contém 162 páginas. A tiragem foi de 2.000 exemplares numerados.

A Confraria dos Amigos do Livro ainda publicou: A Guerra dos mundos, de H. G. Wells, com desenhos de Alvim Corrêa; Chagall, com texto de André Pieyre de Mandiargues; Recordações da Exposição Nacional de 1861; São Paulo 1900 e Rio 1900, com 38 fotografias de Malta.

Livros de arte com texto informativo e documentário, no Rio de Janeiro

Dentre as divulgações da Biblioteca Nacional, saíram: o Álbum

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

cartográfico do Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX, organizado por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (1971); Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, Lisboa, edição comemorativa do Centenário da reorganização da Biblioteca Nacional (1976); e Plantas fluminenses, de Frei Dose Mariano da Conceição Velloso, com desenhos de Muzzi (1976).

O Álbum cartográfico do Rio de Janeiro contém um caderno de 8 folhas com texto e legendas e 24 pranchas, em papel creme claro, com mapas e plantas impressas em marrom, dentro de um album em forma de envelope, grande, em cartolina branca. Não tem colofão e nem justificção da tiragem. No texto introdutório, a organizadora explica que o objetivo da Biblioteca Nacional, com essa publicação, foi "colocar ao alcance dos interessados uma sequência de mapas antigos, alguns pouco conhecidos, outros raros e mesmo peça única, pretendendo assim facilitar a consulta do material sob a guarda da Seção de Iconografia".

As 50 pranchas reproduzidas no álbum Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, Lisboa, são acompanhadas de 12 folhas soltas com uma notícia histórica de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha e acondicionadas em uma caixa grande, que se abre como um livro, coberta com curvim marrom e forrada internamente com papel gofrado creme claro. O álbum foi composto em tipos Univers, sem serifa, de composição IBM, e caracteres Bodoni, e impresso sobre papel Canson de fabricação nacional. Com projeto gráfico e a supervisão da Editora Fontana, a tiragem das estampas foi feita pela oficina calcográfica do gravador Dose Assumpção de Souza, a impressão pela Gráfica Franco Brasileira Ltda e a confecção dos estojos pela Brindes e Encadernação Lucro Ltda. A tiragem foi de 1.100 exemplares, sendo 100, com 50 estampas originais, carimbados e assinados pela Diretora da Biblioteca Nacional, e 1.000 em reprodução off-set.

O album Plantas fluminenses compõe-se de 15 pranchas com reproduções de aquarelas de Muzzi e 9 folhas soltas com texto "em: uma capa grande de papel linho branco. A introdução, de Darcy Damasceno, trata das atividades de Frei José Mariano da Conceição Velloso, como

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

naturalista e como editor, e do pintor Muzzi, que fez as aquarelas selecionadas para o álbum, que são as 15 da serie Canas. O album contém um quadro com a correspondência entre as estampas, o nome indígena na Flora Fluminensis e a classificação atual. Não traz justificção da tiragem e nem colofao.

O Conselho Federal de Cultura do MEC lançou, em 1971, editado pela Editora Monumento (São Paulo), a Viagem filosófica pelas Capitãncias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: 1783-1792, de Alexandre Rodrigues Ferreira, a maior figura de pesquisador de campo do Brasil Colonial. As pranchas, com reproduções de desenhos e aquarelas de índios, animais, vistas de cidades, edifícios, rios e cachoeiras, etc., acompanhadas de prefacio de Asthur Cezar Ferreira Reis, com introdução de José Cândido de Melo Carvalho, formam 2 volumes envoltos por uma capa solta acondicionada em forte estojo de tamanho grande. O coordenador geral da edição foi José Cândido de Melo Carvalho, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A produção gráfica foi de Romeu Onaga e a diagramação de Paulo Wallerstein.

A Casa do Livro, em comemoração ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972, publicou Viagem pitoresca através do Brasil; Voyage pittoresque dans le Bresil, de João Maurício Rugendas, em edição bi-língüe, na tradução de Sérgio Milliet e com apresentação de Josué Montello. Os direitos sobre o texto traduzido foram cedidos pela Livraria Martins Editora que o publicou em 1940, juntamente com os desenhos, como titulo inicial da Biblioteca Histórica Brasileira. A tradução e acompanhada do texto integral francês e reprodução facsimilar de todas as edições francesas de 1835, publicada por Engelmann & Cie., Paris, em vinte fascículos, num total de 100 pranchas, de grande formato. O livro foi composto e impresso nas oficinas da São Paulo S.A., São Paulo, em tiragem de 1.010 exemplares, sendo 10 fora de comercio.

A Editora Fontana, em 1974, publicou Jean Baptiste Debret: estudos inéditos, com texto de Afonso Arinos de Melo Franco e nota introdutória de Lúcia Olinto, em volume um pouco grande, encadernado

## OS ANOS SETENTA – O ANO DE 1980

em tecido vermelho, com texto em português e em inglês, num total de 91 páginas impressas em tipos Bodoni. O texto em português e intercalado com 19 páginas com reproduções coloridas de 24 aquarelas. Seguem-se reproduções de 4 quadros, em preto e branco. O texto em inglês, traduzido por John Knox, e intercalado com 12 páginas com reproduções a cores de 12 aquarelas. A direção artística da edição foi de Gastão de Holanda e Cecília Jucá, as legendas de Lúcia Olinto, as pesquisas de Neyde Gomes de Oliveira e a revisão de Fred Perrotti. A seleção de cores e fotocomposição foi de Latt-Mayer S.A. Artes Gráficas e a encadernação de Lucro Ltda. Os direitos autorais são da Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya. A tiragem foi de 1.000 exemplares numerados e impressos em papel chambril e 100 exemplares especiais numerados de I a C, impressos em papel Kilmory Text importado..

O Brasil de Thomas Ender: 1817, publicado em 1976 pela Fundação Moreira Salles, foi mais uma das belas edições de viajantes estrangeiros saídas na década. Contém texto de Gilberto Ferrez, prefácio de Francisco de Assis Barbosa e 224 (sendo 73 a cores) reproduções da obra de Thomas Ender no Brasil, totalizando 327 páginas, em volume grande encadernado em pano com sobrecapa a cores, guardado em estojo revestido de tecido. A tiragem foi de 300 exemplares, numerados e assinados pelo autor do texto.

Livros sobre arte, Rio de Janeiro

Nesse período surgiram bonitos livros sobre arte, com boas reproduções, entre eles, no Rio de Janeiro, Gravura, de Darei Valença Lins, Eduardo Sued, Iberê Camargo e Octávio Araújo (Nova Fronteira, 1973), Visão da terra: arte agora, coordenação de Roberto Pontual (Atelier de Arte Edições, 1977), Manque, de Lasar Segall, com textos de Jorge de Lima, Mario de Andrade, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes (Philobliblion, 1977) e Abstração na arte dos índios brasileiros, de Antônio Bento (Spala Editora, 1979).

Gravura, com introdução de Antônio Houaiss, em português e em inglês, reproduz litografias, águas-tintas, águas-fortes e relevos

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

dos quatro gravadores, impressas a cores e em preto-e-branco, fotolitos e off-set, em encadernação manual, sendo os 100 primeiros exemplares numerados e assinados pelos gravadores.

Visão da terra acompanhou a mostra Arte Agora II / Visão da Terra, patrocinada pelo Jornal do Brasil e a Light, e realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de maio a julho de 1977. A brochura, de tamanho médio, com 153 páginas, contém 144 reproduções em preto-e-branco de obras de arte e fotos dos 12 artistas estudados. A diagramação foi de Vera Tormenta, a produção gráfica e a impressão do Atelier de Arte e Edições MG Ltda, Rio de Janeiro. O livro não traz justificativa da tiragem.

Mangue, edição comemorativa do 20º aniversário da morte de Lasar Segall, reproduz o original de 1943, cuja tiragem havia sido de apenas 135 exemplares. Compõe-se de 46 lâminas com reproduções de desenhos, aquarelas, uma litografia e 3 xilogravuras, trabalhos realizados por Lasar Segall em 1924, mais 8 folhas de texto, dentro de um envelope colado na face interna de uma capa solta, grande. O texto foi composto por Lídio Ferreira Júnior Artes Gráficas e Editora Ltda, os fotolitos das ilustrações executados por Fotolitos Bene Ltda, a capa pela Graphis Artes Gráficas Ltda e a impressão pelas Indústrias de Artes Gráficas Atlan Ltda. A tiragem foi de 2.000 exemplares, numerados a lápis.

Abstração na arte dos índios brasileiros compõe-se de um longo estudo de Antônio Bento em que são tratados, por exemplo, a geometria dos índios, brasões e emblemas, pinturas rupestres, máscaras, a plumaria, pinturas corporais, cerâmicas carajás, cores da pintura, etc.

Livros sobre a infância, no Ano Internacional da criança, Rio de Janeiro e São Paulo

No Ano Internacional da Criança, além dos livros dedicados a crianças, saíram, entre outros, três livros sobre a infância, que chamam a atenção pela sua beleza gráfica: Portinari, o menino de Bro-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

dósqui, de Livroarte Editora, Rio de Janeiro, A Imagem da criança na pintura brasileira, da Salamandra, Rio de Janeiro, e Criança brinca, não brinca?: antologia de contos, publicado pela Rhodia S.A., São Paulo.

Portinari: o menino de Brodósqui, edição publicada em benefício do PRONAV - Programa Nacional de Voluntariado da LBA - Legião Brasileira de Assistência, contém reproduções de trabalhos e um texto de Portinari - "Retalhos de minha vida de infância" -, com introdução de João Cândido Portinari, filho do pintor. Os textos são acompanhados de 83 reproduções a cores e em preto-e-branco de pinturas e desenhos, tendo como tema a criança, e 9 reproduções de fotografias de Portinari e seus familiares, impressas sobre papel couchê de ótima qualidade. O volume, de tamanho médio, é encadernado em linho creme e traz, colado sobre o tecido da capa, uma fotografia, em sépia, de Portinari com sua família. O planejamento editorial e a direção gráfica foi de Salvador Monteiro e Leonel Kaz (da Alumbramento), a preparação do texto foi feita por Ronaldo Menegaz, as notas das ilustrações por Christina Scarabotolo G. Pena e a revisão por Vitor Cardoso. A composição foi feita na ZEZ Programação Visual Ltda, com fotolitos da Quimigráfica S.A., a impressão na Gráfica Danúbio S.A. e a encadernação em Brindes Encadernações Lucro. Não traz justificacão da tiragem.

Criança brinca, não brinca? é o título de uma antologia de contos cuja temática versa sobre situações de brincados na vida das crianças. Os contistas são: Dinorath do Valle, Domingos Pellegrini Dr., Edla van Steen, Fausto Cunha, Fernando Sabino, Gilberto Mansur, João Ubaldo Ribeiro, Julieta de Godoy Ladeira, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Ricardo Ramos e Vivina de Assis Viana. Cada conto é precedido por uma folha de título com dados bibliográficos do autor no verso, e é acompanhada de um desenho de página inteira, de Percy Deane, com sombreados a bico de pena, impressos em marrom. A brochura, encapada com papel marrom que envolve também uma folha de guarda marrom, vem acondicionada em um estojo, em cartão marrom, que deixa a mostra a sua lombada. A edição, lançada pela Rhodia S.A., em comemoração do

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

seu 60<sup>o</sup> aniversário e do Ano Internacional da Criança, contém apresentação de Luiz Seráfico, foi organizada por Rogério Ramos, preparada pela Livraria Cultura Editora e impressa na Gráfica Editora Bisordi Ltda, ambas em São Paulo.

Uma co-edição - Rio de Janeiro / São Paulo

A Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., do Rio de Janeiro, e a Editora da Universidade de São Paulo, lançaram, em 1979, uma edição comemorativa do cinquentenário da publicação de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mario de Andrade (1928-1978), intitulada Macunaíma: ilustrações do mundo do herói sem nenhum caráter. O livro foi premiado pela Câmara Brasileira do Livro, como a melhor publicação de arte de 1979. Reproduz as ilustrações a bico-de-pena, feitos por Carybé para o Macunaíma e gravados em água-forte para a edição da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, lançada em 1957.

A introdução, de Carybé, narra a história das ilustração que fez para Macunaíma. O primeiro comentário de Antônio Bento é sobre Macunaíma, e Mário de Andrade. O segundo é sobre Carybé e sua obra, especialmente os desenhos que fez para Macunaíma. Em seguida, Antônio Bento comenta a técnica e o tema de cada uma das ilustrações. O texto foi composto em tipos Romano Antigo e impresso, bem como as ilustrações, de tamanho grande, em marrom café. O volume, e encadernado em percalina vermelha com sobrecapa de papel acetinada, ilustrada, e contém 100 páginas com 43 ilustrações.

A direção editorial foi de José Aderaldo Castelo; a programação visual, capa, diagramação e arte final, da AG Comunicação Visual, Assessoria e Projetos Ltda., foi de Eugen Aluisius Hirsch e Carlos Roberto Studart Monteiro. O livro foi impresso na Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda, Rio de Janeiro. A tiragem não foi declarada.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Edições Invenção: livros originais, São Paulo

As Edições Invenção, de São Paulo, lançaram interessantes e originais edições de poesia concreta, poemas objetos e esculturas montáveis.

Um deles, Caixa preta, publicado em 1975, contém, em dois envelopes colados as faces internas de um album de grande formato, trabalhos de Julio Plaza e Augusto de Campos e um disco de Caetano Veloso. Os trabalhos de Julio Plaza são: uma pasta com esculturas montáveis em cartão Duplex vermelho, uma pasta com cubogramas montáveis em cartão preto, um pequeno caderno grampeado, com signspaces e outro com hexacubos, uma pasta com folhas soltas com "estruturas". Há ainda um cubograma de Julio Plaza e Augusto de Campos, composições tipográficas, caligramas e várias pequenas peças avulsas de Augusto de Campos e um disco de Caetano Veloso, todos com os títulos impressos nas capas dos envelopes. O álbum que contem os envelopes abre-se como um livro e, externamente, parece um livro comum, com os nomes dos autores e o título impressos na lombada. O projeto grafico foi de Julio Plaza. A tiragem foi de 1.000 exemplares.

Outro livro das Edições Invenção, Tatuagens, contém 14 folhas soltas, de papel forte, com poemas concretos, caligramas e grafismos de Edgard Braga. As folhas soltas são envoltas por uma capa solta em papel acetinado de alta gramatura, com fotografia do autor, na frente, e, atrás, fotografia do seu "poema-garrafa" (um papel com um poema, dentro de uma garrafa). As faces internas da capa trazem impressa a fotografia do "poema-espelho" (um poema refletido no espelho). A capa solta esta acondicionada em um album de formato médio, em cartão Duplex branco, em forma de envelope, que funciona como capa e como folha de rosto e folhas pre-textuais. Suas duas dobras externas, que se abrem para o lado, contem o titulo e o nome do autor, e funcionam como capa; abrindo-as, vem-se as duas dobras internas, que se abrem para cima e para baixo, contendo, a inferior, os dados da folha de rosto, da folha de créditos e do colofão; a dobra interna superior contém o sumário. A edição foi organizada por Augusto de Campos, Julio

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Plaza e Regis Bonvicino, com projeto gráfico de Julio Plaza e fotografias de José Luis Garaldi. A impressão foi feita por D. Barbosa & Irmão, em São Paulo. Não contém justificacão da tiragem.

Massao Ohno, editor de poesia em São Paulo

Massao Ohno, o editor paulista de poesia, lançou bonitos livros, a alto nível grafico, como, por exemplo, Florestas, de Dose Nemirovsky (1978), Pastor de temporais, de D. Antônio d'Ávila (1979), A Solidão dos outros, de Vera Brandt (1980) e No tear dos ventos, de Margarida Finkel (1980). Com exceção do volume de contos de Vera Brant, os demais são livro de poesia.

Florestas, contendo 4 poemas de Dose Nemirovsky, e ilustrado com belas fotografias de arvores, troncos e galhos secos, de Carlos Terrana. O texto e impresso em marrom e as fotografias em sépia, sobre papel de cor creme. O verso da folha de rosto e ocupado por uma fotografia de troncos e galhos secos de uma árvore, cujos galhos mais fines, débeis e tênues, passam paia a página seguinte, recebendo a impressão da dedicatória. Entre as paginas do 1º poema, "Floresta", está uma página ímpar toda ocupada por uma fotografia de uma floresta. O poema "A noite" e ilustrada com 3 fotografias de arvores, a última focalizando apenas o tronco retorcido de uma árvore sem folhas. Após os poemas, há uma foto de uma árvore solitária em uma paisagem de rio e montanhas, ocupando duas páginas. O livro contém 82 folhas não numeradas. Os poemas são impressos apenas nas páginas ímpares, deixando amplos brancos, e todas as paginas pares do livro estão em branco. A brochura, em cartão, de tamanho médio, é revestido de papel acetinado com uma fotografia de arvores, em sépia, que ocupa toda a 1ª capa, prolonga-se pela lombada e se repete, invertida, na 4ª capa. Os dizeres da capa foram impressos em preto, na parte inferior, sobre a fotografia. A arte do livro foi de Massao Ohno e João Farkas Estúdio. A composição foi de Lastri e o fotolito de Reprotécnica. A impressão, diagramação e coordenação técnica da edição foi de Litográfica Colibri. A tiragem não foi declarada.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Pastor de temporais, poemas de J. Antonio, traz na capa a pintura-tema do livro, de Clóvis Graciano, e e ilustrado com desenhos de Aldemir Martins, sendo dos dois artistas também o projeto grafico do livro. Chamama a atenção os amplos brancos e a diversificação na localização dos pequenos textos das paginas iniciais, ora no canto superior direito, ora no canto inferior direito, depois no canto superior esquerdo e novamente no canto inferior direito. Os 5 desenhos a traços de Aldemir Martins são impressos em pagina par, ilustrando o poema que se inicia na página seguinte (ímpar). A brochura, um pouco grande, contém 50 folhas não numeradas. A composição foi feita nos estúdios de AM Produções e executada nas oficinas de Planimpress. A tiragem foi de 500 exemplares fora do comercio.

A Solidão dos outros, de Viera Brant, contém 12 contos com prefacio de Osualdino Marques, fac-simile de uma carta de uma carta de Juscelino Kubitschek à autora, uma carta de Vera Brant dirigida a Juscelino depois de sua morte, e uma fot de Vera Brant com Juscelino. Todos os contos se iniciam em pagina impar e terminam, muitas vezes, em página ímpar, ficando o verso da última página em branco. A brochura, em tamanho medio, em cartão plastificado, apresenta orelhas brancas da largura da capa e contem 78 páginas. Os dizeres da capa sao vazados sobre fundo preto de uma reprodução a cores de uma foto da escultura de Henry Moore, "Figura reclinada", que ocupa a 1ª capa e passa pára a 4ª capa, interrompendo-se na lombada. A tiragem foi de 1.500 exemplares.

No tear dos ventos, de Margarida Finkel, traz prefacio de Osualdino Marques e é ilustrado com reproduções de quadros de Dufy. Os poemas são impressos no alto das paginas pares e ímpares, deixando grande branco inferior. As 7 reproduções de Dufy são impressas, a cores, sobre papel acetinado colado no alto da página ímpar, ficando em branco o verso da pagina e também a página par que lhe faz frente. Os amplos brancos valorizam o colorido das reproduções. A brochura, de tamanho médio, com 32 folhas sem número, traz na capa outra reprodução a cores de Dufy. As orelhas trazem comentário crítico de Leo Gilson Ribeiro. A tiragem foi de 1.500 exemplares não numerados.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A Práxis Gráfica Propaganda e Editora, São Paulo

A Práxis Gráfica Propaganda e Editora, fundada em 1973 por Régastein Rocha e Carmen Tereza Machline, reuniu, a partir de 1976, diversos intelectuais, artistas e publicistas, como Zélio A. Pinto, Ziraldo Pinto, Naum A. Souza, Walbercy R. Camargo, Otto Stupakoff, Maureen Bisilliat, Orlando e Cláudio Villas-Bôas, Cláudia Andujar, George Love, Lew Parrela e Wesley Duke Lee.

Além do álbum Xingu, com fotos de Maureen Bisiliat, que sera apresentado logo em seguida, a Praxis publicou Amazônia, com fotos de índios e paisagens, em uma ótica quase abstrata, realizadas por Claudia Andujar e George Love, Yanomani, por Darcy Ribeiro, ilustrado com fotografias, em preto-e-branco, de Claudia Andujar, e Minha viagem a Grécia no helicóptero de Leonardo da Vinci, de Wesley Duke Lee.

As criações plásticas de Wesley Duke Lee - 36 folhas soltas com colagens e desenhos feitos com caneta hidrográfica em cores vivas - unem o antigo e o moderno. Complementam, modificam, somam fragmentos de arte clássica com seus desenhos modernos. São acompanhadas de um poema de Wesley e "Divagações", texto de Pietro Maria Bardi, impressos em uma brochura de 16 folhas, e de um catálogo, com reprodução em preto-e-branco de cada prancha, em um caderno de 2 folhas. A folha de rosto, em itálico, composição justificada ao meio, centralizada, com amplos brancos, impressa sobre papel verge azul claro, dá impressão de muita serenidade. As pranchas e cadernos estão acondicionados em um estojo em forma de envelope de formato grande. A edição foi concebida e desenhada por Wesley Duke Lee e impressa nas oficinas da Praxis Artes Gráficas Ltda, São Paulo. A tiragem foi de 2.000 exemplares.

Xingu: território tribal

Em 1978, a Praxis publicou o álbum Xingu, com 20 fotografias a cores que Maureen Bisiliat tirou dos índios do Xingu, em seu estado puro, com suas pinturas corporais, suas festas e habitações. Maureen começou seus trabalhos em 1973, voltando a região do Xingu várias vezes, em estadias demoradas, para concluir o trabalho. As primeiras fo-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

tos foram expostas durante a Bienal de 1975, na sala Xingu-Terra.

Maureen Bisiliat explica porque as fotos dos xndios são formais, os índios praticamente posam para a fotografia: "Não é uma imposição. Eles às vezes pedem para ser fotografados e gostam de mostrar sua beleza, sua plasticidade. Entre os valores do índio, a alma, na qual eles acreditam muito, esta intimamente ligada ao corpo. Eles admiram seus corpos pintados. O meu trabalho não é fotojornalismo, apesar de incluir flagrantes, mas sim uma mostra da cultura do xinguano, refletida na sua aparência, na sua forma."<sup>87</sup>

Em um texto introdutório de 18 páginas, Orlando e Cláudio Villas-Bôas fizeram um breve histórico do desaparecimento do xndios no Brasil e falaram sobre o Parque do Xingu, suas tribos, costumes e crenças.

A William Collins Sons & Co., de Grãsgow, que retinha os direitos de publicação do album, cedeu-os para outros países e, sabedores disso, os diretores da Editora Cultura, de São Paulo, compraram também a cessão. Os preços foram reduzidos por causa da impressão unificada na Itália das cinco edições simultâneas, que totalizam 30.000 exemplares em inglês, francês, italiano, alemão e português, impressos pela Mondadori Italiana. A parte do texto da tiragem brasileira, porém, foi editada e paginada pela Editora Cultura. Em uma tiragem de 5.000 exemplares, o belo e luxuoso livro, em grande formato, com 130 páginas de fotografias, foi vendido, a época do lançamento, - dezembro de 1979 - por R\$ 2.800,00.

Jacob Klintowitz, em artigo intitulado "Praxis Propaganda São Paulo", publicado na revista Graphis (1979/80, 201:46-57), escreveu: "A concepção inabitualmente inventiva da obra e o alcance inovador das sutilezas da cor faz do album Xingu uma das publicações mais importantes do Brasil de hoje."

Dois belos álbuns publicados por Cândido Guinle de Paula Machado em São Paulo

Cândido Guinle de Paula Machado lançou duas edições tão belas

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

quanto importantes como documentários do trabalho, de dois grandes artistas que trabalharam no Brasil e registraram nossos usos e costumes e nossas paisagens do passado. São os álbuns Landseer e Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel.

Landseer, publicado em 1972, foi ótima escolha para comemorar o Sesquicentenário da Independência do Brasil: reproduz 145 aquarelas e desenhos a lapis e a bico-de-pena inéditos de Charles Landseer, feitos em 1825-1826, quando o jovem pintor inglês integrou a comitiva de Sir Charles Stuart, que veio em missão incumbida de negociar o reconhecimento, por parte de Portugal, da Independência do Império do Brasil.

Vinte e sete dos desenhos são de vistas e tipos de Portugal. O restante, sobre a travessia e, principalmente, sobre a estada no Brasil, focalizando o Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Vitória, São Paulo, Santos e Desterro (Florianópolis). São reproduzidos também, em fac-símiles de efeito visual muito bonito, a cores, páginas do Diário de Bordo do Capitão Hamond, comandante do navio Wellesley, que trouxe Sir Charles Stuart e sua comitiva, e da parte final do Tratado de 25 de agosto de 1825 e da sua ratificação, pelo Rei de Portugal, em novembro do mesmo ano,

O texto impresso (em português e em inglês) compreende uma nota introdutória, transcrição do texto dos fac-símiles e um capítulo de Trasanteontem, de Alberto Rangel, publicado em 1943, sobre Landseer, seu sketchbook e os fatos históricos ligados a Missão Stuart. A versão inglesa é de John Knox.

O volume, de grande formato, e encadernado em tecido fino de algodão estampado em diversas cores e forrado internamente com reproduções de desenhos a lápis, de Landseer, sobre papel amarelo. O volume está acondicionado em um estojo em forma de envelope, revestido com o mesmo tecido e forrado de papel alaranjado, com 4 dobras na parte de cima, amarrado com fitas pretas.

O livro foi editado por Cândido Guinle de Paula Machado, segundo criação e diagramação de Aloísio Magalhães. Os fotolitos e a impressão em off-set foram feitos por Lanzara S.A., São Paulo. Foi uti-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

zado papel Chambril de 170g/m<sup>2</sup>, de várias cores, fabricado pela Champion Celulose S.A. A distribuição foi feita pela Livraria Agir Editora. A tiragem foi de 2.000 exemplares, sendo 100 fora do comércio, impressos para o editor.

Landseer obteve menção honrosa especial na categoria de "melhor livro de arte" na 3ª Bienal Internacional do Livro de Arte, 1971/1972, promovida pelo Museu de Israel, em Jerusalém, em 1972. Do

parecer da comissão julgadora sobre o livro e o seguinte trecho: "(...) está extremamente bem impresso e produzido, transmitindo a qualidade original dos desenhos e aquarelas do artista, de permeio a excertos de textos fac-símile; a utilização de papel de cor é particularmente feliz."

Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel / Life and manners in Rio de Janeiro as seen in Guillobel's small drawings, contém 64 aquarelas de Joaquim Cândido Guillobel, artista português que veio para o Brasil em 1811 e foi posteriormente professor de desenho e arquitetura na Academia Militar do Rio de Janeiro. Em 1814 Guillobel começou a distribuir pequenos desenhos de sua autoria, documentando tipos e costumes do Rio de Janeiro, com figurinhas minuciosa e ricamente miniaturizadas (12cm de altura, no máximo), dinâmicas, quentes e expressivas. Das 64 figurinhas, reproduzidas em tamanho original, 60 são de um álbum de Cândido Guinle de Paula Machado, que foi de Guilerme Guinle, adquirido na City, em Londres. As outras foram reproduzidas de um álbum pertencente a Alice Marvin von Briesen e de dois álbuns de propriedade de Paulo Geyer, um deles tendo pertencido a Abraham Chapham e, o outro, a Robert Southey.

O álbum de Guillobel publicado por Cândido Guinle de Paula Machado, em 1978, segundo diagramação de Aloísio Magalhães, não traz folha de rosto nos moldes tradicionais. Depois da folha de guarda há uma folha com o título abreviado - Guillobel -, seguida de outra folha com o título completo, em português e em inglês. Segue-se um texto de Paulo Berger, em português e em inglês, ocupando 4 páginas. As páginas seguintes contêm as reproduções das aquarelas, na frente e no verso, seguidas de uma biografia de Guillobel, em português e em

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

inglês, ocupando 8 páginas. O colofão, com justificação da tiragem, vem no final.

O volume, com 40 folhas não numeradas, é encadernado em brim cáqui, com as faces internas das capas revestidas com papel creme estampado com as figurinhas e Guillobel impressas em marrom, em tamanho reduzido, formando fileiras, e que se estende por uma das faces da folha de guarda da encadernação. O volume é acondicionado em um estojo um pouco grande, revestido com papel pardo e, colado em cada uma das faces externas, uma folha de papel estampado como o que reveste as faces internas da capa do volume. O estojo traz o título abreviado impresso na lombada e deixa a mostra a lombada do volume, também com o mesmo título impresso. O miolo é impresso sobre papel cuchê de superior qualidade.

Com supervisão gráfica de João de Souza Leite e com fotolitos do Estúdio Grafico Fotolito Ltda, o livro foi impresso por Kingraf Ltda, Curitiba, Parana. A tiragem foi de 525 exemplares encadernados, sendo 25, numerados de I a XXV, para o editor.

Outros livros informativos e documentários publicados em São Paulo

Dimas de Melo Pimentel, pioneiro na pesquisa e industrialização do relógio no Brasil, publicou em sua Editora Dimep (Rua Cardeal Arco Verde, 742), em 1976, O Relógio... sua história, livro muito bem ilustrado (161 ilustrações), de composição e impressão bem cuidadas, em papel bom. O livro, de formato um pouco grande, contém prefácio de Tito Livrio Ferreira e é encadernado em marrom escuro. Não traz justificação da tiragem.

O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, publicou em 1979 o catálogo de uma exposição que realizou: História da tipografia no Brasil, com prefácio de P.M. Bardi, uma introdução de Cláudia Marino Semeraro e fac-símiles de folhas de rosto de livros, capas de partituras e de almanaques, etiquetas, diplomas, braços e impressos diversos. O volume, de formato um pouco grande, é

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

encadernado em linho azul marinho com sobrecapa de papel cuchê ilustrada. A coordenação geral da edição foi de Cláudia Mrino Semeraro e Christiana Ayrosa. A diagramação e coordenação gráfica, de Francisco Beltran, e as fotografias, de Romulo Fialdini. Foi impresso na Praxis Artes Gráficas Ltda.. Não traz justificacão da tiragem.

As Artes Gráficas Bradesco, em 1971, publicou Arte plumária e máscaras de danças dos índios brasileiros, contendo 70 pranchas com reprodução de desenhos a guache de Noemia Mourão, introdução de Gilberto Freyre, um glossário e uma bibliografia sobre o assunto. O volume é encadernado em curvim vermelho com sobrecapa ilustrada. Foi utilizado papel off-set da Companhia Industrial Barra do Pirahy. A versão do texto para o inglês foi de Barbara Shelby, a criação gráfica de Maitiry, os fotolitos dos originais a guache de Art Grafica Bosatelli. O livro foi impresso nas oficinas de Artes Gráficas Bradesco, Cidade de Deus. Não traz justificacão da tiragem.

A Melhoramentos publicou, em 1979, um bonito documentário fotográfico, Paraisos: as ultimas paisagens primitivas e seus animais, de Ursula e Willi Dolder, com texto traduzido por Vera Ellert, do original alemão publicado em 1977. O volume, de formato um pouco grande, encadernado, com sobrecapa ilustrada, contem 240 paginas com 213 fotos coloridas. Não ha declaracão da tiragem.

Os Gráficos Bruner lançaram dois importantes documentários sobre o Brasil, com texto em português e em inglês: Viagem filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, de Alexandre Rodrigues Ferreira, com desenhos de Antonio Giuseppe Landi e outros, coligidos por Edgard de Cerqueira Falcão (1970), e O Barão von Lowenstern no Brasil: 1827-1829, com texto de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, reproduzindo desenhos originais do diplomata dinamarquês existentes na coleção de Paulo Geyer, publicado em 1972, edição comemorativa do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

A Editora Nacional lançou uma série de livros de descrições e viagens, ilustrados, bem editados e bem impressos, alguns em co-edición com a Editora da Universidade de São Paulo. Os títulos são: Paraty, Serro do Frio - Vila do Príncipe, São João Del Rey & Tiradentes,

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Tijuco & Diamantina, Ouro Preto, Os Doze profetas do Aleijadinho.  
Vale do Paraíba: velhas cidades, Vale do Paraíba: velhas fazendas,  
Sergipe Del Rei, Recife & Olinda, Grão Pará, Maranhão: São Luís e Alcântara,  
Do Rio a Santos, São Paulo: "Belle Époque", São Paulo, sua arquitetura: Colônia e Império, Memória e tempo das igrejas de São Paulo,  
O metrô de São Paulo e Vila Boa de Goiás. Os desenhos são de Tom Maia, Anna Fischer, Renée Lefèvre e Diana Dorothéa Danon. Os textos e as apresentações são de Thereza Regina de Camargo Maia, Mário Guimarães Ferri, Miguel Lins, José Anderson Mascimento, Afonso Arinos de Melo Franco, Aires da Mata Machado Filho, Bernardo Élis, Gilberto Freyre, Paulo Mendes Campos, Leandro Tocantins, Odylo Costa, filho, Benedito Lima de Toledo, Carlos A. C. Lemos, Leonardo Arroyo, Marcello Fragelli e Sérgio Buarque de Hollanda.

A Metal Leve S.A., em 1975, comemorando os seus 25 anos de atividades, lançou a Revista de Antropofagia: reedição da revista literária publicada em São Paulo - 1ª e 2ª "dentições" - 1928-1929, edição fac-similar, reeditada em 1976, em volume de grande formato, encadernado, com reprodução de gravura na capa, contendo 50 folhas, mais 14 folhas duplas. A impressão e o acabamento foi de CLY - Cia Lithographica Ypiranga. A tiragem não foi declarada.

A Rhodia, entre outras publicações, lançou, em 1979, o Livro de São Paulo, edição fotográfica de Maureen Bisiliat, com fotografias de Dulce Soares, Cristiano Mascaro, Abelardo Alves Neto e Hilton de Souza Ribeiro, textos de Pietro M. Bardi, Carlos Lemos e Laura Vergueiro e pesquisa histórica de Julita Scarano e Ana Maria Antich. O projeto do livro foi de Jorge da Cunha Lima, com coordenação geral de Luiz Seraphico, com projeto gráfico de Wesley Duke Lee. O volume de fotos contém, aqui e ali, citações de poemas, e é acompanhado de um folheto com textos, intitulado "Caderno de São Paulo". Ambos são acondicionados em uma caixa com as três cores paulistas: branco, preto e vermelho.

A Rhodia, além da coletânea já citada, Criança brinca, não brinca? (1979), publicou também A Rhodia na arte brasileira (1975),

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Capitanias de mar e serra (1976), Arte colonial (1977) e Os Caminhos do Brasil (1978).

Livros sobre arte publicados em São Paulo

O SUDAMERIS - Banco Francês e Italiano para a América do Sul S.A. publicou, em 1978, O Modernismo no Brasil, de P.M. Bardi, volume encadernado, um pouco grande, com 186 páginas ilustradas com reproduções a cores e em preto-e-branco. É o primeiro volume da coleção Arte e Cultura. A diagramação é de Dan Fialdini, as fotografias são do acervo de fotografias de MASP e de Romulo Fialdini, a impressão de Gráficos Brunner Ltda e os fotolitos e fotocomposição de Fotolitos Brunner Ltda. Foi impresso sobre papel cuchê muito bom, em tiragem não declarada.

A Melhoramentos, no mesmo ano, publicou a 2ª edição do livro Museu de Arte de São Paulo, com textos do Serviço de Documentação do Museu de Arte de São Paulo, fotos de Romulo Fialdini e diagramação de Aldo Tonella e Armando Garcia. O volume, de tamanho médio, encadernado, contém 171 páginas ilustradas, em papel cuchê muito bom. A tiragem não foi declarada.

Geraldo Ferraz, em 1975, publicou Wega liberta em arte: 1954-1974, brochura de tamanho médio, com 77 páginas e 25 folhas não numeradas, com fotografias de Wega e reproduções de seus trabalhos em preto-e-branco e a cores, em papel cuchê. A capa é envolta por uma cinta com o seguinte trecho de uma carta de Carlos Drummond de Andrade a Geraldo Ferraz: "Que beleza, Wega liberta em arte! Beleza de texto, de reproduções, de criação interpretada com riqueza de sensibilidade e senso apuradíssimo do mistério polivalente que são os quadros de Wega, tão cheios de significados e tão doridamente comunicantes em seu trágico esplendor."

Em 1971, Arnaldo Pedroso d'Orta e Paulo Mendes de Almeida publicaram Grupo do Santa Helena, um álbum com oito águas-fortes originais assinadas por Aldo Bonadei, Alfredo R. Rizzotti, Alfredo Volpi, Clóvis Graciano, Francisco Reboló Gonzales, Fulvio Pennacchi, Manuel

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

Martins e Mario Zanini, o grupo de artistas que nos anos 30 se reunia no palacete da Praça da Sé que dá nome ao grupo, que seria o da futura chamada "Família Artística Paulista". A edição foi de apenas 70 exemplares muito bem impressos, com as gravuras acondicionadas em estojo.

Em 1973, a Edição Centro de Artes Novo Mundo publicou 8 (oito) pintores do Grupo Santa Helena: exposição inaugural, catálogo de exposição, pela Uirapuru Galeria de Arte, São Paulo, reunindo trabalhos dos mesmos artistas do Grupo Santa Helena. A edição, com ótimas reproduções em preto-e-branco e em cores, e excelente apresentação gráfica, contém dados biográficos dos artistas, entrevistas individuais e depoimentos de vários críticos de arte.

A Editora Cultrix lançou uma série de álbuns de desenhos e gravuras, entre os quais: Dez desenhos de Djanira, com texto de Flávio de Aquino, Dez desenhos de Aldemir Martins, com texto de Emil Farhat, Cinco serigrafias de Emiliano Dí Cavalcanti, com texto de Marques Rebelo, Carybé, com texto de Jorge Amado, Igrejas, Santos e anjos da Bahia, desenhos de Carlos Bastos, com texto de Jorge Amado, e Cavalos: dez desenhos de Y. Takaoka, com texto de Matias Arrudão.

Recife: Ranulpho Editora de Arte

No Recife, a Ranulpho Editora de Arte lançou belos livros, dentre os quais foram examinados 3 álbuns, de tamanho muito grande, com serigrafias de vários artistas e textos de Gilberto Freyre.

Casas-grandes & senzalas, publicado em 1977, contém 5 folhas soltas de papel cartão com texto de Gilberto Freyre, intitulado "De casas-grandes no plural à Casa-Grande no singular", intercaladas com 5 folhas de papel Serkall de procedência alemã (papel muito bonito) com serigrafias de Cícero Dias. O texto foi composto em tipos Romano de 5mm, em 4 colunas por página. As folhas soltas, de formato 70x50cm (a dimensão maior no sentido horizontal), são guardadas dentro de uma caixa grande (73x53cm), bem forte, com pastas bastante espessas, com tampa solta, esta coberta com plástico macio azul-claro e branco, imi-

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

tando mármore, e a caixa coberta com plástico macio marrom. A tampa tem 2cm de altura e cobre a caixa em toda a sua altura. Na tampa estão impressos os nomes dos autores, em sépia, e o título do livro, em preto, abaixo de uma serigrafia em cores. Presa a parte interna da caixa, na parte inferior, está colada uma fita de gorgorão branca que passa por baixo das folhas soltas e deixa sobrar uma ponta no alto, para que se possa, por meio dela, levantar as folhas soltas e retirá-las de dentro da caixa.

Os guaches originais e o texto foram reproduzidos em serigrafia pela Intarte e a encadernação foi executada por Carlos Marti. O Banco do Estado de Pernambuco S.A, - BANDEPE contribuiu para a edição, sendo o seu presidente Luiz Alberto Madeira Coimbra. A tiragem foi de 100 exemplares, mais 10 exemplares, fora do comércio, autenticados por Cícero Dias, que assinou também as serigrafias.

Gilberto Freyre afirma "ter sido excelente, a idéia de Ranulfo, de promover um reencontro, em livro de expressão artística, quer do autor de Casa-Grande & Senzala com o seu tema - passado dispersamente de plural a concentrada e simbolicamente singular - quer do magnífico ilustrador da primeira edição desse livro, com esse mesmo tema que a sua arte de início enriqueceu como somente ele o poderia ter enriquecido pietoricamente."

Mais adiante, diz o autor a respeito do Cícero Dias: "O ilustrador em 1933 da primeira edição brasileira de Casa-Grande & Senzala, renovando-se sempre, continua no seu mais íntimo modo de ser ao mesmo tempo regionalmente brasileiro - inventor de um verde regional que não se confunde com nenhum outro verde, dentre os muitos verdes brasileiros descobertos pelo próprio pintor - a arrojadamente moderno. Como a própria Casa-Grande, esse brasileiro filho de engenho ó magicamente capaz, na sua arte, de adaptar- formas transtemporais a novas circunstâncias."

Arte & Ferro: em torno de portões, varandas e grades do Recife velho, é o título de outro álbum da Ranulpho, publicado em 1978, com 5 serigrafias de Lula Cardoso Ayres e folhas soltas com texto de

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

Gilberto Freyre. Cada serigrafia, em formato de 50x50cm, é impressa sobre papel de cor diferente, em folhas de 60x60cm. O texto ocupa 4 páginas, a 1ª contendo uma coluna centralizada e, as demais, 3 colunas, num total de 10 colunas numeradas de 1 a 10, com o número impresso em sépia no branco superior, abaixo do desenho de uma grade de ferro antiga, também impressa em sépia. Inicialmente, Gilberto Freyre fala sobre a palavra ferro, sobre o emprego do ferro, sobre a sua presença na arte da arquitetura, considera o assunto em termos brasileiros e compara os velhos portões e varandas recifenses com os que viu na Europa e na América; falando dos portões recifenses, cita os desenhos que Manuel Bandeira fez dos ferros do Recife para o Livro do Nordeste; depois, fala de Lula Cardoso Ayres, o pintor recifense, e os portões de ferro do Recife, característicos de sua pintura.

Cada serigrafia está envolta, juntamente com uma folha de texto, em uma folha de papel pardo (a 1ª serigrafia embrulhada com a folha de rosto). O conjunto todo, por sua vez, juntamente com a última folha (do colofão), encontra-se envolto por uma folha de papel pardo e acondicionado em um álbum de formato bem grande (62x62mm), coberto de brim azul, com tachinhas de metal reforçando os cantos e com duas alças presas com tachinhas para poder se carregar o volume como uma sacola. O álbum vem embalado dentro de um envelope de plástico resistente, abotoado.

Os originais de Lula Cardoso Ayres, executados em tinta acrílica, e o texto, também original e inédito de Gilberto Freyre, foram reproduzidos em serigrafia impressa manualmente, sob controle direto do artista, dentro dos requisitos técnicos exigidos para sua originalidade, sobre papéis Fabriano Murillo em cores diferentes e sobre papel Fase Arte, com encadernação de Carlos Marti. A tiragem foi de 110 exemplares, sendo 10 fora do comércio. As serigrafias e os exemplares do álbum foram numerados e autenticados.

Recife: Guariba Editora de Arte, Pool Editorial e Editora Raiz

A Guariba Editora de Arte, do Recife, publicou, em 1974, dois

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

grandes álbuns de xilogravuras: Os Bichos, de Dila, e Doze gravadores populares do Nordeste.

Os Bichos contém 10 xilogravuras de José Soares da Silva, conhecido como Dila, acompanhadas de uma folha solta com introdução, envoltas por uma capa de tecido azul, em tiragem de 330 exemplares. Doze gravadores do Nordeste reúne xilogravuras de Abraão, Costa Leire, Dila, Walderêdo, Expedito, J. Borges, Enéias, Pedro Armando, Palito, Mestre Noza, João de Barros e Minelvino. São acompanhadas de uma introdução e dados biográficos de cada artista, com retrato, e acondicionadas em capa de cânhamo. A tiragem foi de 550 exemplares. São apenas álbuns de gravuras, não contém texto literário.

A Guariba publicou também, em 1975, Bumba-meu-boi, 5 serigrafias de Lula Cardoso Ayres acompanhadas de versos folclóricos, com prefácio de Hermilo Borba Filho. As folhas, de papel Fabriano Murillo nas cores creme, pardo-claro, pardo-escuro e marrom, impressas de um lado só, são presas por 4 parafusos metálicos a uma capa de tamanho bem grande (49x60cm), forte, revestida de linho grosso.

Essa maneira de prender as folhas pela margem, principalmente no caso desse livro, em que as folhas são muito grossas, não é funcional, pois não permite completa abertura do livro, dificultando a visão das serigrafias e a leitura, principalmente das últimas páginas.

Os dizeres da capa formam um bloco compacto, no alto, bem próximo as bordas, sem entrelinhamento e as letras muito próximas, algumas se cortando. A folha de rosto traz o nome do autor como na capa, estando o título impresso de baixo para cima, na margem externa. Os títulos do prefácio e dos textos folclóricos também são impressos de baixo para cima nas margens externas, com letras que se cortam, o que dificulta a leitura. As serigrafias são impressas em papel preto preso em sua margem inferior nas folhas de cores diversas.

A diagramação e a supervisão gráfica foram de Antônio Cândido. A reprodução dos guaches originais em serigrafia e do texto foi feita por João Ferreira de Lima; a encadernação, por Nilo Firmino. A tiragem foi de 200 exemplares, mais 20 exemplares fora do comércio, assinados pelo autor, que assinou também as serigrafias.

## OS ANOS SETENTA — O ANO DE 1980

A Pool Editorial, em 1978, fez uma bonita edição comemorativa do 25º aniversário de Elegias, de Mauro Mota, reunindo 11 das 35 composições da edição princeps, com desenhos de Cícero Dias, prefácio de Gilberto Freyre e posfácio de Gaspar Simões. Os fotolitos das ilustrações foram executados pela Polikromia do Nordeste para a Pool Editorial Ltda, responsável pelo projeto gráfico, sob a coordenação de Raphael Moreira Bartholo. O livro foi impresso na Borrelli Gráfica e Editora, no Rio de Janeiro. A edição foi patrocinada pelo Governo do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Planejamento e da Secretaria de Educação e Cultura, e o apoio do Conselho Estadual de Cultura. A tiragem foi de 500 exemplares, numerados e assinados pelo autor.

A Editora Raiz, do Recife, publicou, em 1976, uma edição com o poema Lisboa, 1956, de Edson Regis, com caligramas feitos por Vicente do Rego Monteiro, no Recife, em 1961. Depois da folha de rosto e da folha de dedicatória, manuscritas, há 9 folhas soltas contendo, cada uma, uma estrofe do poema, em forma de caligrama, caligrafados por Rego Monteiro, que caligrafou também a folha de rosto e a folha de dedicatória. Vem a seguir uma folha com todo o poema, impresso em uma só página, e uma folha impressa com os dados sobre o poeta, por J. Gonçalves de Oliveira. O livro conserva o colofão manuscrito por Rego Monteiro em 1961. Os 9 caligramas originais foram caligrafados em 12 cópias, numerados e nominativos.

Salvador

Em Salvador, as Edições Macunaíma publicaram A Ilha (1975) e A Cidade (1979), dois livros de poemas de Myriam Fraga, ilustrados com xilogravuras de Calasans Neto.

As Edições Onile, em 1971, publicaram 10 poemas, 10 xilogravuras originais, de Aldo Bonadei, edição bem concebida e bem executada, com xilogravuras a duas, três ou quatro cores, gravadas e impressas em prensa manual por Emanuel Araújo e assinadas pelo artista. A tiragem foi de 80 exemplares e mais 10 fora do comércio.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

A Casa da Medalha, em 1976, publicou, na coleção Brasil Histórico: Arquitetura, Salvador, uma bonita edição com texto e desenhos de Jorge Maltieira e apresentação de Jorge Preto.

Editora Noa Noa: Rio de Janeiro - Florianópolis

Em 1970, a Gráfica Editora Noa Noa, no Rio de Janeiro, publicou Armadura, espada, cavalo e fé, de Cleber Teixeira, com uma linóleogravura de Raquel Feferbaum, um livro muito bem impresso e bem apresentado, em 4 cadernos soltos, de tamanho médio, em capa solta. O livro foi impresso em prelo manual pelo editor, Cleber Teixeira, com planejamento gráfico, capa e ilustração de Raquel Feferbaum. A tiragem foi de 150 exemplares em papel Raffaello Fabriano, com marca d'água, conservando as bordas naturais de fabricação.

Em 1977, instalada em Florianópolis, a Editora Noa Noa publicou Edgar Poe the ancient raven et moi e outros poemas, de Cleber Teixeira, bonita edição impressa manualmente pelo Editor-impressor Cleber Teixeira, com o auxílio do tipógrafo Luiz Gregório Martins, com tiragem de 250 exemplares (não numerados).

Em 1979, a Noa Noa publicou 20 poemas, de E.E. Cummings, edição bilingüe em tradução e introdução de Augusto de Campos, em bela tipografia e impressão clara e nítida, sobre papel de boa qualidade. Foi composto manualmente e impresso em máquinas tipográficas de alimentação manual, com tiragem de 600 exemplares.

MPM Propaganda - Porto Alegre

Em Porto Alegre, a MPM Propaganda publicou uma série de bonitos livros encadernados, de tamanho médio, para distribuir como brindes de Natal. No Natal de 1973, distribuiu a edição do 1º volume de Solo de clarineta: memórias, de Érico Veríssimo, com capa ilustrada de Jussara Gruber Schmidt, um auto-retrato de Érico Veríssimo e planejamento gráfico de Maria Laís Fett Lima. O livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Livraria Globo S.A., com tiragem de 4.000 exemplares.

## OS ANOS SETENTA - O ANO DE 1980

O 2º volume de Solo de clarineta foi distribuído no Natal de 1975, com capa ilustrada de Jussara Gruber, o auto-retrato de Érico Veríssimo e planejamento gráfico de Sônia M. Gonzales de Mendonça, composto e impresso nas oficinas da Livraria Globo S.A., em tiragem de 3.600 exemplares.

No Natal de 1976, a MPM distribuiu a edição de Quintanares, de Mario Quintana, com capa de Leonardo Menna Barreto Gomes, retrato do autor por Jussara Gruber e planejamento gráfico de Sônia M. de Mendonça Heinz. Foi composto no equipamento IBM Composer da Editora Globo e impresso na São Paulo Indústria Gráfica e Editora S.A., São Paulo. A tiragem foi de 3.600 exemplares.

No Natal de 1977, foi distribuída a edição de Discurso de primavera e algumas sombras, de Carlos Drummond de Andrade, com desenhos de Carybé e capa de Laerte Agnelli. O planejamento gráfico foi de MPM Propaganda, a edição da Editora Record, do Rio de Janeiro, e a impressão da São Paulo Indústria Gráfica e Editora S.A., de São Paulo. A tiragem foi de 4.500 exemplares numerados.

Entardecer, de Menotti del Picchia, foi o livro distribuído no Natal de 1978, com ilustrações do autor e de Paulo R.W. Penteadó, que fez também a capa, e prefácio de Fúlvia de Carvalho Lopes. O planejamento gráfico foi de MPM/Casablanca e, a impressão e encadernação, do Circulo do Livro S.A., em São Paulo. A tiragem foi de 5.500 exemplares.

Em 1979, como brinde de Natal da MPM Propaganda, foi distribuída a edição de Pessoas, coisas & animais, ensaios e artigos de Gilberto Freyre reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca, com capa e ilustrações de Getúlio Delphin e planejamento gráfico de Laerte Agnelli. A impressão e o acabamento foi do Círculo do Livro S.A. A tiragem foi de 8.000 exemplares numerados.

## NOTAS

<sup>1</sup>Gilberto Freyre, "O livro belo", em -, Tempo de aprendiz (São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979),V.2,pp.219-221.

<sup>2</sup>Rubens Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz (São Paulo: Nacional, 1975), p.140.

<sup>3</sup>"Receiava a metrópole que viesse a colônia a auferir extraordinária primazia com a revelação do pensamento, difluindo certos direitos e gozos de que não lhe era ainda permitido lembrar-se." Alfredo do Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1808 a 1822 (Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881), p.x.

<sup>4</sup>Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.xi.

<sup>5</sup>Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, pp.137-138; Carlos Rizzini, O Livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822 (Rio de Janeiro: Kosmos, 1945), p.310.

<sup>6</sup>Ao limo. e Exmo. Snor. Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello governador e capitão general da Capitania de Minas Gerais no seu dia natalício. 14pp. O nome do autor, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, esta no fim da carta dedicatória. O titulo Canto está no início do texto. Orlando da Costa Ferreira, Imagem e letra (São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976), pp.133-134; Francisco Marques dos Santos, "José Joaquim Viegas de Menezes", Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RSPHAN), (1938) 2:229-245.

"Apenas florescia, em Minas Gerais, humildemente, o padre Viegas de Menezes, capaz de nos dar o panorama de Mariana, quando D. João VI nos trouxe, a par da sua bonomia de Real Nosso Senhor, as garantias publicas, os elementos sérios de progresso, o contato da civilização, com que a política do fujão magnificamente nos doou." Alberto

Rangel, "The Landseer Sketchbook", em Landseer (São Paulo: Cândido Guinle de Paula Machado, 1972), pp.136. Publicado em-1942 na. RSPHAN, 6:87-116 e, em 1943, em Trasanteontem: episódios e relatos históricos (São Paulo: Martins).

7

Decreto de 13 de maio de 1808:

"Tendo-me constado, que os Prélós que se achao nesta Capital, erão destinados para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; e atendendo a necessidade que ha da Oficina de Impressão nestes Meus Estados; sou servido, que a Casa, onde eles se estabelecerão, sirva interinamente de Impressão Regia, onde se imprimam exclusivamente toda a Legislação e Papéis Diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição do Meu Real Serviço; e se possam imprimir todas, e quaisquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração a mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprego da Oficina a maior extensão, e lhe dará todas as Instruções e Ordens necessárias, e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao Meu Real Serviço. Palacio do Rio e Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e oito.

Com a rubrica do Principe Regente Nosso Senhor."

Brasil, Departamento de Imprensa Nacional, 150 anos de tipografia oficial (Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958).

8

Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.xvii; Francisco Gonçalves Miranda, Memoria histórica da Imprensa Nacional (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922), pp.20,51.

<sup>9</sup> "Casado" era apenas o estado civil de Romão Eloy de Almeida, conforme anotação de Alfredo do Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.325. Muitos autores, porém, continuam dando esse sobrenome ao artista, como, por exemplo, Roberto Pontual, no Dicionário das artes plásticas no Brasil (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969), onde dá entrada pelo nome "Casado", baseando-se em Roberto

Teixeira Leite, A Gravura brasileira contemporânea (Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza, 1965; 2ª edição, Expressão e Cultura, 1966), p.2.

<sup>10</sup> Rizzini, O Livro, p.318; Miranda, Memória histórica, p.60.

<sup>11</sup> Costa Ferreira, Imagem e letra, pp.154-155.

<sup>12</sup> Miranda, Memória histórica, p.67.

<sup>13</sup> Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.179.

<sup>14</sup> Ensaio sobre a crítica de Alexandre Pope traduzido em português pelo Conde de Aguiar. Com notas de José Warton, do tradutor e de outros; e comentário do Dr. Wasburton. Rio de Janeiro, na Imprensa Regia, 1810. A tradução, castigada na opinião dos críticos, é em prosa, com o texto original, em verso, em frente, tornando-se recomendáveis as anotações e comentários com que vem ilustrada. Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.36.

<sup>15</sup> Ensaio de Moraes de Alexandre Pope em quatro epístolas a diversas pessoas traduzidos em português pelo Conde de Aguiar. Com as notas de José Warton, e do tradutor. Rio de Janeiro, na Imprensa Regia, 1811. Traz os versos ingleses com a tradução em prosa portuguesa em frente. Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.60.

<sup>16</sup> Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.179.

17

Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional; Miranda, Memória histórica, pp.153-154.

18

Borba de Moraes, carta a autora, São Paulo, 6 novembro 1978.

<sup>19</sup> Memória da vida pública de Lord Wellington, príncipe de Waterloo, duque da Victoria, duque de Wellington, duque de Ciudad Rodrigo, marechal general dos exércitos de Portugal contra a invasão francesa, feld-marechal dos exércitos de s.m.b., grão-cruz da Ordem da Torre e Espada, &c. &c. &c. Por José da Silva Lisboa. Rio de Janeiro, na Imprensa Regia, 1815. Citado em Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.118.

20

Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.179.

21 Elementos de Geometria de A. M. Le Gendre trad. do francez  
... por Manceel Ferreira de Araujo Guimarães. Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1809. Citado em Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.16.

22 Miranda, Memória histórica, p.22.

23 Costa Ferreira, Imagem e letra, p.81.

24 Ibid., p.141.

25 Ibid., p.140-141.

26 Ibid., p.140.

27 Marques dos Santos, "O ambiente artístico fluminense à chegada da missão francesa em 1816", RSPHAN (1941), 5:213.

28 Elementos de desenho e pintura. E regras gerais de perspectiva. Dedicado ao senhor rei d. João VI. Por Roberto Ferreira da Silva, oficial do real corpo de engenheiros. Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1817. Citado em Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p. 141. A 2ª edição, oferecida a D. Pedro II, saiu em 1841, em casa dos editores Eduardo e Henrique Laemmert.

29 Marques dos Santos, "O ambiente artístico fluminense", p.226.

30 Views and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil, from drawings taken by lieutenant Chamberlain, royal artillery, during the years 1819 and 1820; with descriptive explanation. London, Howlett & Brimmer, 1822.

Os desenhos foram gravados ora por John Clarke, ora por G. Hunt. Chamberlain, abaixo de cada uma dessas pranchas, assinou: Lt. Chamberlain del.<sup>t</sup> R.A., apoderando-se do trabalho do outro através de em "The Landseer Sketchbook", p.139; um grosseiro arranjo, como observou Alberto Rangel "Casas de residência e horizontes marinhos, mediocrementemente representados, serviam de fundo a essas estampas. (...) Muito se arrojou, na verdade, o oficial britânico, cobrindo a carga alheia com a bandeira do seu reino, empregando as declarações expressas nas pranchas em questão e na folha de rosto do seu curioso tomo de 1822. Nem o artilheiro inglês, nem o editor Mac Lean, nem os impressores do Soho fazem a mínima referência

a Guillobel! Assinalado de passagem esse caso de pilhagem artística, passará Henry Chamberlain a ser considerado, na história da iconografia brasileira, de maneira diferente do que quando se apresentou com o seu volume de gravuras, sem mais precedências..."

<sup>31</sup> Colleccão de retratos de todos os homens, que adquirirão nome pelo gênio, talento, virtude, etc., desde o princípio do mundo até nossos dias. Desenhados das medalhas e dos retratos pintados pelos mais celebres artistas. Com um resumo histórico de suas vidas. Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1816. Citado em Valle Cabral, Annaes da Imprensa Nacional, p.124, e também por Miranda, Memória histórica, p.60.

<sup>32</sup> A Impressão Régia imprimia livros, por exemplo, para Paul Martins, que anunciava as suas edições e as vendia na sua livraria da Rua da Quitanda, nº 34, e que, em 1822, mandou imprimir seu catálogo, o primeiro publicado no Brasil, conforme informação de Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.173.

<sup>33</sup> Alfonsiada, poema heróico da fundação da Monarquia Portuguesa pelo Senhor Rei D. Alfonso Henriques, oferecido à Magestade Fidelíssima d'El Rei Nosso Senhor D. João VI por Antônio José Osório de Pina Leitão. Bahia, Typ. de M. A. da Silva Serva, 1818. Citado em Marques dos Santos, "As belas artes no Primeiro Reinado (1822-1831)", Estudos Brasileiros (mar./abr.1940), 4(11):471.

<sup>34</sup> Die XX Januarii in festo S. Sebastiani Martyris... Flumen Januar, Typis Regiis, regioque Junu MDCCCXIX. Sem folha de rosto. Dados dos título e do colofão. Citado em Costa Ferreira, Imagem e letra, p.181.

<sup>35</sup> Miranda, Memória histórica, p.61.

<sup>36</sup> Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, pp.179-180.

<sup>37</sup> Ibid., p.180.

<sup>38</sup> No Arquivo Militar, a litografia veio substituir a gravura em

cobre e em aço. Seu Diretor, o brigadeiro Joaquim Norberto Xavier de Brito, comandante do Corpo de Engenheiros, indicou, em documento de 18 de dezembro de 1824, a aquisição de uma litografia e a contratação de um artista especializado na nova técnica e, em Paris, a 1º de agosto do ano seguinte, foi celebrado um contrato com Steinmann, para o cargo de professor de litografia no Arquivo Militar por um período de 5 anos. Trinta dias depois, o Diretor apresentou a relação do material necessário para a instalação de uma oficina conveniente e, depois de 10 dias, comunicava que Johan Steinmann, recém-chegado da França, lhe fizera entrega do seguinte material que trouxera consigo: uma prensa grande, uma dita portátil, uma caixa com 76 folhas de zinco, 2 caixilhos de ferro, A rolos, 3 peneiras, 2 pedras mármores, papel, tinta, água-forte, etc. Como não havia local adequado na Academia Militar para a instalação da grande prensa, Steinmann propôs instalar a oficina em sua própria casa, no Beco Manoel de Carvalho, nº 2, esquina com a Rua da Ajuda. Os trabalhos da nova oficina de litografia começaram em 25 de janeiro de 1826. Steinmann teve como discípulos os soldados do 27º Batalhão de Estrangeiros, I. Needergessas e K. Mohr, três soldados da aula de Ensino Mutuo e o paisano Antônio Rodrigues de Araújo. (Conforme informações de Marques dos Santos, "A litografia no Rio de Janeiro, sua instituição, primeiros mestres, alunos e trabalhos", RSPHAN, 1937, 1:45-46)

Terminado o contrato de Steinmann em 1830, achou-se na direção da Escola o professor de litografia Sebastião Abelee.

<sup>39</sup>Souvenirs de Rio de Janeiro, dessins d'après nature. Bale, J. Steinmann, 1839. Contém 12 águas-tintas de Friedrich Salathé, segundo desenhos de Steinmann, Kretschman, Victor Barrat e Deburne. Na introdução a 3ª edição facsimilar brasileira do álbum (Rio de Janeiro: Kosmos, 1967), escreveu Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha: "As 9 vistas desenhadas por Steinmann são com certeza tudo o que de melhor fez em sua vida e teriam possivelmente sido desenhadas com o auxílio da câmara escura que possuía e pôs à venda em 11 de fevereiro de 1832, conforme anúncio no Jornal. Essas estampas se apresentam sempre colo-

ridas a mão." As outras duas edições facsímilares foram realizadas na década de 40, pela Livraria Martins Editora e pela Frank Arnan Gráfica.

40 Costa Ferreira, Imagem e letra, p.192 e fig.70.

41 Marques dos Santos, "Dois artistas franceses no Rio de Janeiro", RSPHAN, (1939) 3:136.

42 Ibid., p.140.

43 Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, "Frederico Guilherme Briggs e sua oficina litográfica", em Lembranças do Brasil, Ludwig & Briggs (Rio de Janeiro: SEDEGRA, Biblioteca Nacional, 1970), p.6.

44 A Folhinha, encomendada por João Diogo Sturtz e dedicada ao comércio brasileiro, contém retratos do Imperador e suas irmãs, D. Januária e D. Francisca, e os principais monumentos arquitetônicos e paisagens cariocas. Esses desenhos, porém, na opinião de Lygia da F. da Cunha, não parecem ser de autoria de Briggs, mas sim de Felix Émile Taunay, professor da Academia Imperial de Belas Artes, e o trabalho gráfico das litografias de autoria do artista inglês Andrew Picken. Já o Panorama, trabalho levado por Briggs para a Inglaterra e litografado em Londres pela firma Day and Hague, em 1837, foi, na opinião da mesma especialista, desenhado e litografado por Briggs, pela grande semelhança verificada entre suas imagens e aquelas divulgadas pelo litógrafo na Rua do Ouvidor, 218. Tendo feito o confronto entre os estilos das duas publicações, observou ela a diversidade de maneira de litografar no Panorama, em relação à Folhinha: "Há aqui [no Panorama] menos flexibilidade do lápis, maior frieza no tratamento do segundo plano, onde a perfeição de certos detalhes nos assegura ter sido desenhado e litografado por conhecedor da topografia e arquitetura do Rio; os monumentos são perfeitamente identificáveis, e se por vezes acontece alguma distorção de perspectiva, é intencional e tem por objetivo evidenciar algum importante monumento que pela posição do artista situado no morro de Santo Antônio, teria desaparecido." Fernandes da Cunha, "Frederico Guilherme Briggs e sua

oficina litográfica", p.11.

Costa Ferreira, Imagem e letra, p.209.

"Há nelas, quase todas assinadas por Lopes, quase todas assinadas por Lopes, um maior aperfeiçoamento gráfico: as dobras das roupas adquirem um caimento natural, uma elegância e beleza no porte de certas figuras, captadas com rara felicidade pelo artista, como na prancha intitulada Preta de Ballas ou na Moça da roça indo a Missa, onde consegue fixar a ingenuidade e falta de desembaraço da jovem; as posições e atitudes dos diversos tipos militares têm muita naturalidade e a fixação das características fisionômicas dos pretos, quase caricaturados, e uma constante." Fernandes da Cunha, "Frederico Guilherme Briggs e sua oficina litográfica", p.17.

Desse conjunto de litografias de costumes brasileiros há três coleções particulares: a de J. F. de Almeida Prado, a de Moacyr Briggs e a de Gilberto Ferrez.

47

Ostensor brasileiro, collecção de produções originais em prosa e verso, Rio de Janeiro, 1845-1846. 52 fase. em 1 v. de 416pp. in-82 (26cm), com est. litografadas, a maioria ass. "Lith. de Heaton & Rensburg". Publ. por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira e vendido por E. & H. Laemmert. Título da capa: Ostensor brasileiro, jornal literário e pictorial. Esta essa capa, feita para o volume, ornamentada com folhagens estilizadas e figuras e uma vista da baía da Guanabara, ass. pela "Lith. de Ludtuig & Briggs", num curioso confronto das duas famosas oficinas. - Referência feita por Costa Ferreira, Imagem e letra, p.213, nota 74 e fig.72.

48

The Brazilian souvenir: a selection of the most peculiar costumes of the Brazils. Published by Ludwig & Briggs Lithographers, Rua dos Pescadores 88, Rio de Janeiro |s.d.|

A autoria dos desenhos originais que serviram à cópia litográfica é atribuída por Lygia da F. Fernandes da Cunha ao famoso desenhista e aquarelista alemão Eduard Hildebrandt e as litografias, na maioria, a Pedro Ludwig, prussiano, sóbio de Briggs:

"Quanto aos litógrafos, podemos também distinguir neste álbum dois artistas: o talento do primeiro ressalta da belíssima folha de rosto, onde emoldurando os dizeres do título, vê-se a figura de um cocheiro luxuosamente trajado: botas de cano alto, roupagem esmerada, cartola de penacho, complementada a figura pela cercadura onde hábil artista consegue reunir a vegetação delicada de nossa flora, obtendo efeito de grande leveza que prenuncia o encanto que nos proporcionarão as figuras. A composição lembra a do litógrafo inglês Andrew Picken no seu álbum da ilha da Madeira que, com toda a certeza, era já do conhecimento de Briggs. Deve-se ao litógrafo da oficina, Pedro Ludwig, a maioria das pranchas. Nos tipos registrados há um tratamento todo especial e característico: traços seguros ao mesmo tempo com grande facilidade de fatura e fixação dos detalhes fisionômicos. O segundo artista (...) tem como característica de sua técnica um traço mais rígido, tendência para fixar o aspecto grotesco das figuras; grafismo geométrico nos segundos planos onde casas, igrejas e detalhes complementares são apenas esboçados; sentimos mesmo que em alguns casos foi necessária a interferência de Ludwig tracejando a grama do primeiro plano com o intuito de suavizar o efeito plástico, o que realmente consegue com rara felicidade, graças apenas à sinuosidade de algumas linhas." Fernandes da Cunha, "Frederico Guilherme Briggs e sua oficina litográfica", p.25.

<sup>49</sup> Kidder, Daniel Parish and Fletcher, J.C. Brazil and the Brazilians portrayed in historical and descriptive sketches. Illustrated by one hundred and fifty engraving. Philadelphia, Childs and Peterson; London, Trübner and Co., 1857. — Referência feita por Fernandes da Cunha, "Frederico Guilherme Briggs e sua oficina litográfica", p.26.

<sup>50</sup> Costa Ferreira, Imagem e letra, pp.217-218.

<sup>51</sup> Ibid., p.217 e nota 79.

<sup>52</sup> Ibid., pp. 207-208 e nota 63.

<sup>53</sup> Galeria dos brasileiros ilustres (os contemporâneos): retratos dos homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras

desde a guerra da Independência até os nossos dias: copiados do natural e litographados por S. A. Sisson acompanhados de suas respectivas biographias, publicada sob a protecção de Sua Magestade o Imperador. Rio de Janeiro, Lithografia de S. A. Sisson, Editor, Rua da Assembléa n.67. 1861. 2 v. com 90 retratos. No canto inf. esq. da folha de rosto está impresso o endereço da tipografia que compôs o texto: Typ. de Quirino e Irmão, Rua da Assembléa n.54. O exemplar examinado pela autora foi comprado pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília à Livraria São José, em 1963.

54 Costa Ferreira, Imagem e letra, p.141.

55 Ibid., p.147 e nota 44.

56 Thesouro das meninas, de Mme. Leprince de Beaumont. Rio de Janeiro, João Joaquim Barroso e Cia., 1938. Traduzido por Joaquim Ignacio de Frias, com 8 estampas não assinadas. Thesouro dos meninos, de Pierre Blanchard. Rio de Janeiro, Typographia Brasiliense, 1838. Com 36 buris não assinados. A Typ. Brasiliense, à Rua da Cadeia, 81, era de propriedade de Manuel José Pereira da Silva. Referências feitas por Costa Ferrêira, Imagem e letra, pp.162 e 258 e fig. 67.

57 Costa Ferreira, Imagem e letra, p.79.

58 Ibid., p.83.

59 Ibid., p.88.

60 Ibid., pp.86-87 e fig.44.

61 Ibid., p.101 e fig.50.

62 Miranda, Memória histórica, pp.67-69.

63 Ibid., p.70.

64 Ibid., pp.54,62,74.

65 Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.181.

66 Miranda, Memória histórica, pp.54-55,57.

67 Ibid., p.75.

- 68 Ibid., pp.63-64.
- 69 Borba de Moraes, O Bibliófilo aprendiz, p.182.
- 70 Gilberto Freyre, "O livro belo", p.219.
- 71 Edson Nery da Fonseca, "Aspectos bibliográficos de um livro de arte", Diário de Pernambuco, 29 abril 1979.
- 72 Sylvio Rabelo, Tempo ao tempo (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979), pp.179, 183.
- 73 "Sempre gostei de fazer as ilustrações de meus livros e de esculpir. Tenho muitas esculturas que serviram à decoração da minha casa no Rio de Janeiro; e em Teresópolis há uma, grande, que um amigo não quis que eu acabasse por parecer que como estava ficaria melhor. Chama a 'Inacabada', e é o que os outros amigos ou visitantes acham que foi acertado. Um deles diz 'A Bela Incabada'.
- "Apesar de ser jurista, tenho dentro de mim a Arte, a Poesia e a Matemática."
- . Pontes de Miranda, carta à autora, Rio de Janeiro, 25 outubro 1979.
- 74 Bernardo Marques, "O livro artístico", em Irene Lisboa, org., Inquérito ao livro em Portugal, II: a arte do livro (Lisboa: Seara Nova, 1946), pp.86,90-91.
- 75 Luís de Montalvor, "Generalidades sobre a execução gráfica do livro de arte", em Irene Lisboa, Inquérito ao livro, p.9.
- 76 Bernardo Marques, "O livro artístico", p.86.
- 77 Luiz Moita, "Alguns aspectos críticos da indústria do livro em Portugal", em Irene Lisboa, Inquérito ao livro, p.44-45.
- 78 Roberto Nobre, "A ilustração do livro", em Irene Lisboa, Inquérito ao livro, pp.74-75.
- 79 José Cláudio, "As artes no Nordeste", Cultura, (jul./dez.1978) 8(30):76.
- 80 "Eles são loucos por livros", Jornal do Brasil, 20 agosto 1970,

Cad.B, p.4.

81 "In Memoriam de Raymundo de Castro Maya", Cultura, (ago.1968)  
14:47,50.

82 "Eles são loucos por livros", p.4.

83 "Edições Alumbramento: livros de arte brasileiros", Correio  
Braziliense, 6 agosto 1978, p.8.

84 Norma Couri, "Dez anos de Alumbramento: arte vivaz e não sinal  
so vento", Jornal do Brasil, 27 junho 1978, Cad.B, p.10.

85 Ibid.

86 "Edições Alumbramentos: livros de arte brasileiros".

87 "Um livro de arte documenta a vida dos índios do Xingu", Jornal  
do Brasil, 17 dezembro 1979, Cad. B, p.10

88 "Bienal Internacional do Livro de Arte: 1971/1972", REMAC,  
(jun.1973) 10(99):47

## CONCLUSÃO

Nossa hipótese de trabalho era a de que o primeiro livro com qualidades artísticas aqui publicado foi o Ensaio sobre a crítica, de Alexandre Pope, publicado no Rio de Janeiro, pela Impressão Régia, em 1810, se considerarmos o livro produzido natural e espontaneamente como arte, sem a pretensão de se fazer um "livro de arte".

Se considerarmos, por outro lado o "livro de arte", isto é, o livro produzido propositalmente como livro de arte. com técnicas e materiais que o distinguem dos demais livros publicados em sua época. com tiragem limitada, destinada a um pequeno número de pessoas, numa época em que a tecnologia teria permitido uma tiragem maior, então a prioridade caberia ao Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, de Gilberto Freyre, publicado no Recife, em 1934.

O Ensaio sobre a crítica foi executado dentro de técnicas artesanais de seu próprio tempo. A folha de rosto e o frontispício foram gravados a buril por Romão Eloy de Almeida. O frontispício traz um retrato de Alexandre Pope, o melhor trabalho de Romão no Brasil. O Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, em uma época mecanizada, foi tirado em 105 exemplares, contendo, cada um, duas pequenas aquarelas originais e diferentes de Luís Jardim; as páginas apresentam amplas margens, capitulares impressas em cores e vinhetas em preto e vermelho no alto de cada página; sobre o papel pardo do texto foram coladas pequenas ilustrações de Luís Jardim, reproduzidas em preto-e-branco.

Terminada a pesquisa, no entanto, chegamos a conclusão que não podemos afirmar com absoluta certeza e convicção qual foi o primeiro livro de arte publicado no Brasil. Não há uma linha limite muito clara entre o que seja um livro de arte e um que não o seja. Há nuances, e o conceito que se faz de um livro que se situe dentro de uma certa faixa limítrofe pode ser muito subjetivo, até inseguro.

## CONCLUSÃO

A nossa tradição tipográfica, como vimos, veio de Portugal, com forte influência francesa. Logo que a tipografia portuguesa passou a funcionar aqui, deixou-nos belos livros. Os livros brasileiros depois foram se aperfeiçoando, de livros belos passaram para livros de arte, estes seguindo as lições anteriores.

Pensamos no Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife como o primeiro livro de arte publicado no Brasil. Na verdade, foi um dos primeiros. Livro muito bonito e com ilustrações originais.

Mas seria injusto não nos referirmos a livros anteriores a ele, alguns não tão belos, mas com ilustrações originais, outros tão belos, mas com ilustrações não tão originais, e que, embora não possam, talvez, ser considerados livros de arte, serviram de modelo na evolução de nossa arte do livro.

No Pará, em 1904, a Imprensa de Alfredo Augusto Silva anunciou a subscrição e publicou a bela edição de poema Natherçia, de Camões, com 38 traduções diferentes. Encerrando texto literário importante, foi decorado e ilustrado a cores e impresso sobre excelente papel cartolina acetinado, em tiragem de 200 exemplares numerados no prelo, encerrados em pasta cartonada.

Poemas e canções, de Vicente de Carvalho, foi lançado em 1908, por Cardozo, Filho & C, São. Paulo, em edição muito bonita, sobre papel manual linha d'agua e marca d'água com as armas da República.

A Balada do enforcado, de Oscar Wilde, traduzida por Elysio de Carvalho e ilustrada por Di Cavalcanti, publicada em 1919, é um livro de boa apresentação, bem ilustrado, com pequena tiragem em papel bonito e de boa qualidade, que ainda hoje se conserva alvo e sem manchas.

Jogos pueris, de Ronald de Carvalho, publicado em 1926, ilustrado com guaches originais, pintados a mão, por Nicola de Garo, teve uma tiragem de apenas 40 exemplares destinados aos subscritores. Embora não tenham muita qualidade artística, as ilustrações são arroçadas e procuram imitar o cubismo que nos últimos anos surgira na Europa.

## CONCLUSÃO

Por outro lado, houve esforço no sentido de se fazer um livro de arte com guaches originais e, conseqüentemente, em tiragem reduzida, o que confere ao livro uma raridade natural.

Pontes de Miranda publicou, <sup>no Rio de Janeiro,</sup> 3 belos livros: O Sábio e o artista (1929), em tiragem de 650 exemplares em papéis de boa qualidade, Inscrições da stela interior (1930), com tiragem de 100 exemplares em bom papel, e Penetração (1930), com gravuras originais do autor e tiragem de 100 exemplares em papel Rives, todas as tiragens numeradas e assinadas pelo autor.

Christus imperat, de Octavio Mangabeira, com ilustrações de edição particular publicada no Rio de Janeiro em 1930, Correia Dias, foi composto e decorado com muito bom gosto, bem impresso sobre bonito papel Fabriano, forte e granulado, em tiragem de 500 exemplares numerados e assinados pelo autor.

A tradução de Oscar Wilde, o livro de Ronald de Carvalho, os de Pontes de Miranda e o de Octavio Mangabeira foram edições particulares feitas no Rio de Janeiro. O Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, de Gilberto Freyre, foi também uma edição particular, feita no Recife. Podemos concluir, então, que os primeiros livros de arte publicados no Brasil surgiram principalmente no Rio de Janeiro e no Recife, e foram -- não se considerando os livros publicados no século XIX -- edições particulares.

Embora tenha herdado a tradição do livro português, com influência francesa, o Brasil já tem uma tradição do livro de arte. Basta lembrar as belas publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, as Edições Alumbramentos, a Philobiblion, as Edições Hípcampo, O Gráfico Amador, a edição original de Escritura, de Gastão de Holanda e Cecília Jucá, os livros publicados por Raymundo de Castro Maya e por Cândido Guinle de Paula Machado, o belo Landseer, que obteve menção honrosa especial na categoria de "melhor livro de arte", na 3ª Bienal Internacional do Livro de Arte, 1971/ 1972, promovida pelo Museu de Israel. E tantos outros...

Está ainda para ser feita uma verdadeira história do livro brasileiro. O histórico apresentado aqui foi apenas um ponto de parti-

## CONCLUSÃO

da, uma minuta para trabalho mais amplo. Infelizmente, dado o pouco tempo disponível, não foi possível aproveitar todo o material coligido na redação final do trabalho.

Está em fase de datilografia a bibliografia crítica de mais aproximadamente uns 100 livros de arte.: Em fase de preparação, está um volume com o estudo de alguns aspectos do livro de arte brasileiro, tais como: concepção do livro, assuntos mais tratados, técnicas de ilustração, formas de apresentação e formatos, papéis utilizados, tipos utilizados, tipos de edição e preços. Também em fase de preparação esta um glossário de termos gráficos e editoriais e um dicionário de autores e colaboradores de texto, ilustradores, artistas gráficos, tipógrafos, editores e colecionadores, bem como editoras, focalizando suas atividades e participação na produção de livros de arte brasileiros.

## BIBLIOGRAFIA

Bibliologia, História do Livro, Artes Gráficas, Comunicação e Arte

ADORNO, Theodor W. "A indústria cultural". In: Colin, Gabriel. Comunicação e indústria cultural. São Paulo, Nacional, 1977, p.287-295.

ALDIS, Harry G. The printed book. Cambridge, Univ. Press, 1951.

ALLEN, Agnes. Story of the book. New York: MacMillan Company, 1953.

ALMEIDA, Márcio. "A ilustração do livro: a imagem procura sempre o encontro com a escrita". Minas Gerais: Suplemento Literário (Belo Horizonte) 15 set.. 1979.

ARAGUREN, J.L. Comunicação humana. Trad, de Eduardo Almeida. Rio de Janeiro, Zahar; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. 221 p.

AUDIN, Marius. L e livre , sa techniquei, son architecture. Pref. de Fodillon. Lyon, Cumin Masson, 1921.

- Le livre français. Paris, Les Editions Rieder, 1930.

- Somme typographique, premier volume: Les origines. Paris, Audin Editeur, 1948.

AUDIN, Maurice. Histoire de l'imprimerie. Paris, A.J. Picard, 1972.

BARBOSA, Rui. O desenho e a arte industrial: discurso no Liceu de Arte e Ofícios em 23 de novembro de 1882. Rio de Janeiro, 1949.

BAUDRILLARD, Jean. Le système des objets. Paris, Gallimard, 1968.

BERTRAND, Gerard. L'illustration de la poésie à l'époque du cubisme. Paris, Editions Klincksieck, 1971.

BLAND, David. A History of book illustration: the illuminated manuscript and the printed book. 2.ed. Berkeley, Univ. of California, 1969. 469 p.

BRIVOIS. Bibliographie des ouvrages illustrés au XIXe principal. de gravures sur bois. Paris, 1883.

BRUN, Robert. Le livre français. Paris, Librairie Larousse, 1948.

- BRUN, Robert. Technique du livre. Paris, École Nationale des bibliothèques, 1968.
- BUONOCORE, Domingo. Elementos de bibliotecología. 2.ed. Santa Fé, Ediciones Castellví, 1948.
- El mundo de los libros: páginas sobre el libro, el escritor, la imprenta, la lectura, la biblioteca, el bibliotecario, el bibliófilo y el librero. Selección, prólogo y notas por Domingo Buonocore. Santa Fé, Librería y Editorial Castellví, 1955. 333 p.
- Diccionario de bibliotecología. 2.ed. aum. Buenos Ayres, Marymar, 1976.
- BURGOS, Miguel de. Observaciones sobre el arte de la imprenta. Valença, Editorial Castalia, 1947. (Gallardo, colección de opusculos para bibliófilos, 2).
- CARTERET. Trésor du bibliophile romantique et moderne. Paris, 1927.
- CASTELLO BRANCO, Zelina. Encadernação: história e técnica. São Paulo, UCITEC, 1978. 175 p.il.
- CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. "O livro; uma mudança de perspectiva". In: Le Coff, Jacques & Nora, Pierre, ed. História: novos objetos. Trad. de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p.100-115.
- CHAUVET, P. Les ouvriers du livre des origines à la révolution de 1789. Paris, P.U.F., 1959.
- Histoire des ouvriers du livre en France de 1789 à 1881. Paris, Michel Rivière, 1964.
- Les ouvriers du livre et du journal. Paris, Éd. Ouvrières, 1971.
- CHIAPPORI, Atilio. "El libro de arte". In: Buonocore, Domingo, ed. El mundo de los libros. Santa Fé. Librería Y Editorial Castellví, 1955, p.129-132.
- CLOUZOT, Marcel. Guide du Bibliophile français. Paris, Librairie Clouzot, 1953.
- COELHO NETO, J. Teixeira. Introdução à teoria da informação estética. Petrópolis, Vozes, 1973. 141p.
- CURWEN, Harold. Processes of graphic reproduction in printing. 2.ed.

- London, Faber and Faber Limited, 1947.
- DAHL, Svend. Histoire du livre de l'Antiquité à nos jours. Paris, J. Lamarre. 1933.
- DAMASE, J. La révolution typographique depuis Stéphane Mallarmé. Genève, Motte, 1966.
- DENIS, Maurice. Théories (1890-1910). Paris, 1912.
- Du Symbolisme ao Classicisme: théories. Paris, O. Revault d'Allonnes, 1963.
- Teorias: 1890-1910: del Simbolismo y de Gauquín hacia un nuevo orden clásico. Trad. de José de España. Buenos Ayres, Librería Y Editorial "El Ateneo", 1944. 334 p.
- EDE, Charles, ed. The art of the book: some record of work carried out in Europe and the U.S.A. 1939-1950. London & New York, The Studio Publications, 1951.
- ENGEN, R.K. Dictionary of Victorian engravers, print publishers and their work. Cambridge: Chadwick-Hearlry Ltd., 1979. 262 p.
- ESCARPIT, Robert. Le littéraire et le social. Paris, Flammarion, 1970.
- La révolution du livre. Paris, Unesco, 1969.
- A revolução do livro. Trad. de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas; Brasília: INL, 1976. 156 p.
- & BARKER, Ronald E. A fome de ler. Trad. de J.J. Veiga. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas; Brasília, INL, 1975. 182 p.
- ESCOLAR SOBRINO, Hipólito. História do livro em cinco mil palavras. Trad. de Aída Nery da Fonseca. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1977. 48 p.il.
- ESCOREI, Ana Luisa. Brochura brasileira: objeto sem projeto. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1974. 91 p.il.
- FERREIRA, Orlando da Costa. "Para uma introdução ao estudo do produto bibliográfico". Revista do Livro (Rio de Janeiro) 4º trim. 1968, 11(35):11-33.
- Introdução ao estudo do produto editorial. São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes, 1971.
- GAMBLE, Charles W. Modern illustration processes. 3.ed. London, Sir

- Isaac Pitman & Sons, Ltd, 1960.
- GASKELL, Philip. A new introduction to bibliography. New York & Oxford, Oxford University Press, 1972.
- GÉNIN, Marie-Thérèse, ed. L'Editeur. Paris, Libraries Techniques, 1960. 189 p.
- GLAISTER, Geoffrey Ashall. Glossary of the book. London, G. Allen & Unwin, 1960.
- GOLDSCHMIDT, Ernest P. The printed book of the Renaissance. New York, Cambridge University Press, 1950.
- GOUDY, Frederic W. Typologia: studies in type design & type making with comments on the invention of typography; the first types legibility and fine printing. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1940.
- Graphic Works of the American Thirties. A book of 100 prints. New York, Da Capo Press, 1977. 216 p. il.
- GROLIER, E. Histoire du livre. Paris, P.U.F., 1954.
- GUIDO, Alfredo. "Libros y bibliófilos". In: Buonocore, Domingo, ed. El mundo de los libros. Santa Fé, Librería Editorial Castellví, 1955, p.253-259.
- GUSMAN, Pierre. L'illustration du livre français des origines à nos jours. Paris, Jacques Harmont, 1945. 2 v.
- HORCH, Rosemarie Erika. "Bibliografia textual". Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (São Paulo) 11(3/4):147-154, jul./dez. 1978.
- HOUAISS, Antônio. Elementos de Bibliologia. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967. 2 v.
- IVINS Jr., William M. Prints and visual communication. Cambridge: Harvard University Press, 1953-1973.
- JENNETT, Seán. The making of books. 2.ed. rev. New York / Washington, Frederick A. Praeger, Publishers, 1967.
- JIMÉNEZ-PLACER, Javier Lasso de La Vega. Manual de documentación: las técnicas para la investigación y redacción de los trabajos científicos y de ingeniería. Editorial Labor, 1969.

- JOHANNOT, Yvonne. Quando la livre devient poche: une sémiologie du livre au format de poche. Presses Universitaires de Grenoble, 1978. 197 p.
- KELLY, Celso. Arte e comunicação. Rio de Janeiro: Agir; Brasília, INL, 1972.
- KOOPMAN, Harry Lyman. The Booklover and his books. Boston, The Boston Book Company, 1917.
- LABARRE, A. Histoire du livre. Paris, P.U.F., 1970.
- LABORDERIE, Fernand & Boisseau, Jean. Toute l'imprimerie: les techniques et leurs applications. Paris, Dunod, 1954.
- LEE, Brian North. British bookplates: a pictorial history. David & Charles, 1979. 160 p. il.
- LEE, Marshall. Bookmaking: the illustrated guide to design & production. New York, R.R. Bowker Company, 1965.
- LE MENACH, Guy. Initiation à la technique du livre et à la bibliophilie. Paris, Nouvelles Éditions Debresse, 1957. 188 p.
- LEWIS, John. Typography, basic principles. London / New York, Studio Vista / Reinhold, 1967.
- The twentieth century book. London, Studio Vista, 1967.
- Type and illustration. London, Faber and Faber, 1956.
- Printed ephemera. London, Faber and Faber, 1969.
- LEYS, Alberto Fernandes. Del anti-libro ao libro de arte tipográfica. Universidad (Santa Fé) 63:251-270, ene./mar. 1965.
- LIER, Henri van. "Objeto e estética". In: Semiologia dos objetos. Petrópolis, Vozes, 1972, p.127-156.
- LIMA, Lauro de Oliveira. "O livro como instrumento civilizatório". Revista de Biblioteconomia de Brasília, 5(2):579-600, jul./dez. 1977.
- LISBOA, Irene, org. Inquérito ao livro em Portugal, II: A arte do livro. Lisboa, Seara Nova, 1946.
- "O livro como forma de arte". Folha de São Paulo, 23 março 1980, p.52.
- "Livro e imagem". REMAC, abril 1977, 15(145):xiv.
- "Livros e ilustrações". REMAC (Rio de Janeiro) abril 1977, 15(145): 49-50.
- McMURTIE, Douglas C. The book: the history of printing and bookmaking.

- New York. Oxford University Press, 1948.
- MAGALHÃES, Aldísio et alii. Editoração hoje. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1975. 300 p.
- MALLARMÉ, Stéphane. "Le livre, instrument spirituel". In: —. Oeuvres complètes. Paris: Gallimard, 1945, p.378-382.
- MARINACCIO, Anthony. Exploring the graphic arts. 2.ed. Princeton, New Jersey, D. Van Nostrand Company, 1959.
- MARTIN, Gérard. L'imprimerie. 3.ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
- MARTINS, Wilson. A palavra escrita. São Paulo, Anhembi, 1957. 549 p.il.
- MASSA DE GIL, Beatriz et alii. Diccionario técnico de biblioteconomía: español-inglés / Technical dictionary of Librarianship: english-spanish. Mexico, Editorial F. Trillas, 1964.
- MATISSE, Henri. "Comment j'ai fait mes livres". In: Anthologie du livre illustré par les peintres et sculpteurs de l'École de Paris. Paris, Skira, 1946.
- MELD, José Barboza. Síntese histórica do Livro. Rio de Janeiro, Leitura, 1972.
- MOLES, Abraham. Teoria da informação e percepção estética. Trad. de Helena Parente Cunha. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969. 308p.
- "Objeto e comunicação". In: Semiologia dos objetos. Petrópolis, Vozes, 1972, p.9-41.
- "Valeurs artistiques de l'objet" e "La collection". In: —. Théorie des objets. Paris, Éditions Universitaires, 1972, p.129-148.
- MORAES, Rubens Borba de. O bibliófilo aprendiz: prosa de um colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. 2.ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1975.
- MORISON, Stanley. First principles of typography. Cambridge University Press, 1951.
- MORNAND, Pierre. Vingt deux artistes du livre. Paris, Le Courrier Graphique, 1948.
- Vingt artistes du livre. Paris, Le Courrier Graphique, 1950.

- NÉRET, Jean Alexis. Histoire illustré de la librairie et du livre français, des origines à nos jours. Paris, Lamarre, 1953.
- Oeuvre graphique de Gustave Doré. Paris, Arthur Hubschmid, éditeur, 1977. 2 v.
- OTLET, Paul. Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles, Editions Mundaneum, 1934.
- PATRI, Aimé. "Mallarmé et la musique du silence". La Revue Musicale (Paris) 210, jan. 1952.
- PIGNATARI, Décio. Informação. Linguagem. Comunicação. São Paulo, Perspectiva, 1976. 147 p.il.
- RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro, Ed. Codecri, 1978. 512 p.il.
- RICHAUDEAU, F. "Mac Luhan ou Escarpit? L'avenir du livre". Communication et langage (Paris) 25, 3e.trimestre 1975.
- ROUYEYRE, Édouard. Connaissances nécessaires à un bibliophile. Paris, Edouard Rouveyre, Éditeur, 1899. 10 v.
- SANTA ROSA. Roteiro de arte. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1952.
- SAUNIER, Charles. Les décorateurs du livre. Paris, F. Rieder et Cie., Éditeurs, 1922. 130 p.
- "Serigrafia, o processo artístico de acesso fácil". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 17 jan. 1973, Cad. B, p.10, il.
- SPANGLER, Kathleer. "A Nova imagem da serigrafia". REMAC (Rio de Janeiro) 9(97):36-42, abril 1973.
- TANSELLE, Thomas. "L'identification de caractères dans la bibliographie descriptive". Arts et techniques graphiques (Paris) 86, sept./oct. 1972.
- TEIXEIRA, Anísio. Cultura e tecnologia. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971.
- THOMAS, Alan G. Great books and book collectors. New York, G.P. Putnam's sons, 1975.
- VALÉRY, Paul. Divers écrits sur Stéphane Mallarmé. Paris, 1952.
- VAUCAIRE, Michel. La bibliophilie. Paris, Presses Universitaires de

France, 1970. 128 p.

VERVLIET, H.D.L., ed. Liber librorum: 5.000 ans d'art du livre.

Bruxellas, Arcade, 1973. 511p.il.

VICTOR-MICHEL, V.P. Essai sur le livre de qualité. Paris, Compagnie Française des Arts Graphiques, 1948.

#### O LIVRO BRASILEIRO

AMARANTE, Leonor. "Ilustração: os problemas em debate". O Estado de S. Paulo, 30 dez. 1979, p.24.

ANDRADE, Carlos Drummond de. "O livro em forma de Alumbramento (ou o Alumbramento em forma de livro)". Jornal do Brasil, 29 jun. 1978, Cad. B, p.5.

"A arte da reprodução manual". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 20 jan. 1975.

"Arte para todos". Cultura (Brasília) 3(9):120, jan./mar. 1973.

AUTRAN, Margarida. "Fayga Ostrower, a forma das cores". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 15 set. 1971, Cad.B, p.8.

AZEVEDO, Fernando de. "Fayga Ostrower". Colóquio: artes (Lisboa) 19 (33):74, jun. 1977.

BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. Imprensa Nacional (officina oficial), 1808-1908: apontamentos históricos. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

BENTO, Antônio. "A gravura brasileira contemporânea". Cultura (Brasília) 7(27):67-83, out./dez. 1977.

— "A Semana de 22: pintura". Cultura (Brasília) 2(5):22-41, mar. 1972.

BERGER, Paulo. [Texto introdutório, em português e em inglês, sobre Guillobel]. In: Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel. São Paulo, Cândido Guinle de Paula Machado, 1978.

"Bienal Internacional do Livro de Arte: 1971/72". REMAQ (Rio de Janeiro) 10(99):47, jun. 1973.

BITTENCOURT, Álvaro. "Bibliografia vernácula". Mirante das artes, etc. (Rio de Janeiro) 2:55, mar./abril 1967.

BRAGA, Theodoro. Para a posteridade: artistas pintores no Brasil. São

- Paulo, São Paulo Ltda, 1972. 251 p.il.
- BRASIL. Departamento de Imprensa Nacional. 150 anos de tipografia oficial: seleção de cento e cinquenta livros e periódicos impressos de 1808 a 1958, nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional.
- CABRAL, Alfredo do Valle. Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1808 a 1822. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1881, xlix.
- CARNEIRO, Levi. "O problema do livro nacional". Estudos Brasileiros (Rio de Janeiro) 1(1):83-105, jul./ago. 1938.
- CLÁUDIO, José. "As artes no nordeste". Cultura (Brasília) 8(30):65-77, jul./dez. 1978.
- "Confraria dos Amigos do Livro: livros que você quer, a preços que você pode". Arte hoje (Rio de Janeiro) 1(1), jul.1977.
- CORDEIRO, Leny. "O livro como raridade". Arte hoje (Rio de Janeiro) 1(7):8-12, jan. 1978.
- COURI, Norma. "Dez anos de Alumbramento: arte vivaz e não sinal ao vento". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 27 jun. 1978, Cad.B, p.10.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. "Vinte álbuns de estampas do Rio de Janeiro". O Jornal (Rio de Janeiro) 19 mar. 1965, Suplemento comemorativo do IV Centenário do Rio de Janeiro, p.106,108,109,115, 117.
- [Texto introdutório]. In: Souvenirs de Rio de Janeiro, dessins d'après nature, Bâle, J. Steinmann, 1839. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1967.
- "Frederico Huilherme Briggs e sua oficina litográfica". In: Ludwig and Briggs. Lembranças do Brasil. Rio de Janeiro, SEDEGRA; Biblioteca Nacional, 1970.
- [Texto introdutório]. In: Álbum cartográfico do Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971.
- [Texto introdutório]. In: O Barão von Löwenstern no Brasil: 1827-1829. São Paulo, Gráficos Brunner, 1972.
- "Notícia histórica". In: Oficina tipográfica, calcográfica e literária do Arco do Ceço, Lisboa. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional,

Divisão de Publicações de Divulgação, 1976.

CÚRID, Nestor Wanderley. "O precursor da arte da gravura no Brasil".

Dom Casmurro (Rio de Janeiro) 25 dez. 1943, 3<sup>o</sup> cad., p.27.

DAMASCENO, Darcy. "Biblioteca Nacional: manuscritos iluminados e documentos preciosos". Cultura (Brasília) 4(13):100-107, abr./jun. 1974.

"Os desenhos de Tarsila". Cultura (Brasília) 3(9):127, jan./mar. 1973.

DIAS, Antônio Caetano. Catálogo das obras raras ou valiosas da Biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945. 67 p.

"Edições Alubrimento: livros de arte brasileiros". Correio Braziliense (Brasília), 6 ago. 1978, p.8.

"Eles são loucos por livros". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 20 ago. 1970, Cad.B, p.4.

ESCOREL, Ana Luisa. Brochura brasileira: objeto sem projeto. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, INL, 1974. 91 p.

FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. 279 p. il.

FONSECA, Edson Nery da. "Aspectos bibliográficos de um livro de arte". Diário de Pernambuco (Recife) 29 abr. 1979.

FREYRE, Gilberto. Arte & Ferro: em torno de portões, varandas e grades do Recife velho. Texto de Gilberto Freyre; serigrafias de Lula Cardoso Ayres. Recife, Ranulpho Editora de Arte, 1978.

— "O livro belo". In: —. Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. org. de José Antônio Gonsalves de Mello. São Paulo: IBRASA; Brasília, INL, 1979. v.2, p.219-221.

FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Produção de livros no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1971.

GALVÃO, Walmes Nogueira. "José Mindlin, garimpeiro das edições mais raras". Senhor, Vogue, 3:68-73, jun. 1978.

- HOLLANDA, Gastão de. "Escritura". In: Escritura, Rio de Janeiro, Gastão de Holanda e Cecília Jucá, 1973.
- "In Memoriam de Raymundo de Castro Maya". Cultura (Rio de Janeiro). 14:14-62, ago. 1968.
- KLITOWITZ, Jacob. "Praxis Propaganda São Paulo". Graphis, 201:46-57, 1979/80.
- LAGOS, Manuel Ferreira. "Elogio histórico do padre mestre Frei José Mariano da Conceição Vellozo". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro) 2(5):40-51, 1858, Suplemento.
- LEITE, José Roberto Teixeira. A Gravura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1966.
- "Um livro de arte documenta a vida dos índios do Xingu". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), 17 dez. 1979, Cad.B, p.10.
- "Macunaíma: um livro: a rapsódia, interpretada e ilustrada". O Globo (Rio de Janeiro) 5 out. 1979, p.35.
- "Mário ilustrado por Di". Cultura (Brasília) 6(22):126, set. 1976.
- "Massao Ohno, a poesia no mercado editorial". Correio Braziliense (Brasília) 5 out. 1979, p.19.
- MELLO, José Barboza. "O livro no Brasil". In: —. Síntese histórica do livro. Rio de Janeiro, Leitura, 1972, p.325-335.
- MENDONÇA, Casimiro Xavier de. "Um passado recente: um livro e um caderno levantam o itinerário de São Paulo dos anos 20 até hoje". Veja (São Paulo) 21 nov. 1979, p.88-92.
- "Milton Dacosta em álbum". Arte hoje (Rio de Janeiro) 6(1):8, dez.1977.
- MIRANDA, Francisco Gonçalves. Memória histórica da Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922. 155 p.il.
- MONTELLLO, Josué. "O livro como obra de arte". Manchete (Rio de Janeiro) 4 dez. 1976, p.112-113.
- MUSEU de Arte Moderna de São Paulo. História da tipografia no Brasil. Pref. da P.M. Bardi; introdução de Cláudia Mrino Semeraro. Museu de Arte de São Paulo; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1979. 277 p.il.
- NEIVA, Graça. "Jorge Amado no traço de Carybé". Arte hoje (Rio de Ja-

- neiro) 2(14):46-47, ago. 1978.
- OLINTO, Lúcia. "A Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya". Cultura (Brasília) 5(17):5-16, abr./jun. 1975.
- "A paixão medida". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 30 ago. 1980, Cad. B, p.12.
- PLACER, Xavier. "O dinamismo editorial da Biblioteca Nacional". Cultura (Brasília) 5(18):34-40, jul./set. 1975.
- PONTUAL, Roberto. Dicionário das artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.
- Scliar: o real em reflexo e trans-figuração. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. 215p.il.
- "Na seqüência das edições". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 22 jan. 1980, Cad.B, p.9.
- RANGEL, Alberto. Trasanteontem: episódios e relatos. São Paulo, Livraria Martins, 1943. 241 p.
- . "The Landseer Sketchbook". In: Ladseer. São Paulo: Cândido Guinle de Paula Machado, 1972, p.136-153.
- RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822. Rio de Janeiro, Kosmos, 1945.
- SANTOS, Francisco Marques dos. "O ambiente artístico fluminense à chegada da missão francesa em 1816". Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Rio de Janeiro) 5:213-240, 1941.
- "A litografia no Rio de Janeiro, sua instituição, primeiros mestres, alunos e trabalhos". RSPHAN (Rio de Janeiro) 1(1):46-49, 1937.
- "José Joaquim Viegas de Menezes". RSPHAN (Rio de Janeiro) 2:229-245, 1938.
- "Dois artistas franceses no Rio de Janeiro". RSPHAN (Rio de Janeiro) 3:123-148, 1939.
- "Iconografia brasileira". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro) 19:349-354, 1956.
- "As Belas-Artes no Primeiro Reinado (1822-1831)". Estudos Brasileiros (Rio de Janeiro) 4(11):471-515, mar./abr. 1940.
- "As Belas-Artes na Regência. (1831-1840)". Estudos Brasileiros (Rio

de Janeiro) 9(25-27):16-150, jul./dez. 1942.

- SILVA, Oswaldo P. Gravuras e gravadores em madeira: origem, evolução e técnica da xilografia. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941.
- SEMERARO, Cláudia Marino. "Início e desenvolvimento da tipografia no Brasil". In: Museu de Arte de São Paulo, História da tipografia no Brasil. Museu de Arte de São Paulo, 1979, p.5-21.
- SMITH, Robert C., "Arte". In: Moraes, Rubens Borba de. Manual bibliográfico de estudos brasileiros. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Souza, 1949, p.7-100.
- "Brazilian Art". In: Handbook of latin american studies. Gainesville, University of Florida Press, 1963-
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. Livro sobre livros. São Paulo, HUCITEC, 1978. 237p.
- VALLADARES, Clarival do Prado. "O sentimento comunitário na obra de Cândido Portinari". Cultura (Brasília) 1:6-27, jan./mar. 1971.